



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**NUNO FERNANDO DE SÁ VILAS BOAS**

**A Pastoral do Turismo  
Da peregrinação ao Santuário**

**Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor José Paulo Leite de Abreu**

**Braga**

**2012**

## **SIGLÁRIO**

**AAS ACTA** Apostolicae Sedis

**DGPT DIRECTÓRIO** Geral «Peregrinans in Terra» para a Pastoral do Turismo

**GS CONSTITUIÇÃO** Pastoral «Gaudium et Spes», sobre o Igreja no mundo actual

**LE** Encíclica «Laborem Exercens», sobre o homem e o trabalho

**OPT** Orientações para a Pastoral do Turismo

**SRS** Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis», sobre a preocupação social da Igreja

«Há homens e mulheres cuja existência assinala a resposta a um apelo pessoal, ou na procura sincera de Deus, ou no respeito, sem falha, do seu semelhante. Nós somos apenas o companheiro sem nome de Cléofas que caminha com o invisível que interroga. Nós caminhamos perguntando-nos continuamente sobre o sentido da nossa própria marcha»<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> José Augusto MOURÃO, *A Palavra e o Espelho*, Paulinas, Lisboa, 2000, 173-174.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta de um modo breve e esquemático alguns quadros relacionados com a pastoral do turismo (religioso) e caminho que se percorre e ainda há a percorrer das peregrinações ao santuário. O tema aqui apresentado revela uma grande actualidade e solicitude para a Igreja e para o mundo. Num primeiro andamento, em conversa com o Doutor José da Silva Lima, resolvemos centrar-nos nesta dimensão da mobilidade: o fenómeno do turismo, deixando de parte o fenómeno das Migrações.

Num segundo andamento, guiado agora pelo Doutor José Paulo Abreu, empreende-se uma viagem que pretende sublinhar alguns temas mais proeminentes sobre o fenómeno da mobilidade mas, acima de tudo, sobre o fenómeno do turismo, mormente o turismo religioso, que se manifesta com uma certa proximidade nos Santuários e nas peregrinações. Tantas vezes o turista peregrino e o peregrino turista se misturam e outras se deixam converter e transformar o seu horizonte religioso e humano.

Todavia, observa-se que, neste fenómeno em crescendo, a humanidade consagra e investe parte do seu tempo livre, da sua vida para sair, para conhecer-se, isto é, fazendo como que uma peregrinação interior, no contacto com outras pessoas e culturas, com novas realidades, novas gramáticas, etc. É neste átrio de tanto encontro de diferenças, de tantas pessoas com uma história, com um rosto, com um nome, com uma motivação que a Igreja é chamada também a estar, a peregrinar, ao lado, ou melhor, a ser lado acompanhando com humanidade este fenómeno do Turismo, mediante uma pastoral que saiba acolher, gerar, servir e enviar.

O primeiro capítulo tem como título o *Tempo do Turismo* e pretendemos destacar ao longo da história da humanidade, alguns períodos mais significativos, onde se percebe que algumas condições foram reunidas para o surgimento e evolução deste fenómeno antigo e complexo. A história conta-nos que o ser humano, continuamente procura(-se) sentido e significado no quotidiano e, por isso, é impelido por um combinado de motivações: religião, prazer, educação, saúde, trabalho, tempo livre, etc.

Os números que a Organização Mundial do Turismo apresenta traduzem uma realidade certa: o fenómeno do turismo continua em ascensão<sup>2</sup>. A chamada aldeia global mostra-se com as suas «muralhas devassadas»<sup>3</sup>, ou seja, a nível cultural e social, mormente a música, o desporto, o cinema, as tecnologias de informação e o turismo foram preponderantes para esta nova forma de encontro.

A par desta situação, procurar-se-á saber se é possível ou útil delimitar ou definir o conceito de turismo, percebendo e intuindo a sua evolução ao longo da história, assim como os desafios que o próprio termo comporta e lança na actualidade. Nesta linha, o fenómeno da globalização<sup>4</sup> apresenta-se cada vez mais como um passaporte para a mobilidade de pessoas e coloca ao turismo o grande desafio de conjugar e respeitar tanta diferença. Porém, será que a globalização tem gerado irmãos ou vizinhos? Tem unido ou dividido?

Actualmente, o ser humano tende a descobrir e a querer (re)encontrar-se com a cultura e a religião, mormente no que concerne aos costumes e estilos de vida que o passar dos anos dificilmente vai apagando. Os patrimónios históricos e arquitectónicos (santuários), o património religioso, designadamente as peregrinações e as festas religiosas, são os alvos que os turistas apontam com maior incidência.

O segundo capítulo, intitulado *Turismo religioso: da Peregrinação ao Santuário*, pretende desenhar um breve quadro sobre estes três fenómenos: a peregrinação, o turismo religioso e o santuário.

No final do século XX, o turismo religioso registou um desenvolvimento extraordinário. Segundo a *World Religious Travel Association* (WRTA), as viagens direccionadas para os locais sagrados das diversas crenças tendem a aumentar de forma dramática, agora e no futuro

---

<sup>2</sup> De acordo com os dados da Organização Mundial do Turismo, em meados do século XX existiam 25 milhões de turistas internacionais, em 2000 eram 698 milhões e prevê para 2020, cerca de 1.600 milhões.

<sup>3</sup> José Paulo ABREU, «O século XX ou...As Muralhas Devassadas», conferência proferida no Instituto Superior de Teologia e Ciências Humanas de Viana do Castelo a 19 de Fevereiro de 2003.

<sup>4</sup> A globalização é «o processo de inter-coesão económica, política, social e cultural possibilitada pela tecnologia da informação e da comunicação, que articula determinadas pessoas e organizações governamentais ou não, criando dinâmicas complexas de relação» José-Roman FLECHA, *Moral Social. La vida en comunidad*, Ediciones Sígueme, vol. 84, Salamanca, 2007, 461.

próximo. As receitas geradas pelo Turismo religioso podem rondar actualmente 18 mil milhões de euros em todo o mundo<sup>5</sup>.

O turismo religioso parece despontar do contexto das peregrinações (e romarias), onde cada homem e mulher caminha em direcção a um centro (de si), a um santuário, deixando-se transfigurar, abrindo-se à novidade e à alteridade que as suas vidas anseiam. De facto, a interactividade entre a dimensão da fé e da festa são o enorme motor que promove o desenvolvimento do turismo religioso, assim como impulsiona muitos peregrinos e turistas a “caminhar”, a construir a sua identidade fragmentada (e a procurar o imaterial e o simbólico), com motivações díspares, até a um lugar sagrado, um centro: o santuário, onde o peregrino e turista, no espaço e no tempo pode tocar e ser tocado (mediante uma relação e diálogo), onde aquela experiência é oportunidade de formação de identidade, de abertura à fé, de transcendência e de avistar aquele «rasgão de infinito»<sup>6</sup>.

Todavia, a humanidade «caminha [...] como se todo o corpo estivesse erguido na pergunta»<sup>7</sup>. Mas é nesta pergunta que o homem e a mulher (*homo viator*) se descobre como livre, envolvido de «uma resposta irrespondível»<sup>8</sup>, descobre-se como ser humano criado, chamado a celebrar a sua dignidade (humana e divina). Neste sentido, o terceiro capítulo deste trabalho versará sobre uma possível *Teologia do Turismo*, desembocando num campo teológico, bíblico, antropológico e ético sobre alguns temas, tais como: o trabalho, a festa, a dignidade da pessoa e a ecologia.

Primeiramente apresentamos algumas directivas para que o fenómeno do turismo possa estabelecer um diálogo sadio com as várias dimensões que o tecem, mormente: o tempo

---

<sup>5</sup> Cf. [www.digital.ipcprintservices.com/publication/?i=41641](http://www.digital.ipcprintservices.com/publication/?i=41641), (consultado a 06/10/2010).

<sup>6</sup> Carlos SILVA, «O Lugar do Divino Vislumbre», in ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE FÁTIMA, *O Presente do Homem – o Futuro de Deus. O lugar dos Santuários na relação com o Sagrado*, Congresso de Fátima (10-12 de Outubro de 2003), coordenação Faculdade de Teologia – UCP, Fátima, 2004, 200.

<sup>7</sup> Sophia M. BREYNER, *Contos Exemplares*, ed. Portugal, Lisboa, s.d., 155.

<sup>8</sup> Cf. Karl RAHNER, *O desafio de ser cristão*, Vozes, Petrópolis 1978, 18-19.

imperativo – o trabalho –, mediante o qual se recria, realiza e faz-se «matéria»<sup>9</sup>; o tempo de graça – o lazer –, onde tempo livre surge como «possibilidade de realização pessoal e como espaço de criatividade, como um direito que contribui para a plena dignidade da pessoa»<sup>10</sup>, sublinhando a necessidade de aprender uma ecologia interior e exterior que salva e capaz de inaugurar uma nova ética, isto é, um novo modo de relação com os outros e com a natureza, com a criação de Deus. Assim, partindo de Abraão, passando por Moisés, até Jesus Cristo, procurar-se-á apresentar um caminho de Vida e Verdade, proposto e “apontado” por Deus, para que no tempo livre, de viagem e de peregrinação o turista e peregrino possam ser abraçados pelo dinamismo pascal de Jesus Cristo.

Por fim, no último capítulo – *A Pastoral do Turismo* – tentaremos destacar a presença e acção pastoral da Igreja peregrina diante do fenómeno do turismo, das peregrinações e dos Santuários. De facto, ao longo destes últimos 5 decénios, a Igreja tem sido interpelada pelo turismo. Percorrendo alguns documentos elaborados pelo Magistério sobre esta questão, sublinhar-se-á a atenção e solicitude da Igreja na busca de novas formas de pastoral, de dialogar e se relacionar (educando) com o mundo contemporâneo.

Na realidade, desde Pio XII a Bento XVI, o mundo tem sofrido enormes mudanças culturais, religiosas e éticas. Por isso, a Igreja encara os novos areópagos e sinais dos tempos como uma oportunidade única de evangelização, mediante a inculturação da fé ou o processo de encarnação do anúncio de salvação no coração de cada pessoa e comunidade turística.

Continuando a explorar os documentos emanados pelo Magistério, incidiremos uma particular atenção nos documentos: *Directório Geral «Peregrinans in Terra» para a Pastoral do Turismo* (1969) e a carta *Igreja e Mobilidade Humana* (1978), *Orientações para a*

---

<sup>9</sup> «Pelo trabalho o homem faz-se matéria como Cristo pela Eucaristia». Simone WEIL, *A Gravidade e a Graça - Mística do Trabalho*, Relógio d'Água, Lisboa, 2004, 177-179.

<sup>10</sup> Cf. «Orientamenti per la Pastorale del Turismo» (29.06.2001), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla Pastorale del Turismo*, Libreria Editrice Vaticana, prima edizione, Città del Vaticano, Maggio 2009, n° 9, 258.



*Pastoral do Turismo*<sup>11</sup> (2001). A partir deles, urge perceber como será possível a Igreja e a pastoral do turismo, (das peregrinações e dos santuários) conciliar e caminhar lado a lado nestes novos areópagos de evangelização<sup>12</sup>.

Nesta linha, analisando 3 pilares – o anúncio da Palavra (*kerigma*), a celebração do mistério da salvação (*liturgia*) e o ministério à vida humana (*diaconia*) –, onde a comunidade eclesial assenta, tentaremos destacar a importância de uma pastoral (dos santuários, peregrinações e do turismo religioso) capaz de acolher, “gerando e cuidando” o peregrino e o turista com criatividade, humanidade, sensibilidade e fraternidade, respeitando os limites culturais, religiosos e sociais de cada um.

Em suma, este breve trabalho assentará na contínua procura de melhor perceber como aproximarmo-nos de Deus e do próximo. O caminho aqui proposto intenta descobrir e interroga a possibilidade de um renovado modo de viver como Cristo o turismo, no santuário ou em peregrinação; compreender que é preponderante traçar um plano vivencial e formativo de todos os implicados no fenómeno do turismo. A Igreja surge neste mundo com a decisiva missão de, com humanidade, ser evento de relação e revelação dos rostos humanos entre si e com Deus, o rosto de salvação<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> A partir de agora será citado com a sigla OPT.

<sup>12</sup> «Il turismo può essere considerato, senza dubbio, come uno di quei nuovi areopaghi di evangelizzazione, uno di quei “vasti campi della civiltà contemporanea e della cultura, della politica e dell’economia”, in cui il cristiano è chiamato a vivere la sua fede e la sua vocazione missionaria». OPT, n°18, 264.

<sup>13</sup> Cf. Carlo MAZZA (ed.), *Sulle strade dell’anima. Per un turismo dal volto umano*, San Paolo, Milano, 2004, 111-117.

**I CAPÍTULO**

## **O Tempo do Turismo**

## 1. As raízes do turismo

Sabemos que desde sempre a mobilidade faz parte da experiência humana. Isto fez com que o ser humano a considerasse, não só como um facto regular, mas também, em certas circunstâncias, agradável. A história conta-nos que a mulher e o homem sempre procuraram responder às mais variadas motivações, tais como, a religião, o prazer, a educação, a saúde, o trabalho, o tempo livre, a descoberta, etc.

A génese do turismo atravessa os mais diversos meandros da história das civilizações, desde as mais remotas da Grécia antiga (com a construção de equipamentos de lazer, recreio e desporto, tais como circos, teatros e anfiteatros) ao período da romanização (saunas, corridas, arenas, espectáculos, etc.). A oferta de equipamentos e infra-estruturas da área do lazer e do recreio é observável noutros locais e momentos temporais ainda mais remotos, tais como no Crescente Fértil e antiga Babilónia (jardins suspensos) e na civilização dos Mayas (Tikal).

O conceito de turismo surge em 1811 de um modo visível, com uma conotação negativa, pois era ligado ao facto de certas famílias inglesas de classe trabalhadora viajarem meramente por prazer, denominado depreciativamente de «sublime turismo *cokney*»<sup>14</sup>. Mas não podemos esquecer que é no final do século XVII e início do século XVIII<sup>15</sup> que raia um fenómeno designado por “The Tour”, onde os jovens aristocratas ingleses, acompanhados com os seus preceptores, realizavam uma viagem por toda a Europa com uma duração prevista de seis meses a dois anos. O intuito desta viagem fundava-se numa «esperança

---

<sup>14</sup> Stephen L. SMITH, «A Dimensão do Turismo Global: Velhos Debates, Novos Consensos e Desafios Contínuos», in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, Coleção Ciência e Técnica, Instituto Piaget, Lisboa, 2007, 46.

<sup>15</sup> Este é o século de todas as revoluções na Inglaterra: industrial, agrícola, financeira e turística. Cf. Marc BOYER, *História do Turismo de Massa*, Editora Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), Bauru (São Paulo), 2003, 39.

cultural e formativa»<sup>16</sup> (pedagógica) de modo a tornar o jovem nobre num *gentleman*, num senhor distinto, sem preconceitos, aberto à novidade e aceite nas Cortes<sup>17</sup>.

Quando falamos acerca das raízes deste fenómeno importa ainda sublinhar a personagem de Thomas Cook, «o precursor do chamado turismo moderno»<sup>18</sup>. Com o seu espírito empreendedor organizou, promoveu e vendeu viagens a preços reduzidos<sup>19</sup>. A 5 de Julho de 1841 agregou cerca de 600 pessoas pela primeira vez numa “viagem organizada” entre Leicester e Loughborough. Além disso, foi fundador de agência de viagens que detinha o seu nome e mais tarde passou a designar-se de *Wagons-Lits*<sup>20</sup>.

Marc Boyer vem afirmar que o turismo que hoje em dia vemos é herdeiro das formas elitistas, isto porque o número de pessoas que o podem usufruir aumentou. Advoga que na origem de tudo está a «*invenção do inútil*»<sup>21</sup> por alguém da alta sociedade que durante os séculos XVIII, XIX e inícios do XX se limitava à “*imitação*” de tendências, opções e estilos de vida (termalismo, montanha, praia, desporto, etc.). Porém, com a Primeira Grande Guerra Mundial e o *Crash* da Bolsa de 1929, as elites perderam poder monetário e novos modelos se erguerão: o da “*difusão*”, onde o turismo é cada vez mais acessível e mais permeável a outras classes sociais. No início do século XX, a burguesia enriquecida, graças ao seu empreendedor labor foi ascendendo na hierarquia social, começa paulatinamente a experimentar o turismo. Até então, os valores do ócio, lazer e prazer dificilmente trespassavam a burguesia<sup>22</sup>.

No entanto, em 1936 opera-se uma importante mudança. Os trabalhadores conquistam o direito de usufruir de férias remuneradas. Até aí o turismo era dominado pelas altas classes

---

<sup>16</sup> Cf. Norberto TONINI, *Etica e Turismo. La Sfida Possible*, San Paolo edizioni, col. Problemi dibattiti, Milano, 2010, 35. «Passeando a pé – logo, sendo um turista – o jovem aprendia a vida». M. BOYER, *op. cit.*, 57.

<sup>17</sup> Cf. *Id.*, 22.

<sup>18</sup> N. TONINI, *op. cit.*, 15.

<sup>19</sup> Cf. M. BOYER, *op. cit.*, 8-9.

<sup>20</sup> Cf. LAROUSSE-ENCICLOPEDIA MODERNA, «Turismo», Círculo de Editores, volume18, Edição nº 6894, 2009, 2018.

<sup>21</sup> M. BOYER, *op. cit.*, 31.

<sup>22</sup> Cf. *Id.*, 32-38.

sociais, pelas elites e «no fim do século 19, ainda não se falava em folgas remuneradas, em férias para a população»<sup>23</sup>.

É com a Revolução Industrial que germina uma nova mentalidade de trabalho que asfixiará o trabalhador e, conseqüentemente, também uma nova aceção do termo férias.

As horas de trabalho serão avassaladoras e os dias de folga diminuirão<sup>24</sup>. Por volta de 1840 na Grã-Bretanha apenas restava o Natal e a Sexta-feira Santa e a carga de trabalho era cada maior e mais opressora<sup>25</sup>. Mas em 1892 é institucionalizado o *week-end*, onde o operário tem a oportunidade de respirar um pouco do trabalho diário.

Entre 1919 e 1939 ocorre um surpreendente avanço legislativo quanto a este assunto em variados países: URSS (1922); Itália (1927); Espanha (1931); França, Portugal, Brasil, etc. (1935-1939)<sup>26</sup>. Estes e outros inscreveram o direito às férias remuneradas no seu Código de Trabalho. Portanto, em 1936 os trabalhadores menos favorecidos até então puderam degustar o sabor das suas primeiras férias pagas.

Os trabalhadores têm agora a capacidade de pararem e usufruir do fruto do seu trabalho, do seu rendimento. Todavia, muitos optam por ficar na sua terra, pois o turismo ainda não era o horizonte de muitos trabalhadores. Existiam outras necessidades mais prioritárias que era preciso realizar. Mesmo assim, era libertador ter a possibilidade de as realizar. A partir daqui o turismo popular vai desembocando num turismo de massa, onde a felicidade dos indivíduos, o progresso social e o desenvolvimento económico se misturam<sup>27</sup>.

O fenómeno do turismo de massas, que teve a sua origem na década de 50, depois da II Grande Guerra Mundial, teve grande desenvolvimento entre as décadas de 60-80, devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação, mormente o avião comercial e o *charters* que

---

<sup>23</sup> *Id.*, 98.

<sup>24</sup> «Acabaram-se as festas, as jornadas de trabalho mais curtas no inverno! Se não fosse a resistência da Igreja, o Domingo teria sucumbido». *Id.*, 97.

<sup>25</sup> Além disso, a duração do trabalho chegou às 60 horas semanais e até mais do que isso. Cf. *Id.*, 96.

<sup>26</sup> Cf. *Id.*, 105.

<sup>27</sup> Cf. *Id.*, 144.

permitiram «despoletar uma florescente “indústria” do turismo, suportada em grandes operadores turísticos (grossistas), ramificada em cadeias de agências de viagens (retalhistas), e em pólos de alojamento comercial a nível de áreas-destino»<sup>28</sup>. As distâncias ficam agora mais curtas. Também, o automóvel permitiu às pessoas deslocarem-se com mais facilidade, contribuindo para o desenvolvimento das vias de comunicações<sup>29</sup>. A par do automóvel, importa também mencionar a preponderância da publicidade, do rádio e da televisão que influenciam e condicionam directamente o tempo livre das pessoas.

Portanto, pode-se afirmar nos dias de hoje que falar de turismo é falar da sua expansão. O turismo assume-se como uma actividade socioeconómica que gera bens e serviços que satisfazem as necessidades básicas e secundárias das pessoas. A riqueza que ele produz não tem limites, as fronteiras vão sendo devassadas e o tempo é cada vez mais relativo e ilimitável. Este é um progresso gigantesco, lucrativo e global que deverá ser acompanhado por um sério e exigente desenvolvimento sustentável. Importa cuidar de perto este “universo em expansão” para que possa derivar cada vez mais em qualidade e não somente em quantidade.

## **2. Turismo e globalização**

Actualmente, vivemos num ritmo ainda mais veloz e, mais facilmente, o tempo e o espaço é superado. «A superação do espaço ou, se quisermos, a crescente planetarização da

---

<sup>28</sup> Carlos COSTA, «Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo», in *Análise Social*, Volume XL, 175 (2005), 280.

<sup>29</sup> Na realidade o transporte é um elemento chave para o turismo, pois liga o turista ao destino. Cf. Stephen PAGE, «Transporte e Turismo», in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, 173-186.

vida está bem patente em quanto temos e nos rodeia»<sup>30</sup>. O mundo nunca esteve tão próximo e de fácil acesso como nos dias de hoje<sup>31</sup>. As invenções sucedem-se e superam-se entre elas de uma forma bem rápida.

As pessoas movimentam-se mais e cada vez mais facilmente por razões económicas, negócios, ou por ócio, lazer, turismo, etc. A globalização é um termo cada vez mais conhecido na nossa linguagem. Ela apresenta-se como uma expansão e aprofundamento das relações económicas que vai prensando as distâncias e limitações do espaço e do tempo. «Por “globalidade”, entende-se a rede global económica, cultural, turística, científica, técnica e comunicativa. Trata-se do facto de tudo estar ligado a tudo e que tudo tenha influência em tudo [...]. Globalidade significa, além disso, que existe uma auto-consciência dessa rede de interdependências. Assim, ela significa em primeiro lugar a rede e, em segundo lugar, a consciência dessa rede, consumando-se hoje com as modernas tecnologias de comunicação em tempo real»<sup>32</sup>. Contudo, este é um termo que não é consensual: os sociólogos afirmam que é «um processo multidimensional que consiste na expansão por todo o planeta de determinadas manifestações da actividade humana»<sup>33</sup>; os políticos defendem que é «um estado de desenvolvimento planetário sem barreiras, onde tudo está próximo e é acessível»<sup>34</sup>; os economistas advogam que é «a interdependência económica crescente do conjunto de países do mundo, provocada pelo aumento do volume e variedade das transacções de bens e serviços, bem como de fluxos internacionais de capitais, simultânea à difusão acelerada e generalizada da tecnologia»<sup>35</sup>. No entanto, José-Roman Flecha apresenta uma interessante

---

<sup>30</sup> José Paulo ABREU, «O século XX ou...As Muralhas Devassadas», conferência realizada no Instituto Superior de Teologia e Ciências Humanas de Viana do Castelo (19 de Fevereiro de 2003).

<sup>31</sup> «Esse processo leva à constatação de que o mundo é um espaço único e que o globo tem vindo a ser comprimido, aponto de formar um só lugar». Carlos FORTUNA, *Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de Sociologia*, Celta Editora, Oeiras, 2001, 87.

<sup>32</sup> Miguel Dias COSTA, «Implicações ético-políticas da globalização como Ideologia», in *Brotéria*, 159 (2004), 441-452.

<sup>33</sup> J. TAMAYAO-ACOSTA (dir.), *10 palabras clave sobre Globalizacion*, Editorial Verbo Divino, Pamplona, 2002, 89.

<sup>34</sup> *Id.*, 20.

<sup>35</sup> *Id.*, 19.

visão e definição, afirmando que a globalização é «o processo de inter-coesão económica, política, social e cultural possibilitada pela tecnologia da informação e da comunicação, que articula determinadas pessoas e organizações governamentais ou não, criando dinâmicas complexas de relação»<sup>36</sup>.

Vivemos em tempos de livre-trânsito, de “muralhas devassadas” que permitem as pessoas encontrarem-se e aí aprenderem a honrar a diferença.

A nível social e cultural reparamos que a indústria cinematográfica concebeu uma certa estandardização de hábitos norte-americanos (jeans, t-shirts, penteados, bebidas, *fast-food*, etc.)<sup>37</sup>. As tecnologias de informação são nos dias de hoje um precioso instrumento de comunicação, transacção de ideias, produtos, tendências, etc.<sup>38</sup>. Nesta linha, a globalização apresenta-se cada vez mais como um passaporte para a mobilidade das pessoas (turismo, migração). Aí nasce o grande desafio actual de conseguir agregar tanta diferença, de conseguir respeitar as culturas<sup>39</sup>, os costumes, e principalmente, a pessoa. E a solução não está em encostar a porta àqueles que buscam uma esperança, uma oportunidade, um momento de paz, de descanso, de cultura, etc.

Podemos ainda citar três exemplos que em muito contribuíram e ainda o fazem para esta aproximação de povos e culturas: a música, desporto e o turismo. «A música *rock, soul, pop*, deu o primeiro passo concreto no caminho das convivialidades planetárias [...]; propôs uma nova relação com o carisma e com o mito, relação de partilha e não de poder; realizou o milagre de reunir, de maneira absolutamente não violenta, grandes multidões que se tornaram totalidades sem nunca deixarem de ser agrupamentos de indivíduos autónomos; [...]

---

<sup>36</sup> J.-Roman FLECHA, *Moral...*, 461.

<sup>37</sup> Cf. Carlos FORTUNA, *op. cit.*, 84.

<sup>38</sup> Cf. Kevin MEETHAN, «Empresas transnacionais, Globalização e Turismo», in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, 135-136.

<sup>39</sup> «Em primeiro lugar, o fenómeno da globalização económica e cultural tornou a comunicação, no interior de uma cultura de massas, independente da sua referência à cultura específica de cada pessoa que comunica, de tal forma que, convivendo numa aldeia global, convivemos na indiferença cultural, ou seja sem comunicação profunda de culturas». Olga Fernandes DUQUE e João Manuel DUQUE, *Educar para a Diferença*, Alcalá, Braga, 2005, 26.



misturou, com um espírito livre, tradições, estilos e linguagens culturais heterogêneas, mostrando que há lugar no mundo para todos e que um indivíduo pode desabrochar seguindo o seu caminho, não *em detrimento* dos outros indivíduos, mas *com* o desabrochamento deles nas suas próprias vidas»<sup>40</sup>.

Com a maior divulgação da televisão as pessoas puderam assistir aos «campeonatos do mundo de atletismo, ocorridos em Roma no ano de 1987, [que] reuniram mais povos e nações do que alguma vez reuniu a ONU». Mais ainda: “No decurso dos últimos decénios, e em particular durante os anos 80, o desporto viu a sua vocação planetária afirmar-se com força, não só ao abranger (pela televisão) massas de espectadores que se elevam a centenas de milhões e por vezes a milhares de milhões, mas também ao revelar protagonistas cuja origem e história pessoais são cada vez mais diversificados»<sup>41</sup>.

Na verdade, «temos que reconhecer, antes de mais, que a globalização tem aspectos positivos: é ela que permite a realização de muitas das mais antigas aspirações das comunidades humanas e a actualização da própria ideia de uma Humanidade em termos universais»<sup>42</sup>. Todavia, podemos ver com clareza que a globalização gerou vizinhos, mas não irmãos. Por isso, vemos que a globalização caracteriza-se por ser paradoxal, ou seja, o mesmo método globalizador que possibilita estes ganhos, abrindo novas oportunidades de desenvolvimento, se por um lado une, por outro divide, isto é, cria rupturas na sociedade e acentua desigualdades.

Mesmo diante desta realidade, o turismo continua a ser cada vez mais um factor de potência e em expansão<sup>43</sup>. De acordo com os dados da Organização Mundial do Turismo, em

---

<sup>40</sup> Edgar MORIN, Gianluca BOCCHI, Mauro CERUTI, *Os problemas do fim do século*, Ed. Notícias, Lisboa, 1991, 152.

<sup>41</sup> *Id.*, 151.

<sup>42</sup> M. Dias COSTA, *op. cit.*, 441-452.

<sup>43</sup> «Antes da [2ª] guerra, nunca mais de 150 mil norte-americanos viajavam para a América Central ou as Caraíbas num ano, mas entre 1950 e 1970 esse número cresceu de 300 mil para 7 milhões. Os números para a Europa foram, sem surpresa, ainda mais espectaculares. A Espanha, que praticamente não tinha turismo de massa até finais dos anos 50, recebia mais de 44 milhões de estrangeiros por ano em fins dos anos 80, um

meados do século XX existiam 25 milhões de turistas internacionais, em 2000 eram 698 milhões e prevê para 2020, cerca de 1.600 milhões.

Portanto, «o século XX é a era do turismo»<sup>44</sup> e este tem-se convertido numa das principais forças económicas em alguns países. Assim como o século XXI o será também, pois só agora se começam a criar meios cada vez mais acessíveis para que mais indivíduos também possam usufruir das vantagens do turismo. Todavia, importa não esquecer que o turismo ainda se encontra num estado “pueril” de progresso, expansão e alcance, pois ainda existem muitas pessoas que não têm a possibilidade de o realizar<sup>45</sup>.

Diante do fenómeno do turismo e da globalização é fulcral reflectir as palavras de Bento XVI: «não devemos ser vítimas dela [globalização], mas protagonistas, actuando com razoabilidade, guiados pela caridade e verdade»<sup>46</sup>.

### **3. Definição de turismo**

Como anteriormente mencionado, o turismo não é um fenómeno novo, muitas culturas anteriores ao século XIX conheceram-no: residências secundárias nos subúrbios de Atenas; entre os Romanos, as termas reuniam as classes privilegiadas. Tal como hoje, estas formas de vida, que afectaram apenas uma pequena elite, desenvolveram-se num mundo enriquecido e politicamente estável.

---

número apenas ultrapassado ligeiramente pelos 45 milhões da Itália». Eric HOBBSAWM, *A Era dos Extremos*, Ed. Presença, Lisboa, 1996, 261.

<sup>44</sup> M. BOYER, *op. cit.*, 13.

<sup>45</sup> Cf. *Id.*, 166. Ver também N. TONINI, *op. cit.*, 61.

<sup>46</sup> BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, 42 in AAS 101 (2009) 678.

As invasões bárbaras e a queda do Império Romano levaram à estagnação das aglomerações de recreio dos Romanos. O movimento reaparece na Idade Média, mas com feição e motivos diferentes: o culto dos lugares sagrados, as peregrinações e as romarias, as termas como locais de cura.

Os descobrimentos ampliaram consideravelmente os horizontes. Generalizou-se o interesse e a paixão por terras diferentes e populações exóticas. Geram-se grandes impérios coloniais, organiza-se o comércio e, apoiada pela circulação e acumulação de dinheiro, de matérias-primas e pela criação de novos mercados, começa, desde os meados do século XVIII, a Revolução Industrial, seguida da proletarização e do incremento urbano.

Dentro de um contexto de desejo/necessidade de evasão e satisfação da curiosidade assiste-se a uma disseminação do prazer pelas viagens, alicerce do turismo moderno.

Independentemente das várias definições atribuídas ao conceito de turismo, este continua a mostrar que não é fácil chegar a uma atribuição consensual. Isto porque não podemos reduzir o turismo apenas à sua actividade económica, mas é fulcral extrapolar para a vertente do lazer, do recreio e repouso, cruzando com as implicações sociais, ambientais, políticas e religiosas que o revestem.

Podemos tentar alcançar uma definição de turismo num patamar ainda muito baixo, referindo que se trata de um «conjunto de actividades ou técnicas preparadas para viagens e estadas de recreio ou lazer»<sup>47</sup>. Buscando uma significação mais ampla do termo, para a Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas, «o turismo compreende as actividades desenvolvidas pelas pessoas no decurso das suas viagens para e das suas estadas em locais situados fora do ambiente habitual por lazer, negócios ou por outros motivos não relacionados com o exercício de qualquer actividade remunerada no local visitado»<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> LAROUSSE-ENCICLOPEDIA MODERNA, «Turismo», Círculo de Leitores, volume 18, edição 6907, 2008, 7150.

<sup>48</sup> *Id.*, 7150.

Recuando um pouco na história, é em 1937 que se dá o primeiro empreendimento para definir turismo. A Comissão de Peritos em Estatística da Liga das Nações definiu como «“turista internacional” qualquer pessoa que visitasse um país diferente da sua residência habitual durante mais do que vinte e quatro horas, com excepção de trabalhadores, migrantes, passageiros regulares, estudantes e viajantes que não param *en route* através de um país em direcção a um terceiro»<sup>49</sup>. Todavia, com o rebentar da 2ª Grande Guerra Mundial esta definição ficou um pouco encoberta pelo horror da guerra. Só em 1950 a International Union of Travel Organizations (IUOTO) voltou a utilizar a anterior definição que foi evoluindo até à actual definição proposta pela Organização Mundial do Turismo.

Posto isto, conclui-se que a definição de turismo encerra, constantemente, a investigação do movimento de pessoas para fora das suas áreas frequentes de residência por períodos superiores a vinte e quatro horas e inferiores a um ano, sendo que esta movimentação ocorre devido a um conjunto de motivações centrais e que as mais importantes e significativas são as que dizem respeito a factores sociais, culturais, patrimoniais, ambientais e económicos. Daí a existência de uma panóplia de formas da prática turística<sup>50</sup>. Além disso, o ramo turístico reúne um contíguo de actividades, tais como: o alojamento; a restauração; os transportes; os serviços das agências de viagens e operadores turísticos; o *rent-a-car*; os serviços culturais; os serviços recreativos e de lazer<sup>51</sup>.

Num quadro geral, podemos aferir que, a par da tentativa de encontrar uma significação coerente e actual de turismo, a cultura e o património têm ganho um maior relevo no campo

---

<sup>49</sup> S. L. SMITH, «A Dimensão...», 47.

<sup>50</sup> Cf. OPT, nº 3, 255-256.

«É difícil encontrar uma definição para turismo sendo a de J. L. MICHAUD (1983), [a mais aproximada:] “O turismo agrupa o conjunto de actividades de produção e de consumo motivadas pelas deslocações de pelo menos uma noite fora do domicílio habitual, e sendo o motivo da viagem tanto o agrado, os negócios, a saúde ou a participação numa reunião profissional, desportiva ou religiosa». José Alberto Afonso ALEXANDRE, *O Turismo em Portugal - Evolução e Distribuição*, (mestrado em inovação e políticas de desenvolvimento), Universidade de Aveiro (Departamento de Ambiente e Ordenamento), 15 de Fevereiro de 2001, 1-2.

<sup>51</sup> S. L. SMITH, «A Dimensão...», 51.

da preservação e promoção, pois estes são geradores de economia, conhecimento, repouso e desenvolvimento tanto para aquele que procura, como para o que oferece.

Portanto, importa mais do que tudo acolher uma verdadeira acessão da definição de turismo, de modo que, ela provoque, quer no lado da oferta quer no lado da procura, um ávido sentido de responsabilidade. O turismo (e o turista) enriquece-se quando a sua relação com a cultura, o património, o ambiente, a sociedade e a economia assenta num alicerce de respeito, de sustentabilidade, de acolhimento e de permanente busca e conservação de uma identidade<sup>52</sup>.

---

<sup>52</sup> Cf. M. Dias COSTA, *op. cit.*, 279-295.

**II CAPÍTULO**

**Turismo religioso: da Peregrinação ao Santuário**

## 1. A peregrinação

Quando se fala em peregrinação lembramo-nos imediatamente do acto de caminhar para algo. São tidas em conta as motivações, as dificuldades, as esperanças, as belezas que revestem cada passo dado pelo «*homo viator*»<sup>53</sup>, como diria o filósofo Gabriel Marcel. Esta não é uma caminhada qualquer e o homem desde sempre é inspirado e chamado a cortar com aquilo que o acorrenta, a ir mais além e a aventurar-se<sup>54</sup>. Segundo Julien Ries: «toda a peregrinação é uma caminhada de homens e de mulheres em direcção a um centro. Mas o peregrino tem uma motivação específica, bem diferente da do viajante a caminho da realização de um objectivo comercial, político ou familiar ou para uma mera visita de amigos ou, ainda, um encontro de estudo»<sup>55</sup>.

A peregrinação, ao longo da história, foi sempre caminho que se realiza em busca de um encontro muito esperado. É mais do que história, é êxodo de si, tentativa de (se) transpor e transfigurar, é vida e sentido instituinte<sup>56</sup>. Qualquer peregrinação assenta numa estrutura essencial: a procura e espera de um encontro/aproximação com uma realidade misteriosa e

---

<sup>53</sup> Gabriel MARCEL, *Homo Viator. Prolegómenos a uma metafísica de la esperanza*, Hermeneia, Edições Sígueme, Salamanca, 2005.

<sup>54</sup> «Todo o homem traz consigo um destino de cigano. Por mais que os vínculos o prendam ao seu agro, [...] o certo é que a inquietude, ou seja lá o que for de nome mais inspirado, tal os braços da mesma árvore, procura o espaço sem extremas, ao alto e ao largo, até onde puder chegar. [...] Pertence à condição humana essa fome do ir além, que ora se exprime em odisséia ou aventura, e quanto mais o viver se consciencializa, menos ela se satisfaz ou se conforma». F. NAMORA, *A Nave de Pedra. Cadernos de um escritor*, Ed. Bertrand, Amadora 1975, 303.

<sup>55</sup> Julien RIES, «O Universo das peregrinações», in *Communio* 4 (1997), 310.

<sup>56</sup> «A “peregrinação” não é somente uma categoria história, nem um fenómeno ligado ao Ocidente ou ao cristianismo, embora ao longo dos tempos a Igreja tenha criado um berço cultural onde a peregrinação é relevante. [...] peregrinar pertence ao âmago do ser. A existência é uma experiencia dinâmica de um ser peregrinante, não no sentido apenas metafórico, mas no sentido instituinte». José da Silva LIMA, *A Peregrinação. Percursos e Palavra*, Estudos Gerais-Série Universitária, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2007, 19. Ver também Fernando Micael PEREIRA, «A Peregrinação, fenómeno humano e religioso», in *Communio* 4 (1997), 320-322.

invisível<sup>57</sup>. Assim, peregrinação é antítese de instalação ou sedentarização interior e exterior<sup>58</sup>: é mobilidade da fé, agilidade na motivação, procura e abertura da/à Alteridade.

### 1.1. Conceito e características da peregrinação

O termo peregrinação tem sofrido no decorrer do tempo algumas mutações e um incremento semântico. Quanto à etimologia do conceito pode-se referir que o predicado *peregrinar* provém do latim da confluência da proposição *per* (através ou por) e do substantivo *ager* (campo, território, região ou país). Significa aquele que viaja ao, para o estrangeiro, que vem do estrangeiro, que viaja pelos campos, que viaja para longe, ir em romaria (peregrinar pelos lugares santos)<sup>59</sup>.

Num sentido profano (mundo romano), o peregrino é aquele que é considerado estrangeiro, sem direito à cidadania. Com o tempo a palavra vai ganhando uma forma mais religiosa<sup>60</sup>.

O senso comum habitualmente refere que a peregrinação se caracteriza por uma jornada devocional a local tido como sagrado, assente em diversos motivos, mediante a crença religiosa: acção de graças, cumprimento de uma promessa, penitência, retorno às fontes, etc. No Islão, o peregrino busca o perdão total quando faz o *hajj*<sup>61</sup>, assim como o hindu que almeja libertar-se dos pecados passados e obter graças para uma vida futura, por isso, quanto mais árdua for a peregrinação tanto maior será tal recompensa.

---

<sup>57</sup> Cf. J. RIES, «O Universo...», 313.

<sup>58</sup> Cf. F. M. PEREIRA, «A Peregrinação...», 316.

<sup>59</sup> Cf. DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, «Peregrinação», Círculo de Leitores, Tomo XIV, Edição nº7015, Lisboa, 2007, 6253. Ver também Pedro PEREIRA, *Peregrinos: Um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*, Instituto Piaget, colecção Crença e Razão, (nº42), Lisboa, 2003, 34.

<sup>60</sup> «Este sentido esteve em uso até ao séc. XI: o *pelegrinus* era aquele que não tinha “direito de cidade”. Na época das cruzadas e catedrais, este sentido sofreu uma profunda evolução: o *pelegrinus* é o cristão que caminha à procura do sagrado». J. RIES, «O Universo...», 310.

<sup>61</sup> Cf. Fabrizio VECOLI, Gabriele Mandel KHÂN, *Dicionário das Religiões. Peregrinações I*, nº 15, edição Público, Lisboa, 2011, 114.



O peregrino cristão é movido pelo cumprimento da promessa realizada, que é fulcral “pagá-la”. Estas peregrinações, excepto a Meca, assentam fundamentalmente num acto livre e voluntário, onde o peregrino se enche de encantamento pela vivência e encontro com o sagrado.

O peregrino, o caminho e o lugar sagrado (santuário) assumem-se como elementos indispensáveis à peregrinação. Marca característica de qualquer peregrinação é o facto de realizá-la a pé, sentindo o desabrimento do caminho. Nos dias de hoje, os meios de transportes vieram aproximar e facilitar a mobilidade dos peregrinos, mas o palmilhar os caminhos a pé levam o peregrino a conhecer-se melhor, a conhecer aqueles que com ele caminham, a conhecer o espaço que o envolve e o acompanha. A experiência de caminho transforma o peregrino, levando-o a cortar com a rotina quotidiana, a questionar-se<sup>62</sup> a despojar-se do superficial, do profano e revestir-se do essencial em direcção ao sagrado. Cada pegada transluz igualdade, fraternidade e comunidade. Naquele momento, todos são somente peregrinos<sup>63</sup>.

Uma outra preponderante característica da peregrinação é a sua relação com a economia. O movimento dos peregrinos proporcionou o desenvolvimento da vertente económica de serviços relacionados com a peregrinação e tudo o que lhe diz directa ou indirectamente respeito. Um caso concreto é a questão das relíquias que «satisfazem a sede mística dos crentes»<sup>64</sup>. Além disso, vemos o admirável (até, por vezes, exacerbado) comércio que emerge em redor dos locais sagrados (hotéis, restaurantes, lojas comerciais, etc.).

Concluindo, as peregrinações assumem um destaque assinalável, no que diz respeito ao proporcionar a cada pessoa, que se lança em marcha, isto é, em peregrinação, um tempo peculiar de cesura com o ritmo avassalador do dia-a-dia, transportando-o para um período de confronto consigo e com o sagrado que tem o seu ponto alto com a chegada, encontro com o

---

<sup>62</sup> «caminha [...] como se todo o corpo estivesse erguido na pergunta». Sophia M. BREYNER, *op. cit.*, 155.

<sup>63</sup> P. PEREIRA, *op. cit.*, 44-49.

<sup>64</sup> *Id.*, 49.

lugar sagrado (santuário) e contacto com o transcendente. A experiência de caminho (peregrinação) no âmbito da teologia cristã parece ser uma «*imitação da vida*»<sup>65</sup>, o crente despoja-se e “esvazia-se” numa tentativa de tocar a divindade, o sagrado, o transcendente, de se aproximar de Deus. Sente a urgência de parar, acolher Deus, em sítios mais marcados por uma presença, que deixou marcas. Torna-se peregrino, para se encontrar. Num acto gratuito, não sabe quando volta, procura um espaço místico de encontro, entre o céu e a terra, como saída de um universo de contrastes, em que parece não haver lugar.

## **1.2. Na origem: a peregrinação**

A peregrinação apresenta-se com um sentido claramente religioso. «Desde a antiguidade que as peregrinações se caracterizam pela movimentação das pessoas e pelos rituais que as acompanham. Andanças e rituais evocam a relação com o sagrado, a veneração e oração nos lugares santos são símbolos de força maior»<sup>66</sup>. Nos dias de hoje, podemos encontrá-la nos centros de culto mariano, aqueles que mais peregrinos convidam e congregam e outros lugares sagrados: grutas, fontes, montanhas, lugares por onde passou alguma personagem mais importante (Cristo, Buda, etc.), lugares onde permanecem as relíquias, e muitos outros. Os intentos deste encontro e relação com o espaço sagrado são variados, mas vemos que o sentir religioso é o principal impulsionador de qualquer peregrinação<sup>67</sup>. Assiste-se à universalidade deste fenómeno desde o antigo Egipto com as peregrinações às cidades de Busiris, Tebas, Luxor e Abidos em honra ao deus Osíris, passando pelos hititas e houritas que tinham um grande número de deuses, pelos hebreus que vinham a Jerusalém participar na

---

<sup>65</sup> *Id.*, 50.

<sup>66</sup> Varico da Costa PEREIRA, *Turismo Cultural e religiosos em Braga e Santiago de Compostela: Proposta de criação de um produto conjunto*, (Relatórios), Xunta de Galicia, 2008, 31.

<sup>67</sup> *Cf. Id.*, 31.

Páscoa e, além disso, ainda tinham três grandes festas de peregrinação: a festa do pão ázimo (Mazzoth); a festa do Pentecostes (Shabuath) e a festa das tendas ou festa de Javé (Sukkoth). Pela Índia com as peregrinações aos mais variados lugares naturais (Allahabad, onde os peregrinos banham-se na convergência dos rios sagrados do Ganges e Yamuna); também Buda propôs quatro pontos de peregrinação: o parque de Lumbini; Bodh-Gaya, com a árvore bodhi; o parque de Benarés e o bosque da Completa Extinção em Kusinagara. Os próprios gregos peregrinavam até Delfos, Epidauro e Éfeso, assim como os romanos e gregos organizaram festas cívico-religiosas como os jogos (os Olímpicos, os Déléficos, os Eleusínios, etc.). Ainda o Islão que detém duas grandes peregrinações: a Ziyârât e a Meca, o hajj<sup>68</sup>.

Diante deste vasto quadro de peregrinações, tentar-se-á sublinhar as peregrinações cristãs ao longo da história pelo motivo de nos serem mais correntes e contíguas da realidade cristã europeia.

Entre o século I e IV encontramos escassas alusões às peregrinações cristãs, devido à tentativa do cristianismo se distanciar das práticas judaicas de peregrinação, afirmando uma concepção mais espiritual do culto cristão mas também graças às desumanas perseguições que os cristãos sofreram. Todavia, em 313 Constantino reconhece legalmente o cristianismo e, no final do século IV, Teodósio aponta o cristianismo como religião do Estado. Então o ambiente torna-se bem mais favorável para o incremento das peregrinações cristãs, mormente a Roma e a Jerusalém. Paulatinamente, vai-se desenvolvendo e incrementando o gosto e desejo pela veneração das relíquias e dos túmulos dos santos e mártires. Nos séculos V e VI, várias pessoas acorriam não só a lugares sagrados, mas também procuravam pessoas que testemunhavam um estilo diferente pela sacralidade com que viviam a sua relação com Deus.

Na Idade Média, assistimos ao apogeu das peregrinações, devido à diversidade e ao grande número de relíquias associadas a Cristo e a Maria, à disseminação do culto dos santos,

---

<sup>68</sup> Cf. P. PEREIRA, *op. cit.*, 35-37. Ver também Romain ROUSSEL, *Les pèlerinages a travers les siècles*, Payot, Paris, 1954, 10.

de festas e romarias para visitar os seus templos e sepulcros. A Roma, Jerusalém e a Compostela acorrem inúmeros peregrinos que almejam entrar em contacto com o lugar sagrado pisado por Cristo, santos e os mártires. Mas também vemos nos séculos XI, XII e XIII grandes movimentos de peregrinos a santuários marianos que se erguem em honra da Virgem Maria. Neste sentido, algumas instituições religiosas, mosteiros e catedrais compraram relíquias com o propósito de aliciar os peregrinos, para aí deixarem os seus bens, as suas esmolas. Com o tempo, alguns destes mosteiros, catedrais e instituições religiosas foram enriquecendo por fora e descurando a dimensão espiritual. Outra tendência que nesta altura também se difundiu com as peregrinações foi as indulgências. O peregrino alcança, mediante a peregrinação, bens espirituais, a expiação e a redenção dos seus pecados através da penitência (doações pecuniárias e jejuns) e procurando imitar Cristo.

Todavia, no século XVI assistimos a um decrescimento do fervor pela peregrinação. Na realidade, alguns teólogos, sobretudo protestantes, advertem para a preponderância de uma fé interior e não tanto de demonstrações exteriores, pois o culto das relíquias e dos santos aproxima-se dos cultos pagãos e é movido por uma falsa piedade, por isso, a devoção cristã não deveria percorrer esse trilha, mas um outro que se dá no interior de cada um.

Uma segunda causa prende-se com a descoberta do Novo Mundo, de novos lugares e culturas que eram vistas como campo de evangelização e oportunidade para obtenção de riqueza e exploração. O mundo parece crescer e pouco a pouco vai-se superando a “visão eurocêntrica”<sup>69</sup> que até então predominava.

Na Idade Contemporânea, os novos desafios da revolução industrial, os compromissos de trabalho, o comércio e o fermentar do capitalismo contribuem para a diminuição do tempo e oportunidade que as pessoas, outrora, dedicavam à religião, às devoções e às “rotas de fé”<sup>70</sup>.

---

<sup>69</sup> V. da Costa PEREIRA, *op. cit.*, 32.

<sup>70</sup> *Id.*, 33.

Um terceiro factor que propiciou o declínio das peregrinações tem que ver com a Revolução Francesa. Congregações dissolvidas, imagens destruídas e atiradas para a fogueira, guerras e um ambiente instável de mudança cultural e religiosa contribuíram para esta crise das peregrinações<sup>71</sup>.

Em suma, como refere Varico Pereira, «num passado não muito distante, a peregrinação estava ligada ao sentido da comunhão com o sagrado e fazia da penitência uma forma de purificação para esse encontro. Era o período em que os fiéis dedicavam o tempo e o esforço da romaria fundamentalmente para jejuns, sacrifícios, orações, cânticos religiosos, pagamento e realização de promessas. Mas as peregrinações acompanharam as mudanças dos tempos e transformaram-se: o sentido da peregrinação foi reinterpretado, tanto pelas pessoas como pela indústria do turismo»<sup>72</sup>.

### **1.3. A festa aliada à/da peregrinação**

Na Idade Contemporânea reina a ética do trabalho e o Homem actual insuflado pela ciência positiva vê o mundo como um campo de exploração, mormente no sentido que o trabalho confere à vida. Inseridas numa nova realidade, moderna e de consumo, as pessoas, mormente, os peregrinos aliam a festa à peregrinação.

Depois de um período de crise que assolou o fluxo das peregrinações, dá-se na segunda metade do século XIX um reflorescimento com novos contornos. Assiste-se a um renascer religioso, com a reconstituição de imensas ordens religiosas que impulsionaram novamente as peregrinações. O desenvolvimento dos caminhos-de-ferro, o respeito dos governos pela Igreja, a literatura piedosa, a devoção à Virgem, a recuperação da peregrinação à Terra Santa

---

<sup>71</sup> Cf. *Id.*, 38-43.

<sup>72</sup> *Id.*, 32.

feita pela sociedade de São Vicente de Paulo permitiu o incremento do número de peregrinações<sup>73</sup>.

Todavia, os peregrinos “passaram a compartilhar não apenas a fé como também a intenção de desfrutar momentos de lazer, onde se rompia com o quotidiano do trabalho”<sup>74</sup>. As pessoas buscam no lazer formas de se renovarem interiormente, de se realizarem interiormente, tal como os gregos que na Antiguidade atribuíam a este termo o sentido de «plenitude cultural e de humanismo»<sup>75</sup>. Nesta linha Geoffrey Godbey menciona o facto de a romaria comportar a dimensão festiva, onde o religioso (espiritual) e o lazer (social) se encaixam. As peregrinações e as festas religiosas agora não se reduzem somente a uma dimensão de sacrifício ou penitencial, mas ganham um novo sentido, como sendo uma acção agradável, uma necessidade<sup>76</sup> um tempo também festivo e abençoado por Deus pelo labor desempenhado.

Actualmente, as peregrinações, festas religiosas e restantes eventos representam um marco fulcral no mundo do turismo religioso, pois, como anteriormente referido, os peregrinos são também visitados pela dimensão do lazer e do cultural. Na verdade, estes são também consumidores de serviços e bens que rodeiam estes eventos<sup>77</sup>.

Em suma, as peregrinações, festas religiosas e restantes acontecimentos são entendidos e assumidos como oportunidades de descanso, onde as pessoas acabam por participar nas actividades paralelas que brotam em redor destas. De facto, estes são momentos de cisão com a rotina dos dias, são oportunidade de lazer e divertimento e consolidação dos laços

---

<sup>73</sup> Cf. Rafael Esteve SECCAL, *Turismo y Religión. Aproximación a la historia del turismo religioso*, Universidade de Málaga, Estudios y Ensayos (65), Málaga, 2002, 362-366.

<sup>74</sup> Também Mary Lee NOLAN, citado por Varico da Costa Pereira, corrobora esta posição, advogando que existe uma sazonalidade das peregrinações, onde todos os actos religiosos ocorrem após as sementeiras e as colheitas, quando se faz uma pausa no trabalho. V. da Costa PEREIRA, *op. cit.*, 33.

<sup>75</sup> Cassiano FLORISTÁN (dir.), *Nuevo Diccionario de Pastoral*, San Pablo, Madrid, 2002, 982.

<sup>76</sup> «O homem tem necessidade de festa», o que transparece no terreno quotidiano da nossa sociedade; [...] os homens que as fazem, fazem-se nelas e a sociedade que as realiza, projecta-se nelas». José da Silva LIMA, «As festas e o homem», in *Communio* 1 (1987), 40.

<sup>77</sup> «O património religioso, as peregrinações, as festas religiosas, os espectáculos e as representações de cunho religioso, os congressos, encontros e seminários ligados às actividades de evangelização dos fiéis, incluídas no calendário de eventos oficiais de cada região ou país passam, então, a ser utilizadas pelos agentes turísticos, como produto turístico de cunho cultural e religioso». V. da Costa PEREIRA, *op. cit.*, 34.

familiares, religiosos e sociais. Porém, é fulcral criar um harmonioso doseamento destas duas dimensões (lúdica e religiosa) para evitar sobreposições e desvirtuamentos<sup>78</sup>. A meta primeira pretendida pelos fiéis continua a ser o santuário e, por isso, a sua motivação e o seu espaço espiritual importa ser reservado com respeito pelas entidades turísticas que anelam complementar esta viagem religioso-espiritual com um vertente mais cultural e lúdica.

## 2. O despertar do turismo religioso

Num momento em que está cada vez mais repleto o mercado do denominado turismo “sol e praia” e o de massas, parece surgir um interesse renovado pelas experiências turísticas que atendem à marca do religioso, abarcando o conhecimento do património construído, das culturas locais e regionais, com as suas festas e romarias características de cada altura do ano. Paulatinamente, desperta um outro tipo de turismo que vai «rompendo a solidão absurda das multidões sujeitas a um quotidiano de modos de vida padronizados que é imposta pelo consumo, observa-se um desejo irreprimível de retorno às fontes primordiais da identidade dos territórios, das culturas e das religiões. Aliás, os turistas são, em boa medida, os herdeiros da venerável *traditio* das peregrinações medievais, entendidas agora num contexto só na aparência mais livre»<sup>79</sup>.

---

<sup>78</sup> «Como o panludismo pode matar o carácter regenerador do jogo, como espaço de alívio e de criação continuada, procedendo à sua banalização, também o exagero da festa pode asfixiá-la, «rotinizando» o acontecimento que constitui, à primeira vista, a pausa do quotidiano rotineiro. Assim, a festa pode aparecer como «fenómeno cultural que se encontra ameaçado permanentemente na sua forma institucionalizada por uma experiência de excesso que constitui ao mesmo tempo a sua condição de estruturação e o seu elemento». J. da Silva LIMA, «As festas...», 41.

<sup>79</sup> José António FALCÃO, «O património religioso, sinal de identidade e recurso ao serviço do desenvolvimento», in *Boletim de Pastoral Litúrgica* 104 (2001), 135.

Com estas palavras, vamos assimilando esta inclinação que o ser humano tem para o fascínio, para a beleza e contemplação daquilo que também lhe pertence, quer seja espiritual, cultural ou patrimonial. No seu viver emerge constantemente o estado de ruptura com o sistema padronizado pelo dia-a-dia que, ao mesmo tempo, lhe atribui competências para se libertar e poder ou procurar retornar às fontes, à *traditio* inscrita na sua pessoa. Como menciona José A. Falcão, logo a seguir, « [...] é inegável que existe hoje um interesse crescente pela dimensão religiosa do património e pelo passado da Igreja, com destaque para a *Ars Sacra* que ela gerou ao longo de vinte séculos de história fecunda, como resposta a necessidades concretas de evangelização: catequese, liturgia, assistência, ensino, devoção... Este interesse por uma herança cultural ainda escassamente conhecida traduz-se, entre outras realidades, no aumento em flecha do número de visitantes que procuram os monumentos religiosos e desejam apreender neles, não apenas os seus valores histórico-culturais, mas também a sua dimensão espiritual mais profunda. O regresso às fontes da espiritualidade constitui uma realidade palpável, mesmo quando assume modalidades de certo modo laterais em relação à centralidade das estruturas pastorais “clássicas”»<sup>80</sup>.

Deste modo, espere a necessidade de incrementar cada vez mais a qualidade do acolhimento, nunca descurando a identidade e integridade própria da religião, do património e da cultura que lhe são características. E, mormente, no caso da Igreja, «cujo âmbito de acção transcende naturalmente em muito a esfera do património, [importa] saber acolher esta expectativa e dar-lhe uma resposta apta é um desafio cujo alcance não tem sido ainda bem compreendido na sua verdadeira plenitude»<sup>81</sup>.

Actualmente, observa-se que as pessoas não se ficam somente pela participação na eucaristia dominical na sua comunidade paroquial. Cada vez mais vão tendo a possibilidade de se deslocarem para outro tipo de manifestações religiosas, assim como para praticar as suas

---

<sup>80</sup> *Id.*, 139.

<sup>81</sup> *Id.*, 135-139.



actividades de lazer. Tanto buscam uma “espiritualidade perdida”, como procuram absorver toda a beleza de um santuário ou um centro religioso. Embora as práticas religiosas em comunidade, mormente a eucaristia dominical, tendam a diminuir, paradoxalmente assiste-se a um incremento das peregrinações e, conseqüentemente, a uma forma de piedade irregular.

Assim, assiste-se a novos modos de vivência religiosa, embutidas num clima pós-moderno que leva a um entrecruzamento de motivações e disposições quer do turista, quer do peregrino<sup>82</sup>. Como refere Maria da Graça Santos: «*novos e velhos peregrinos, coexistindo antigas tradições de deslocação, em resultado de promessas ou objectivos de salvação, com finalidades pós-modernas de fuga ao quotidiano urbano ou de busca radical de novos horizontes de transcendência*»<sup>83</sup>.

Observamos que muitas são as ofertas turísticas associadas ao religioso e isto porque as pessoas ainda conferem valor à religião, ou seja, o modo como se envolvem, sentem e vivem a dimensão religiosa. A fome e sede pelo espiritual aliam-se à cultural e, conseqüentemente têm sido potenciados modos de preencher esse “vazio” pela facilidade com que hoje se viaja e pela oferta de inúmeras possibilidades de excursão<sup>84</sup>. No final do século XX o Turismo religioso ganhou maior dimensão e é nos dias de hoje um ramo em forte propagação mundial<sup>85</sup>. Na verdade, enquanto tal, o estudo deste mesmo tema começa só agora a desabrochar, face a uma nova mobilidade religiosa e turística de indivíduos que procuram o

---

<sup>82</sup> Cf. Maria da Graça SANTOS, *Espiritualidade, Turismo e Território - Estudo geográfico de Fátima*, Editora Princípia, 1ª Edição, Estoril, 2006, 76-77.

<sup>83</sup> *Id.*, 77.

<sup>84</sup> Um exemplo possível disso mesmo é o facto de o Vaticano ter inaugurado, em Agosto de 2007, um transporte aéreo regular para lugares sagrados dos católicos, como Lourdes (França), Fátima (Portugal), Santiago de Compostela (Espanha), Czestochowa (Polónia) e Roma (Itália). Para além dos movimentos católicos, são sobejamente conhecidas as incursões de milhões de muçulmanos a Meca, ou as multidões que acorrem aos locais sagrados do budismo.

<sup>85</sup> Segundo a *World Religious Travel Association* (WRTA), as viagens direccionadas para os locais sagrados das diversas crenças tendem a aumentar “de forma dramática, agora e no futuro próximo”. Ainda segundo a WRTA, as receitas geradas pelo Turismo religioso podem rondar actualmente 18 mil milhões de euros em todo o mundo, sendo de realçar o facto de este género de viagens ter começado com verdadeira intensidade apenas em 1975. Sublinhe-se igualmente a ideia de que o turismo religioso acolhe todas as idades e interesses; não é um nicho de mercado dedicado apenas aos peregrinos ou aos mais velhos. A mesma organização (WRTA) aponta diversos segmentos de mercado: peregrinações, viagens de missionários, cruzeiros, viagens de lazer, deslocações por causa de conferências, intercâmbio de estudantes, etc. Cf. [www.digital.ipcprintservices.com/publication/?i=41641](http://www.digital.ipcprintservices.com/publication/?i=41641), (consultado a 06/10/2010).

imaterial e o simbólico. O turismo religioso em si emerge na Europa do pós-guerra com o decréscimo da prática religiosa institucional e o aumento da secularização da sociedade e o desenvolvimento das viagens (automóvel e autocarro). As agências de viagens, muitas fora do alcance das entidades religiosas, aproveitam este fluxo e exploram um novo segmento do mercado turístico, combinando o religioso/espiritual com o profano/secular. Assim, este termo nasce bem distante do campo religioso, porém este vai-se aproximando cada vez mais, pois os operadores turísticos vão percebendo a importância que as entidades religiosas representam quer no modo como acolhem, quer no modo como integram as pessoas na esfera do religioso. Então, interessa que a Igreja se acerque destes turistas (religiosos) para lhes mostrar a sua “casa”, o seu edifício espiritual e material, ou seja, através deles evangelizar e despertar o aprazimento pelo local sagrado, histórico, artístico visitado<sup>86</sup>.

## **2.1. Conceito(s) de turismo religioso: uma ou várias faces?**

O conceito «turismo religioso» poderá ter menos implicações teológicas e tradicionais do que o de peregrinação, contudo importa explorar algumas das suas abrangências. Este termo tem sido usado, principalmente, pelos operadores turísticos e mais recentemente pelas entidades religiosas. Todavia, é preponderante perceber os contornos que o termo acarreta, atendendo à dimensão espacial e espiritual inerente. São vários os autores e estudos que pretendem clarificar o conceito de turismo religioso, copulando-o ou não à questão da peregrinação, até mesmo propondo neologismos, tal como «fétur» (viagem movida pela fé)<sup>87</sup>. Para alguns é incompatível reunir estes dois elementos: turismo, ligado à actividade de consumo e religioso, que se prende à espiritualidade/transcendência.

---

<sup>86</sup> Cf. M. da Graça SANTOS, *op. cit.*, 239-241.

<sup>87</sup> Cf. Christian Monteiro de OLIVEIRA, «Turismo, Monumentalidade e Geração: escalas e dimensões da visita religiosa contemporânea», in Edin Sued ABUMANSUR (org.), *Turismo religioso. Ensaios Antropológicos sobre Religião e Turismo*, Coleção Turismo, Papirus Editora, São Paulo, 1998, 118.

Na definição oficial, segundo a Conferência Mundial de Roma, realizada no ano de 1960, o turismo religioso é compreendido como uma actividade que movimenta peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. Na prática, são viagens organizadas para locais sagrados, congressos e seminários ligados à evangelização, festas religiosas que são celebradas periodicamente, espectáculos e representações teatrais de cunho religioso<sup>88</sup>.

Horacio A. Burbridge, economista argentino e secretário nacional do Secretariado Nacional para a Pastoral de Turismo, entende por turismo religioso a oferta de viagens dirigida, especialmente, a turistas animados por um espírito de veneração próprio do sentir religioso, cujos destinos são, principalmente, os lugares de culto ou de arte sacra<sup>89</sup>.

Todavia, encontramos mais algumas tentativas de definição deste conceito que carece de uma unanimidade. Segundo Emerson Silveira, a expressão “turismo religioso” coloca em contacto duas dimensões aparentemente opostas: uma atitude de lazer e descomprometida, ou uma atitude de fé, relacionada com a identidade, ritos e valores. Ela percorre como que um caminho transversal, perpassando e viajando desde as competências dos agentes económicos do turismo (agências de viagem, especialistas em turismo, etc.) até a um conjunto de determinados agentes eclesiásticos. Advoga que o fiel e/ou peregrino e o turista, graças ao turismo religioso, tem a oportunidade de se libertar do seu espaço quotidiano assim como das tarefas que lhe ocupam parte da vida. Continua, afirmando que o actual termo, turismo religioso, abrange um dimensão tanto de profano como de sagrado. A forma como, actualmente, a religiosidade é vivida persuade os peregrinos e turistas a inclinarem a sua in/(a)tenção para a vertente do consumo das manifestações de fé e eventos<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> Cf. V. da Costa PEREIRA, *op. cit.*, 38.

<sup>89</sup> Cf. Horacio A. BURBRIDGE, «El Turismo Religioso: Antecedentes y Perspectivas», publicado no Boletim digital da UNCOMA, Março, 2006. <http://www.turismoymercado.com>, (consultado a 17/12/2011).

<sup>90</sup> Cf. Emerson J. Sena da SILVEIRA, «Turismo religioso popular? Entre a ambiguidade - conceitual e as oportunidades de mercado», in *Revista de Antropología Experimental*, nº 4, Universidade de Jaén Espanha, 2004. [www.ujaen.es/huesped/rae](http://www.ujaen.es/huesped/rae), (consultado a 23/11/2011).

Outro autor coloca as peregrinações como a génese do turismo religioso<sup>91</sup> e mesmo do turismo em si. Afirma que o peregrino e sua “viagem sagrada” são os grandes “inspiradores” do actual turista e do turismo religioso. Neste sentido, observa-se que o turismo religioso não é, necessariamente, um turismo feito por religiosos, místicos, santos populares, devotos e sacerdotes/profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa. O adjectivo “religioso” deve ser reconhecido na sua amplitude espiritual e metafísica, embora esteja perigosamente comprometido com a perspectiva cristã – responsável pela sistematização desse significante, no universo do Império Romano e da Igreja Católica. Portanto, a correcta definição para esse tipo de turismo encontra-se num exercício aproximativo. Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade. E é exactamente na religiosidade – no acto popular de professar o sistema de crenças chamado de religião – que o turismo religioso pode ser comparado às peregrinações e romarias aos lugares sagrados, em momentos também sagrados<sup>92</sup>.

Carlos Alberto Steil refere que o turismo religioso comporta em si uma conotação secularizada e que transporta o seu significado para fora do campo religioso. Acrescenta que o turismo religioso caracteriza-se por um externalidade do olhar, estando mais associado ao espectáculo. Critica o facto das peregrinações e romarias estarem inseridas dentro de um pacote turístico que é comercializado e que retira a centralidade e a profundidade do acto religioso em si<sup>93</sup>.

Outros autores advogam que o turismo religioso é uma viagem em que a fé é o motivo principal, mas que pode traduzir motivos culturais em conhecer outras manifestações religiosas. Dessa forma, o «turismo religioso é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de carácter religioso.

---

<sup>91</sup> R. E. SECCAL, *op. cit.*, 74-82.

<sup>92</sup> «Turismo Religioso: uma breve explicação», in <http://www.jornalonline.com.br/2008/fev/agora/turismo.php>. (consultado a 14/09/2011).

<sup>93</sup> Carlos A. STEIL, «Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso» in E. Sued ABUMANSUR, *op. cit.*, 35-36.

Compreende romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espectáculos e actividades religiosas»<sup>94</sup>.

Deambulando por algumas páginas da internet encontram-se algumas definições sobre turismo religioso, tais como: « turismo religioso, diferente de todos os outros segmentos de mercado do turismo, tem como motivação fundamental a fé. Está, portanto, ligado profundamente ao calendário e acontecimentos religiosos das localidades receptoras dos fluxos turísticos. É comum chamar-se peregrinação a cada viagem de turismo religioso»<sup>95</sup>. Há quem faça uma distinção entre os turistas religiosos, «que visitam um destino de significado para uma religião específica, que pode não estar relacionada com uma viagem de lazer ou fazer parte de uma viagem de objectivos múltiplos, sendo parte de peregrinação e parte de férias, e os turistas de herança religiosa, que viajam em grupo de afinidade com uma orientação específica religiosa, nunca encarando a sua deslocação de herança religiosa como férias, ainda que possa ser um módulo dentro das férias»<sup>96</sup>.

Uma outra página portuguesa constata que «o turismo religioso tem, desde sempre, como objectivo central a visita a locais sagrados e a participação em rituais de culto, tipicamente por motivos religiosos. Depois do turismo de negócios, o turismo religioso é a secção de mercado que mais se tem desenvolvido, sendo hoje consensual que os impactos do turismo cultural e religioso nas economias locais afectam a reconfiguração do uso do espaço e o planeamento de infra-estruturas da organização económica. O Turismo Religioso em Portugal motiva a deslocação de cerca de sete milhões de turistas/peregrinos anualmente e gera receitas na ordem dos 700 milhões de euros, apresentando hoje um reconhecido dinamismo que absorve significativas quotas do mercado turístico e um potencial de crescimento que supera a média calculada para o sector. Associando a componente cultural ao turismo religioso, sensibiliza-se o visitante para a diversidade humana, promove-se o respeito

---

<sup>94</sup> R. DIAS, E. J. S. da SILVEIRA, *Turismo religioso: ensaios e reflexões*, Alínea, Campinas, 2003, 17.

<sup>95</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo\\_religioso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo_religioso), (consultado a 14/09/2011).

<sup>96</sup> [http://portuguia.no.sapo.pt/diversos\\_tipos\\_de\\_turismo.htm](http://portuguia.no.sapo.pt/diversos_tipos_de_turismo.htm), (consultado a 14/09/2011).

pelas outras crenças e favorece-se a dignificação da pessoa humana. Portugal, a aliar à fé, possui um imponente património arquitectónico, onde mais de 70% do património construído é de origem religiosa e está perfeitamente integrado na paisagem, o que constitui por si só motivo para demorada e atenta visita»<sup>97</sup>.

Na opinião de M. Santos o que torna característico o turismo religioso perante o turismo na globalidade é a motivação religiosa, a espiritualidade, os lugares sagrados (critério principal). Segundo a autora, o turismo religioso pode ser designado de turismo do espírito, onde são açambarcados um número de turistas que dão mais relevo à dimensão espiritual face a outras. Neste caso as pessoas procuram satisfazer as necessidades espirituais, aliando a necessidade de descanso, curiosidade, de querer conhecer mais sobre a história do lugar ou da própria religião<sup>98</sup>. Além do critério principal apontado – motivação religiosa -, a autora apresenta «critérios acessórios»<sup>99</sup>: o tipo de destino, predomina a dimensão/natureza religiosa das actividades realizadas, assim como, uma espiritualidade que é alvo de interesse dos peregrinos e turistas crentes; as actividades desenvolvidas são marcadas primordialmente pela participação em celebrações religiosas e práticas cultuais; a duração da viagem e da estrada é menor no caso do turista religioso pois tendencialmente demoram menos tempo no lugar sagrado de destino, enquanto que as peregrinações absorvem mais tempo; o tempo religioso está também influenciado pelo calendário religioso e, por isso, é empreendido de acordo com grandes eventos de natureza religiosa e, por último, o esforço e a fadiga que devido aos modernos meios de transporte permitem realizar uma maior comodidade nas distâncias percorridas.

Em suma, várias são as visões sobre o termo de turismo religioso, dado que alguns autores o ligam com as peregrinações, enquanto outros defendem a sua autonomia para um melhor entendimento e concretização do termo. Todavia, emerge uma dimensão central no

---

<sup>97</sup> <http://www.destinoportugal.com.pt/Turismo%20Religioso.htm>, (consultado a 14/09/2011).

<sup>98</sup> Cf. M. da Graça SANTOS, *op. cit.*, 279-280.

<sup>99</sup> *Id.*, 280.

turismo religioso: a motivação religiosa da parte do indivíduo. Além disso, importa sublinhar as deslocações que têm como intuito a satisfação de práticas espirituais. Afirma, então, que o turismo religioso é toda a deslocação com motivações religiosas articuladas com outras causas e que tem como destino um local religioso<sup>100</sup>.

## **2.2. O turista “peregrino” e o peregrino “turista”**

Como anteriormente ficou exposto, podemos distinguir peregrinação e turismo religioso segundo as motivações, evitando a tentação de criar dicotomias. Porém, parece-me neste ponto atender que cada uma delas tem o seu campo de acção. Nem uma, nem outra deverá ousar «abarcar todas as modalidades de deslocação religiosamente motivada»<sup>101</sup>. É bem claro que a peregrinação ordena uma entrega mais empenhada e intensa da pessoa ao sagrado, à transcendência. Ela comporta um conjunto de rituais bem peculiares e bem restritos (promessas, ascese espiritual, votos, penitências, etc.) que reclamam um empenho total do crente, do peregrino. Muito dificilmente observamos este rigoroso enlace com o divino nos turistas religiosos. Todavia, o turismo religioso não fica desprovido das actividades religiosas e muito menos de uma certa motivação religiosa.

Sem querer delinear ou delimitar intransigentemente os territórios dos peregrinos e dos turistas religiosos, importa perceber que existem pontes que ligam este dois, ou seja, existem alguns elementos próximos e recíprocos.

Um primeiro elemento distinto tem que ver com a posição religiosa de cada um em relação à crença religiosa, ou seja, o peregrino apresenta-se como um “crente devoto” de algum lugar sagrado, santo ou invocação. Varico Pereira afirma que «o peregrino é movido

---

<sup>100</sup> Cf. *Id.*, 280-292

<sup>101</sup> *Id.*, 283.

pela procura da satisfação e conforto espiritual, com esperança de aumentar a sua religiosidade pessoal, obtenção de bênçãos e curas especiais»<sup>102</sup>. Por sua vez, o turista religioso apresenta-se como “turista crente”, isto é, manifestando cortesia e respeito diante da religião<sup>103</sup>. Este, além de participar, descomprometidamente, nas actividades religiosas, acrescenta outras actividades, mormente, de lazer e de cultura<sup>104</sup>.

Uma outra marca característica do peregrino é a sua sobriedade no que diz respeito ao consumo de bens. De facto, ele pode ser reconhecido como consumidor, mas do sagrado<sup>105</sup>. O turista religioso, por outro lado, já se distingue por algum movimento de bens consumidos, mormente, é um «cliente consumidor da religião»<sup>106</sup>.

No que diz respeito às linguagens que um e outro empregam, vemos nos peregrinos, acima de tudo, sinais e semblantes que expressam fé, ascese e penitência. As atitudes de fé do turista religioso/peregrino surgem entrelaçadas com a contemplação da natureza, da cultura, a deleite pela beleza do local, o enriquecimento do conhecimento e, até mesmo, a oportunidade de repouso.

Deste modo, entendemos que para o peregrino a deslocação é um *fim*, porque é impelido pelo desejo de se aproximar espiritualmente do sagrado e de se relacionar com ele. Para o turista religioso é um *meio*, pois, primordialmente, ele serve-se da viagem como pretexto para experimentar e interiorizar outras realidades, outros lugares religiosos ou não<sup>107</sup>.

Paulatinamente, a distinção entre peregrino e turista se apresenta cada vez mais atenuada. O cultural e o religioso quando se encontram ou convergem num mesmo evento propiciam uma melhor compreensão de todo este fenómeno. Assim, o peregrino-turista,

---

<sup>102</sup> V. da Costa PEREIRA, *op. cit.*, 49.

<sup>103</sup> Cf. M. da Graça SANTOS, *op. cit.*, 284.

<sup>104</sup> «O turista busca o bem-estar, muitas vezes o descanso, a satisfação do lazer, isto é, no desejo de escapar às pressões da sociedade, mesmo que temporariamente». V. da Costa PEREIRA, *op. cit.*, 49.

<sup>105</sup> Cf. *Id.*, 49.

<sup>106</sup> *Id.*, 49.

<sup>107</sup> Cf. Maria da Graça SANTOS, *op. cit.*, 285-286.



impelido religiosamente, faz também turismo em locais não religiosos<sup>108</sup> e o turista-peregrino, por vezes, sem motivação religiosa, experiencia o sagrado e por ele é abarcado<sup>109</sup>. Neste sentido, Edin Sued Abumanssur, citando Dean Maccannell refere: «o turista moderno é uma espécie de peregrino que busca experiências de autenticidade em épocas e lugares que não os seus»<sup>110</sup> mas que, «mesmo sem grande amargura religiosa, não deixa de ser marcado pelo religioso»<sup>111</sup>.

Em suma, podemos afirmar que o turista e o peregrino têm aspectos em comum. Um pelo senda do lazer, outro pela volta do sagrado. A experiência da saída de si, o desejo de outras paisagens, a busca de alteridade são traços que os caracterizam. O peregrino preserva algo característico do turista. A peregrinação, mesmo quando assume um cunho penitencial, não perde um tom festivo, uma quase ligeireza, que não é alheamento, mas celebração. O mesmo ocorre com o turista, pois qualquer viagem pressupõe, por exemplo, uma reflexividade, uma experimentação sobre si mesmo, um saber de si. O turista é mobilizado pelo desejo de olhar e de conquistar, fazendo da curiosidade uma marca de cultura e existência.

Mas a peregrinação também é isso, uma forma de viagem. Na prova real da deambulação pelo espaço, o peregrino busca, também ele, uma visão, com uma diferença qualitativa: a natureza dessa visão é interior. Não se trata simplesmente de ver mundo, mas de ver dentro e para lá do mundo, tacteando um sentido, uma luz, um encontro, uma revelação. Como afirma José da Silva Lima: «no caso da peregrinação ou do turismo, a pessoa, enquanto interioridade, está motivada para um percurso de mais, sujeita sempre às surpresas da natureza, do património, do quadro ecológico, das relações humanas [...]. Esta disposição potencia o encontro do peregrino ou do turista como ocasião de investimento e de

---

<sup>108</sup> «O peregrino é uma espécie de turista em *part-time*». *Id.*, 249.

<sup>109</sup> Cf. V. da Costa PEREIRA, *op. cit.*, 50. Ver também M. da Graça SANTOS, *op. cit.*, 251.

<sup>110</sup> E. ABUMANSUR, «Religião e Turismo: Notas sobre as deambulações religiosas», in E. Sued ABUMANSUR, *op. cit.*, 53.

<sup>111</sup> J. da Silva LIMA, *A Peregrinação...*, 60.

enriquecimento»<sup>112</sup>. Quer um, quer outro encontram e encontram-se na e com a diferença, com a transcendência, com a beleza, com o silêncio, etc. Mas também com a possibilidade do encontro se converter em desencontro, que poderá empobrecer o peregrino e o turista<sup>113</sup>.

Portanto, o autor sublinha que o peregrino e o turista são, acima de tudo, «visitantes» movidos e motivados por uma variedade de figuras, umas que permitem mais facilmente aceder e descobrir o sagrado/religioso, outras que podem proporcionar algum encobrimento<sup>114</sup>. O peregrino e o turista assumem atitudes de procura de algo, de contínua busca e, por isso, ambos se encontram a caminho...

### 3. O santuário

Desde sempre a humanidade procura (vi)ver Deus, visitar os lugares onde Ele se manifesta, assim como perpetuar esses acontecimentos gratificantes, procurando erigir monumentos dignos de contemplação, de sacralidade que preenchem os vazios da vida rotineira.

Os santuários são estas marcas inextinguíveis de uma «memória histórica»<sup>115</sup>, de uma «memória das gerações»<sup>116</sup> que «torna possível aos visitantes a escuta das lições que escondem na planta arquitectónica, na arte decorativa que os embeleza, na escultura e

---

<sup>112</sup> *Id.*, 110.

<sup>113</sup> Cf. *Id.*, 113-115.

<sup>114</sup> Cf. *Id.*, 60.

<sup>115</sup> Pedro PENTEADO, «A construção da memória nos centros da peregrinação», in *Communio* 4 (1997), 329-344.

<sup>116</sup> José da Silva LIMA, «Santuários, lugares de peregrinação e Portugal», in *Communio* 4 (1997), 346.

património iconográfico que encerram, no desafio da santidade, da diferença e do transcendente que integram»<sup>117</sup>.

Assim, ainda hoje, os santuários permanecem como “lugares altos”, não só nos dias de peregrinação ou romaria, mas também em dias de lazer, de descanso, de férias. Mesmo assim, estes espaços são frequentemente procurados, atraem a pessoa e a comunidade a que ela pertence. Todavia, nestes recintos preside ainda o intento ou «a orientação inconsciente de abrir uma porta fora do tempo, de habitar um lugar sem dimensões limitadas no horizonte do infinito, de encontrar uma ausência como outro nome de uma diferença consentida»<sup>118</sup>.

Em suma, o santuário apresenta duas forças ou movimentos que não se contradizem, mas que existem e vivem concomitantemente: atracção (força centrípeta) e a difusão (força centrífuga), ou seja, «a espiritualidade que atrai é a mesma que irradia»<sup>119</sup>.

### **3.1. (In)definição de santuário**

O termo santuário tem ao longo da história feito o seu itinerário semântico, mas ainda hoje pretende designar algo de sagrado, de segredo ou de mistério e de cisão com outras realidades. Pode-se correr o risco de apenas defini-lo exclusivamente como estrutura física e material, ampla que se reveste de várias tendências e técnicas artísticas e arquitectónicas, etc. Todavia, mais do que tentar atribuir uma definição, importa apresentar algumas características que o erguem, enquanto espaço que ocupa, não só num lugar demarcado, mas também no íntimo de cada um, ou seja, como um espaço de busca e encontro, de repouso e de dinâmica (espiritual), de construção de uma identidade. José da Silva Lima esclarece que «não se trata de uma realidade meramente estática, onde se vai em peregrinação, mas de um lugar de desejo

---

<sup>117</sup> *Id.*, 1997, 346.

<sup>118</sup> J. da Silva LIMA, *A Peregrinação...*, 12.

<sup>119</sup> M. da Graça SANTOS, *op. cit.*, 433-436.

que o instiga e que provoca o êxodo, constituindo-se um dos padrões da construção identitária»<sup>120</sup>.

É certo que é vital regravar a definição como, por exemplo, refere o Código de Direito Canónico: «Sob o nome de santuário, entende-se a igreja ou outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações, com a aprovação do ordinário local»<sup>121</sup>.

«O santuário é um lugar de culto, como as igrejas, oratórios e capelas». O mesmo cânon [1230] estabelece as condições para que um lugar a que ocorrem peregrinações de fiéis se possa considerar santuário: a) deve tratar-se de um lugar sagrado e, normalmente, uma igreja. Muitas vezes, um santuário começou por ser uma ermida e, [...] enquanto não houver um lugar sagrado onde se preste culto e se atendam espiritualmente os fiéis, não há santuário. [...] «Os Santuários nascem como factos da piedade popular»<sup>122</sup> mas, acima de tudo, «atestam e documentam uma história santa»<sup>123</sup>.

Além disso, o espaço físico converte-se em oportunidade de homem «traduzir o infinito no finito»<sup>124</sup>, de estabelecer como que uma troca de bens, de contemplar, de reclinar a cabeça, de edificar pontes com o divino<sup>125</sup>. Os santuários espelham e traduzem a história de uma incessante busca de sentido por parte dos fiéis, «inscrevem sagas de procura e teofanias, indagações e encontros, precariedades e dádivas de luxo superabundante»<sup>126</sup>. São guias, pedras miliare que orientam a humanidade e qualquer crente ao longo do caminho da vida.

---

<sup>120</sup> J. da Silva LIMA, *A Peregrinação...*, 76.

<sup>121</sup> Cf. Código de Direito Canónico (25.01.1983), cânon 1230, in AAS 75II (1983), 212.

<sup>122</sup> Manuel Fernando Sousa e SILVA, *Direito Sacramental I. Sacramentos da Iniciação Cristã e Sacramentos*, Coleção Estudos Teológicos, Universidade Católica Portuguesa Editora, n.º 36, Lisboa, 2004, 509-510.

<sup>123</sup> J. da Silva LIMA, *A Peregrinação...*, 76.

<sup>124</sup> Cf. *Id.*, 76.

<sup>125</sup> «Como instância sagrada, o santuário é uma realidade na qual o homem procura traduzir o infinito no finito, como se de um livro tratasse. Ali se inscrevem marcas da história e ali se gravam narrativas de povoações em êxodo. Ali se procede a um intercâmbio de bens e ali se contempla o rosto do divino na luz e na frescura, na paz e no assombro. Trata-se, sobretudo, de um centro de mediações». *Id.*, 76

<sup>126</sup> *Id.*, 77.

### 3.2. O espaço e o tempo do Santuário

A humanidade é marcada pela dimensão do espaço e do tempo, ou seja, ela é «habitante de um tempo limitado pelo início e pelo fim, e de um espaço igualmente limitado pelos incontornáveis contornos de tudo o que é»<sup>127</sup>. Todavia o homem, porque é finito, detém a capacidade de poder reproduzir a transcendência dos limites, de projectar um horizonte infinito. Existe, por certo, a noção de tempo e espaço que preenche a vida de cada ser humano.

O espaço, medida de tudo aquilo que existe, diz respeito a algo geométrico, onde todos os metros são todos iguais. Todavia, o professor João Duque advoga que os centímetros e metros medem lugares e estes não são todos idênticos, e o modo do homem se relacionar com eles é também diferente. Isto devido à experiência da história que cada lugar apresenta como sendo espaço de múltiplas relações (com outros e com o espaço)<sup>128</sup>. Então, “o espaço passa a ser, *sítio*, na medida em que origina uma *situação*”, âmbito da classificação do espaço e um agregado de sítios com vários significados e símbolos-sítio<sup>129</sup>. Deste modo, pode-se afirmar como Mircea Eliade que «para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta rupturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras»<sup>130</sup>. Neste sentido, José da Silva Lima refere que há um outro lugar, uma estrutura imaginária que une cada ser ao terreno cósmico e, por isso, «o lugar habitual implica um outro, que lhe serve de molde, que o viabiliza e lhe empresta a dimensão possível que necessita como real. Como

---

<sup>127</sup> João DUQUE, «O Santuário: transfiguração do espaço e do tempo», in AA.VV., *O Presente do Homem – o Futuro de Deus*, 85.

<sup>128</sup> Cf. *Id.*, 89.

<sup>129</sup> «As culturas que habitamos estão sementeas de símbolos-sítio onde a entrada implica rituais de purificação, estruturação diferenciada de actores e uma certa arquitectura especializada que faz tocar o segredo que se mendiga». J. da Silva LIMA, *A Peregrinação...*, 78.

<sup>130</sup> Mircea ELIADE, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Edição «livros do Brasil», Lisboa, *s.d.*, 35.

dimensão fundamental da vida de cada homem, o outro lugar é a referência que marca a trajetória profunda como lugar para o qual importa sempre regressar»<sup>131</sup>.

O tempo, segundo João Duque, marca a situação e importa superar o tempo *conométrico* para um tempo *kairológico*, isto é, de um tempo que desqualifica o próprio tempo a um tempo que não se deixa aprisionar no simples discorrer do relógio, um momento (e não instante) que não é sempre igual a outro, mas que comporta em si uma significação que qualifica o tempo pessoal e comunitário. Um tempo que erige uma história plena de sentido, num círculo aberto à esperança<sup>132</sup>.

Portanto, quer o espaço, quer o tempo ganham sentido nas/pelas relações que aí acontecem, percebendo que não só «a relação se dá no tempo, [mas] também o tempo se dá na relação»<sup>133</sup>, uma relação e diálogo com o outro que inaugura o tempo, um tempo sempre novo e diferente que forma identidade (pessoal e comunitária).

Posto isto, percebemos que os santuários são modelos de qualificação e relação colectiva e pessoal do espaço, assim como, de momentos e datas marcantes. Um e outro num diálogo gratuito constroem lugares propícios de olhar, de estar em contacto e diálogo com a transcendência<sup>134</sup>. O santuário torna-se, portanto, oportunidade de “trans-figuração” do espaço e do tempo, mediante os símbolos, pois conduz o homem a uma experiência mais vasta de sentido, articulada por ele, mormente, na linguagem, no ritual, na narrativa, etc.<sup>135</sup>. Porém, sempre com a certeza de que «os santuários facilitam a realidade humana em trânsito, enquanto lugares de transformação, mediando o contacto com outra realidade que

---

<sup>131</sup> J. da Silva LIMA, *A Peregrinação...*, 77.

<sup>132</sup> Cf. João DUQUE, «O Santuário: transfiguração...», 90.

<sup>133</sup> *Id.*, 90.

<sup>134</sup> «Levas e levadas de peregrinos em direcção a Fátima. E estrebuchem no papel os livres pensadores. Se não há sobrenatural, como eles afirmam, há pelo menos necessidade de transcendência. [...] Compostela, Lourdes e outros locais onde o céu e a terra se confundem são a mesma Cova da Iria renovada no tempo. O ar miraculoso que ali se respira [...] vem ao encontro de apetências recônditas do nosso sub-consciente [...] aí, tem acesso disponível às nascentes sagradas que, parecendo manar do chão bendito que pisa, lhe brotam de dentro da própria alma». Miguel TORGA, *Diário XII*, ed. do autor, Coimbra, 1977, 111-112

<sup>135</sup> Cf. J. DUQUE, «O Santuário...», 91-94.

permanecerá outra e que, mesmo depois de aproximada, ficará distante»<sup>136</sup>. E é nesse espaço e tempo que emerge uma relação – jogo das acções e realizações simbólicas<sup>137</sup> - da finitude com a infinitude, instaurando uma «crise»<sup>138</sup> necessária.

Deste modo, é na temporalidade da história e na espacialidade do mundo que se manifesta a noção de infinito sobre o finito, ou seja, é na vida de cada crente que a presença do infinito transcendente acontece. É a presença finita do infinito em Deus que transforma e transfigura o espaço perdido de sentido em algo com sentido, em espaço encontrado, habitado e de encontro<sup>139</sup>. Naquele espaço, a finitude do tempo transfigura-se em hora de salvação. Vive-se momentos e tempos com memória e esperança (escatológica)<sup>140</sup>.

Por fim, observa-se que, neste mundo secularizado, os santuários são, cada vez mais, como que «espaços oásicos de respiração da alma e do coração, lugares epifânicos, não apenas de evocação, mas também de celebração da presença do sagrado»<sup>141</sup>. A partir desta afirmação, José Jacinto de Farias, refere que a transcendência resulta do cruzamento das coordenadas transcendentais do tempo e do espaço. Acrescenta um dado novo, advogando que o espaço e tempo transcendem-se devido à comunidade de peregrinos, que sente e vive o santuário como lugar e momento de celebração, de festa, de abrigo, de repouso, de livre encontro consigo e com o sagrado<sup>142</sup> e de conversão<sup>143</sup>. Assim, a comunidade de peregrinos,

---

<sup>136</sup> J. da Silva LIMA, *A Peregrinação...*, 78.

<sup>137</sup> Cf. J. DUQUE, «O Santuário...», 95 e 98.

<sup>138</sup> «Mas a crise é a única forma de relação de ambas». *Id.*, 94 e 97.

<sup>139</sup> «O encontro está no centro do desenvolvimento humano pessoal, cultural e civilizacional. Quando alguém pensa, desde tenra idade, fá-lo na lógica de algo que encontra. Alguma coisa, alguém, um olhar, um gesto, um gemido, uma voz e até um silêncio, estão na origem do encontro com o pensamento. [...] A vida pessoal joga-se no encontro, espaço de avaliação, de intercomunicação, de surpresas que transformam, solidarizam, travam, justificam e edificam. [...] Quando se fala de encontro, o pensamento está subjacente como marca de uma diferença criadora. Não se trata de um facto bruto, mas reflexivo. O encontro aponta para uma realidade que é e que sabe dizer-se, que estrutura e que se torna tema, que recria e que simboliza. Do encontro surge a vida, sempre precedida da palavra que o diz». J. da Silva LIMA, *A Peregrinação...*, 99.

<sup>140</sup> Cf. J. DUQUE, «O Santuário...», 96-98.

<sup>141</sup> José Jacinto de FARIAS, «Os Santuários: espaços epifânicos de Transcendência», in AA.VV., *O Presente do Homem – o Futuro de Deus*, 65.

<sup>142</sup> «O santuário convida, é procurado, fala por si, eleva, alivia, reconforta e estimula». D. Antonino DIAS, «Os Santuários, lugares de evangelização», in *Bíblica* 16 (2007), 67.

<sup>143</sup> «[...] caminhar até a um santuário e estar nele, renova espiritualmente, alcança graças especiais e leva à conversão». *Id.*, 72.

onde cada crente se situa, converte-se em santuário vivo, em “santuário-pessoa”<sup>144</sup>, em templo de pedras vivas<sup>145</sup>, em casa de intimidade que procura caminhar cada vez mais perto do sagrado, ou seja, numa relação e tensão de acolhimento e doação que possa conferir sentido à peregrinação do deserto da vida<sup>146</sup>.

Finalmente, o santuário poderá ser a oportunidade de avistar aquele «rasgão de infinito»<sup>147</sup> e «a fresta aberta no próprio tempo como vislumbre do Eterno»<sup>148</sup> «sem véu: “casa de oração para todos os povos”»<sup>149</sup>.

---

<sup>144</sup> Cf. D. António COUTO, «Jesus, Santuário de Deus para o Homem», in *Bíblica* 16 (2007), 133-141.

<sup>145</sup> «Cada nova *dimensão* descoberta do *lugar*, qual rasgão de um espaço de bênção e transformação interior, é sintonia com o ritmo vivo de tal “lugar sagrado” e, dir-se-ia, que as alterações íntimas do lugar fazem corpo com alma orante dando-lhe em cada recanto desse espaço a *ocasião* de um novo ‘centro’ e no centro de si essa moção envolvente e comunitária que se reconhece “templo de pedras vivas”, Igreja ou corpo místico de Cristo». Carlos SILVA, «O Lugar do Divino Vislumbre», in AA.VV., *O presente do homem – O futuro de Deus*, 195-196.

<sup>146</sup> Cf. J. Jacinto de FARIAS, «Os Santuários...» 65-67

<sup>147</sup> C. SILVA, «O Lugar...», 200. «Véu rasgado pelas mãos de Deus. Não costure o homem o que Deus rasgou». D. A. COUTO, «Jesus...», 141.

<sup>148</sup> C. SILVA, «O Lugar...», 199.

<sup>149</sup> D. A. COUTO, «Jesus...», 141.



**III CAPÍTULO**

**A Teologia e o Turismo**

## 1. Um sentido para este caminhar...

«Há homens e mulheres cuja existência assinala a resposta a um apelo pessoal, ou na procura sincera de Deus, ou no respeito, sem falha, do seu semelhante. Nós somos apenas o companheiro sem nome de Cléofas que caminha com o invisível que interroga. Nós caminhamos perguntando-nos continuamente sobre o sentido da nossa própria marcha»<sup>150</sup>.

A Igreja procura incessantemente ensinar e conduzir a humanidade a descobrir a sua autêntica vocação, pois no mais íntimo de cada homem manifesta-se a profunda interrogação da sua condição de *homo viator*, assim como a constante sede de abrir novos horizontes e a certeza radical que só em Deus se alcança a meta da existência.

No turismo observa-se claramente esta busca do homem de conhecer-se, conhecendo outras pessoas e culturas, novas realidades, novas gramáticas, etc. A humanidade dedica parte do seu tempo livre, de repouso, da sua vida para sair, para se encontrar e perder até algum lugar (dentro de si), até outro de quem se faz próximo<sup>151</sup>.

Para recuperar tempo perdido ou para gastar tempo remunerado, a viagem acarreta sempre consigo um objectivo bem claro: chegar a um determinado objectivo ou meta. Caminha-se para estar sempre em movimento. A própria vida é um caminho: dá-se voltas; opta-se por vários caminhos, alguns conhecidos; afasta-se do rumo e perde-se; enfrenta-se contrariedades; encontra-se caminhos planos, outros sinuosos; caminha-se com alguém, para alguém; e, muitas vezes, encontram-se marcas e sinais deixados por outros que permitem cada um encontrar o seu próprio caminho. O estar a caminho testa continuamente o homem, pois ele interroga-se, destila as suas inquietações e purifica as suas motivações. O caminho forma a pessoa humana em corpo e alma, todos os seus sentidos são activados e neste decurso sente-se

---

<sup>150</sup> J. A. MOURÃO, *A Palavra...*, 173-174.

<sup>151</sup> C. MAZZA, *op. cit.*, 17.

mais viva, livre, vigilante, peregrina, questionando-se sobre o caminho, sobre o sentido de viver<sup>152</sup>.

Na realidade, o acto de peregrinar não pode ficar reduzido somente àquela ideia de mobilidade física ou geográfica que leva o ser humano a deslocar-se de lugar em lugar, pois há aquele movimento muito mais intenso do que o físico: o espiritual, que «pressupõe um ideal simbolizado num ponto que marca o apogeu da experiência transcendente»<sup>153</sup>. Na verdade, peregrinar é dar sentido não só ao caminho palmilhado, mas também à grande interrogação que é a vida, a todos os caminhos realizados diariamente, tentando decifrar a verdade e o nexos desses caminhos.

No seu peregrinar, o homem questiona-se. Ele «caminha [...] como se todo o corpo estivesse erguido na pergunta»<sup>154</sup>. É a questão da transcendência que é expressão da vivência na imanência numa peregrinação. A questão sobre o homem é a pergunta que ele se coloca a si mesmo e na qual se descobre como homem livre. O poder interrogar-se é a sua liberdade. «Só o homem pode interrogar-se. Esta é a sua questão, uma questão que o atormenta sob as mais diversas formas. Surge na consciência, quando o indivíduo, que age espontaneamente, se acha reenviado a si mesmo e obrigado a reflectir sobre si mesmo»<sup>155</sup>. Ao mesmo tempo, a sua questão torna-o humano. Como ser que se interroga o homem é sujeito e objecto de toda a pergunta. Ele interroga-se e é o centro da sua interpelação. Nela e por ela, ele manifesta a sua liberdade e, conseqüentemente, neste interrogar-se descobre que toda a palavra sobre si é ausência de palavra. «Se for preciso haver ‘resposta’ a esta questão “o que é o homem”, então ela só pode consistir na suspensão, e não na resposta a esta pergunta; na suspensão e na ruptura da dimensão em que esta pergunta se coloca acerca daquilo que deve ser uma resposta

---

<sup>152</sup> Cf. Anselm GRÜN, *Caminhar. Hacia una Teologia del Peregrinar*, San Pablo, Madrid, 2007, 7-12.

<sup>153</sup> F. Micael PEREIRA, «A Peregrinação. Fenómeno humano e religioso», in *Communio* 4 (1997), 316.

<sup>154</sup> Sophia M. BREYNER, *op. cit.*, 155.

<sup>155</sup> «Nós sentimos-nos intrigados com o mistério da vida sobretudo com o do homem. Pensar todavia o universo sem homens seria mais intrigante. Porque só o homem pode perguntar «para quê?», ou seja, abrir-lhe já uma hipótese de justificação». J. MOLTMANN, *O homem mistério a desvendar*, Paulistas, Apelação, 1976, 9.

a todas as perguntas, e por isso mesmo uma resposta irrespondível»<sup>156</sup>. Ele permanece sempre como mistério.

Em razão desta contínua interrogação, sendo ele mesmo o objecto das suas buscas, este escapa-se-lhe sempre, foge-lhe dos dedos: «Somos, mas não nos possuímos; tal é manifestamente a condição humana»<sup>157</sup>. De facto, se a humanidade conseguisse explicar o seu arcano, estaria a negar a sua liberdade e talvez ela teria atingido o limite e, por isso mesmo, a sua aniquilação. O ser humano é a pergunta para a qual não existe resposta<sup>158</sup>. Ele é interrogação, liberdade e abertura. É, mas não se possui. E esta não-possesão é, na realidade, o auge da condição humana.

Como já foi dito, o homem é um ser que interroga a vida e não permite que ela o viva, mas faz-se senhor de sua existência. Atravessa-a questionando-a como um mistério para ser descoberto no dia-a-dia. A sua caminhada não passa de uma busca interminável que apenas no encontro íntimo com Deus encontra respostas. Quanto mais [caminha e] se imerge no mistério da vida, mais se descobre enquanto homem, filho do Divino Nome, e é abraçado pelo mistério de Deus<sup>159</sup>.

Finalmente, o homem vai percebendo que o caminho (peregrinação) da vida funda a sua identidade renovada numa “estrada” que está escrita tanto na terra como no céu; dá sentido (mas não soluciona todas as questões) e conduz livremente a sua vida até à presença de mais alguém que possa fazer um caminho partilhado e solidário.

---

<sup>156</sup> Cf. Karl RAHNER, *O desafio...*, 18-19.

<sup>157</sup> «Se a natureza do homem está indomavelmente em demanda de uma resposta; se a estrutura do homem é, portanto, essa pergunta irresistível e inesgotável, não admitir a existência de resposta é suprimir a pergunta. E essa resposta não pode ser senão insondável. Só a existência do mistério é adequada à estrutura de mendicância que o homem é. O homem é insaciável mendicância, e o que lhe corresponde é algo que não é ele mesmo, que ele não pode dar a si mesmo, que ele não pode medir, que o homem não sabe possuir». J. MOLTSMANN, *O homem...*, 11.

<sup>158</sup> «Tenho o enigma mas não a chave que o desvende. Sei a interrogação, mas não posso convertê-la na pergunta a que se dá uma resposta. Da integração do homem no mistério do universo o que me fica é a vertigem». K. RAHNER, *O desafio...*, 11.

<sup>159</sup> «A antecipação da transcendentalidade, para além do que é circunscrito e cognoscível (aparentemente, no vazio), deve ser o suporte dominante da compreensão da incompreensibilidade divina. E assim, ela será a realização plena da tendência transcendentalista do homem, orientado para o incompreensível. A incompreensibilidade de Deus na visão beatífica [...] é aquilo que o homem procura precisamente alcançar, [...] aquilo que o homem procura». *Id.*, 17.

Diante do fenómeno cada vez mais emergente do turismo que abrange imensas pessoas e povos, a Igreja tenta perscrutar os sinais dos tempos e seguir o mandato do Senhor, proclamando o Evangelho que gera liberdade e fraternidade entre os filhos de Deus. Todo o homem é chamado a acolher a acção salvadora de Deus que transforma todas as dimensões da sua vida.

Deste modo, o tempo dedicado ao turismo não fica à margem do olhar maternal de Deus que chama e visita cada um e o faz partícipe da sua glória. Também o turismo, quando bem conduzido, pode ser tempo sagrado, tempo de festa e júbilo partilhado, de libertação, de (des)encontro, tempo de salvação (que confere saúde), tempo de acção de graças e contemplação. O turismo poderá ser oportunidade para o cristão reviver «a acção de graças pelo dom da Criação que resplandece da beleza do Criador, pelo dom da liberdade pascal que o torna solidário com os seus irmãos em Cristo e Senhor, pelo dom da festa com a qual o Espírito o introduz na pátria definitiva, desejo e meta do seu peregrinar neste mundo»<sup>160</sup>.

## **2. Tempo imperativo: o trabalho**

O trabalho, direito e responsabilidade, é tempo imperativo pois faz parte da condição essencial do homem, uma vez que é graças a ele que consegue viver, sustentar a família, integrar e participar na sociedade, mas também se realizar<sup>161</sup>. Na verdade, “a grandeza do homem sempre foi a de recriar a sua vida. Recriar o que lhe é dado. Forjá-lo mesmo que sofra. Pelo trabalho, realiza a sua própria existência natural e faz-se «matéria»<sup>162</sup>.

---

<sup>160</sup> OPT, nº14, 261-262.

<sup>161</sup> Cf. *LE*, 26.

<sup>162</sup> «Pelo trabalho o homem faz-se matéria como Cristo pela Eucaristia». S. WEIL, *op. cit.*, 177-179.

Ainda habitam a nossa memória aquelas experiências e modelos de tecido social em que o trabalho era mal remunerado e as suas condições eram realmente desumanas. É um facto que actualmente muitas realidades evoluíram e melhoraram mas ainda nem para todos assim o é e muitos excessos e desrespeitos assolam a dignidade do trabalhador. Novos problemas emergem, relacionados com a globalização, as deslocalizações, a concorrência, as crises económicas, etc. A forte inovação tecnológica, que traz imensas vantagens, é também determinante quanto à insegurança do posto de trabalho para as pessoas. Não convém marginalizar as condições de trabalho em que muitas pessoas hoje vivem, pois nada pior que retroceder até à era da escravidão.

Emergem de tudo isto inquietudes sobre a necessidade da dignidade que o trabalho deverá integrar. Importa assimilar que não vivemos somente para trabalhar, mas é fulcral trabalhar para viver e viver com decência, não apenas para nós, mas criando espaços saudáveis de relação laboral com os restantes: família, sociedade e nação. Jamais deverá cair no esquecimento a nossa condição de herdeiros do trabalho de gerações antecedentes, assim como a condição de construtores de/do futuro<sup>163</sup>. Deste modo, ganha ainda mais sentido o que afirma João Paulo II na encíclica *Laborem exercens* sobre a importância do trabalho do Homem se aliar ao Deus, pois «o homem, criado à imagem de Deus, participa mediante o seu trabalho na obra do Criador»<sup>164</sup>. A fadiga do trabalho é acompanhada desta esperança que enriquece e dá sentido ao quotidiano de cada indivíduo que com Deus “concorre” para fazer jus às palavras do livro do Génesis referentes à criação (cf. Gn 1, 28). Assim, é missão de cada pessoa humanizar o mundo, transformá-lo em local habitável, livre e pacífico, respeitando, cultivando e preservando-o como “co-operários” de uma criação inacabada<sup>165</sup>.

---

<sup>163</sup> Cf. COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, DO ANÚNCIO E DA CATEQUESE, *Carta aos que procuram Deus*, edição da Conferência Episcopal Portuguesa, Moscavide, 2010, 12-13.

<sup>164</sup> *LE*, 25.

<sup>165</sup> Cf. COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, DO ANÚNCIO E DA CATEQUESE, *Carta...*, 13-14.

Num patamar um pouco distante deste, surge na mentalidade da cultura ocidental um modo de trabalho que se alicerça somente na perspectiva economicista e materialista, rendida unicamente à primazia do capital. Deste princípio vicioso brota uma cultura do “ter cada vez mais”, onde o desenvolvimento equilibrado é atropelado pela soberba de sistemas económicos que cavam cada vez mais fundo o fosso entre ricos e pobres. Além disso, vai-se perdendo a riqueza do tempo livre, do tempo gratuito, do tempo de graça para criar relação, estar disponível, para fazer memória que edifica a identidade de cada pessoa.

Todo o homem ou mulher que transporta esta «vocação universal»<sup>166</sup>, o trabalho, sabe que no labor quotidiano encontra uma parte da cruz de Cristo e descobre no trabalho «um vislumbre da vida nova [...]»<sup>167</sup>. Como refere Simone Weil, os trabalhadores precisam de algo mais do que o pão, necessitam da poesia que habita, (re)cria e dá valor à vida<sup>168</sup>. O trabalho apresenta-se como um bem útil e digno, que revela e engrandece a própria dignidade do ser humano, fazendo com que ele seja cada vez mais<sup>169</sup>. Portanto, o ser humano deverá ter em conta que quando trabalha ou descansa deverá procurar assemelhar-se a Deus.

### **3. Tempo de graça: o lazer**

Hoje podemos falar sobre a importância do tempo livre e do repouso devido à constante e pendular luta de reivindicação dos trabalhadores por férias remuneradas (1936) que se foi travando ao longo dos séculos XIX e XX. A diminuição da carga horária, a inovação e

---

<sup>166</sup> *LE*, 9.

<sup>167</sup> *LE*, 27.

<sup>168</sup> «Os trabalhadores precisam de poesia mais que de pão. Precisam que a sua vida seja uma poesia. Precisam de uma luz de eternidade. Apenas a religião pode ser fonte desta poesia. Não é a religião, mas sim a revolução que é o ópio do povo. A privação desta poesia explica todas as formas de desmoralização». S. WEIL, *op. cit.*, 178.

<sup>169</sup> *LE*, 9.

desenvolvimento tecnológico, o fim-de-semana (week-end), o subsídio de férias permitiu aos trabalhadores um incremento do seu tempo livre<sup>170</sup>.

De facto, saber descartar-se dos tempos padronizados e calculados faz parte da arte de viver. Numa perspectiva claramente cristã, surge conectada uma dimensão inerente ao trabalho: a dimensão do tempo livre (que liberta), de repouso e festa<sup>171</sup>. O tempo livre pode ser evocado como tempo de graça, ou seja, como tempo não pago, embora este possa oferecer algum incómodo, importa sublinhar que nem todo o tempo é dinheiro, mais, «para que todo o tempo renda é fundamental que nem todo o tempo tenha dinheiro»<sup>172</sup>. Mais do que ligá-lo com o dinheiro é mais rentável conotá-lo com a gratuidade: tempo por excelência de relação com as pessoas, consigo mesmo, com a realidade para além do tempo; tempo que não se mede e calcula friamente e cujos frutos advirão de modo inesperado; e tempo de permuta, de dádiva gratuita de si mesmo, sempre retribuída material e espiritualmente e tanto mais retribuída quanto mais gratuitamente a vivermos<sup>173</sup>.

O livro do Génesis, na Sagrada Escritura, atesta a preponderância do descanso, narrando a criação realizado por Deus sob forma de um labor que é acompanhado por um repouso no sétimo dia (cf. Gn 2, 3). «“No repouso” que remata a actividade criadora de Deus, sempre a hermenêutica crente sondou uma espécie de plenitude a que o Ser Humano deveria também aspirar. Esse tempo, que sucede ao ritmo laborioso e múltiplo dos afazeres, constitui uma verdadeira libertação do tempo, pois permite a degustação profunda da obra criada e a consciência de si como experiência concreta de bênção (Gn 1, 2-3)»<sup>174</sup>.

De facto, este tempo de graça introduz uma ruptura no ritmo normal do tempo e reenvia a pessoa para um tempo sem tempo. Por outras palavras o tempo imperativo, o tempo de

---

<sup>170</sup> Cf. M. BOYER, *op. cit.*, 88- 105.

<sup>171</sup> Cf. COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, DO ANÚNCIO E DA CATEQUESE, *Carta...*, 15.

<sup>172</sup> F. M. PEREIRA, «Tempo...», 6.

<sup>173</sup> Cf. *Id.*, 7.

<sup>174</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA - COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Do tempo livre à libertação do tempo*, Cadernos do Sicómoro (1), Moscavide, Junho de 2008, 21.



trabalho é suspenso por um descanso festivo e, até libertador, que se apresenta como que a antítese da vida diária ou a negação da monotonia corrente. Esta realidade antropológica é também um evento teológico porque o homem torna-se epifania do divino, onde Deus se mostra presente na vida da humanidade<sup>175</sup>. Assim sendo, este tempo de graça é agraciado com o fascínio da glória do mistério de Deus: Ele entra neste tempo, confere sentido e faz desse tempo sagrado, oportunidade de festa<sup>176</sup>, de jogar e brincar<sup>177</sup> e de encontro, do Pai com os seus filhos. Para Romano Guardini, o termo *ludens* é tido em grande conta para descrever a proposta cristã: «O Pai eterno compraz-se que a sabedoria, o Filho, a Plenitude absoluta de toda a verdade, exprima diante Dele numa inexprimível beleza este conteúdo infinito que não visa nenhum fim – e a que poderia Ele visar? –; mas na plenitude mais definitiva do sentido, num puro deliciar-se com a vida, Ele “joga” diante Dele»<sup>178</sup>.

Qualquer estrutura religiosa ou cultural necessita do tempo livre, ou seja, do repouso<sup>179</sup>, porque «todo o trabalho, seja ele manual ou intelectual, anda inevitavelmente ligado à fadiga»<sup>180</sup>. Na verdade, esta é uma das formas de exprimir a dignidade do trabalho: «suspender a actividade do trabalhador com o repouso semanal, à semelhança de Deus que, depois de ter criado o mundo, descansou. O homem participa no trabalho e no repouso de

---

<sup>175</sup> A humanidade em festa tende a tornar-se «contemporânea dos deuses». Cf. M. ELIADE, *op. cit.*, 100-104.

<sup>176</sup> «O carácter lúdico da existência, a festa, o divertimento, mais ou menos organizado, tomou formas distintas ao longo da história e nas diversas culturas. Aí plasmava-se o *Homo ludens*, e manifestava-se a impossibilidade de definir o homem a partir da caracterização unidimensional do *Homo faber*. A gratuidade do lúdico mostra uma dimensão existencial que não podemos negligenciar, abre uma clareira no utilitarismo habitual com que se pensa o tempo (*time is money*) e, em consequência, o homem». SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA - COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Do tempo...*, 13.

<sup>177</sup> «O Senhor criou-me, como primícias das suas obras, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma [...]. Eu estava com Ele como arquitecto, e era o seu encanto, todos os dias, brincando continuamente em sua presença; recriando-me sobre a superfície da Terra [...]» (Prov 8, 22.30-31). “Brincar significa agir, não a partir do necessário ou utilitarista, mas como pura expressão gratuita, amorosa”. José Tolentino MENDONÇA, *O Hipopótamo de Deus e Outros Textos. Cristianismo e Cultura*, 2ª edição (Novembro), Assírio & Alvim, Lisboa, 2010, 10.

<sup>178</sup> Romano GUARDINI, *El Espíritu de la Liturgia*, Centre de Pastoral Liturgica, Barcelona, 2000, 67.

<sup>179</sup> Cf. OPT, nº 5, 256.

<sup>180</sup> LE, 27.

Deus: um e outro são para ele uma bênção e um dom, geradores de vida e necessários para afirmar a dignidade da pessoa humana»<sup>181</sup>.

O tempo livre surge como «possibilidade de realização pessoal e como espaço de criatividade, como um direito que contribui para a plena dignidade da pessoa»<sup>182</sup>. A própria Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, no nº 67, refere que todos os trabalhadores deverão usufruir de tempo livre e repouso suficiente para também se dedicarem à vida familiar, cultural, social e religiosa, já que na sua actividade profissional não o conseguem realizar<sup>183</sup>. O repouso ou tempo livre surge como um valor inalienável – imperativo ético – e não diz respeito apenas a recuperar da fadiga do trabalho ou da sua identidade cansada, mas enche-se de verdadeiro sentido quando o Homem o consagra ao cultivo da sua vida interior<sup>184</sup>, à sua relação com Deus, com os outros, mormente, a família<sup>185</sup> e não somente a um tempo de um ócio vazio, um *far niente*<sup>186</sup>. Na realidade, Jesus Cristo resolveu-se ler o tempo de cada pessoa, tempo fragmentado e obscuro que por vezes parece ser o do nosso destino comum, como esboço de uma plenitude maior. No anúncio inicial de Jesus, segundo o relato do evangelista São Marcos podemos ler: «O tempo alcançou plenitude» (Mc 1, 15)<sup>187</sup>; a utilização do lexema *kairós* revela que este não é um tempo qualquer, mas exprime uma

---

<sup>181</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, DO ANÚNCIO E DA CATEQUESE, *Carta...*, 115.

<sup>182</sup> OPT, nº 9, 258. Sobre esta matéria refere ainda o relatório BIT, 1939, *Les moyens de faciliter aux travailleurs l'emploi de leurs congés payés*, in M. BOYER, *op. cit.*, 105: “O operário, como qualquer outro membro da colectividade tem direito à sua parte de lazeres e deve gozar do tempo e de meios necessários para desenvolver sua personalidade”.

<sup>183</sup> Cf. *GS*, 67.

<sup>184</sup> Através do desporto, da leitura, dos eventos culturais, do turismo e outros o Homem tem a oportunidade de cultivar toda a restante dimensão humana, realizando aquilo que as exigências da vida quotidiana não o permitem. Cf. OPT, nº 10, 259.

<sup>185</sup> Possibilita o encontro com os familiares que se faz numa respiração comum em espaços que são edificadores e fundadores de identidade, que se realiza mediante uma dinâmica de (re)memorização das origens. Cf. OPT, nº 9, 258.

<sup>186</sup> Cf. OPT, nº 11, 259-260.

<sup>187</sup> «O fenómeno festivo, enquanto revelação da alteridade, torna presente o verdadeiro tempo fundamental, o tempo pleno». João Manuel DUQUE, *O Excesso de Dom. Sobre a identidade do cristianismo*, edição Alcalá, Philotheia (nº2), Maio 2004, 283.

qualidade do tempo que escapa a um sentido cronológico. A verdadeira libertação do tempo é a que permitir ao Homem, não só o bem-estar, mas mais do que isso, bem-ser<sup>188</sup>.

Interessa perceber que o descanso semanal não deverá ficar reduzido a uma mera actividade de repouso do corpo, pois essa visão redutora assemelha-se ao repouso do escravo. Neste sentido, Simone Weil diz algo excepcional: «a escravatura é o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião»<sup>189</sup>. Por isso, o trabalho e o repouso deverão reflectir uma clara luz de eternidade, assente na criatividade e nos valores de cada religião ou cultura<sup>190</sup>. Na verdade, o tempo só é “livre”, quando realmente liberta<sup>191</sup>. Neste sentido, é fulcral festejar a “liberdade” para criar, ser poeta na/da vida que o rodeia, para se relacionar o imanente e o transcendente, para não ficar reduzido a um mero escravo nem dos outros, nem de si. «O tempo ferial dá lugar ao tempo sabático, a uma outra relação com a criação, marcada pela capacidade de experimentar o gratuito da vida, a beleza das coisas, a comunhão entranhada em todo o criado. A experiência histórica do homem cumpre-se nesta alternância entre o ferial e o sabático, o necessário e o gratuito»<sup>192</sup>. Nesta linha, Mircea Eliade refere que a festa (religiosa) é evento sagrado, ou seja, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina<sup>193</sup>.

Com efeito, o Concílio Vaticano II, no nº 61 da Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, adverte: «Os tempos livres sejam bem empregados, para descanso do espírito e saúde da alma e do corpo: com actividades e estudos livremente escolhidos; com viagens a outras regiões (turismo), pelas quais se educa o espírito e os homens se enriquecem com o conhecimento mútuo; com exercícios e manifestações desportivas, que contribuem para

---

<sup>188</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA - COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Do tempo...*, 27-29.

<sup>189</sup> S. WEIL, *op. cit.*, 178.

<sup>190</sup> “A festa é criatividade, feliz iniciativa, intensa liberdade, mas também rito preestabelecido, liturgia que se repete”. Isabel Maria Alçada CARDOSO, *Domingo, Dia da Ressurreição. Uma abordagem a partir da literatura cristã anterior a Constantino*, Paulus, Lisboa, 2012, 41.

<sup>191</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA - COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Do tempo...*, 5.

<sup>192</sup> António MARTINS, «A Festa. O Amen da Criação», in *Communio* 1 (1999), 27.

<sup>193</sup> Cf. M. ELIADE, *op. cit.*, 101-102.

manter o equilíbrio psíquico, mesmo na comunidade, e para estabelecer relações fraternas entre os homens de todas as condições e nações, ou de raças diversas»<sup>194</sup>. O tempo livre, de repouso festivo ou o tempo de turismo não deverá contribuir para uma dessacralização da pessoa, mas para um espaço actual e cada vez mais moderno, onde a mulher e o homem cultivam plenamente o espírito e corpo. Experiência de salvação<sup>195</sup>. O tempo livre deverá ser «tempo de integração, de enriquecimento cultural, pessoal, afectivo. De exercitação do músculo da imaginação e criatividade. De explicitação da vida interior»<sup>196</sup>.

Deste modo, dado que o repouso proporciona que se preencha de uma forma enriquecedora o tempo livre, muitas pessoas optam pela realização do turismo, afastando-se por um determinado tempo das suas responsabilidades diárias<sup>197</sup>, para noutro espaço-tempo experimentar um trago de liberdade, cultivando e restabelecendo alguns laços interpessoais, a disponibilidade e o diálogo. O tempo de turismo, portanto, deverá ser esta plataforma onde a humanidade se educa e encontra, sem evasões ou alienações e, pouco a pouco vai estabelecendo pontes para a paz mundial, semeando o respeito pela alteridade e colhendo os frutos da mesma<sup>198</sup>. Por isso, importa ter em atenção que o tempo é «*tempus fugit* – o tempo é o único inimigo que nos fere fugindo, e tanto pode ser o tempo da atenção como o da dispersão»<sup>199</sup>.

Em suma, podemos concluir que o tempo imperativo reclama uma quebra: um tempo livre, não «vazio»<sup>200</sup> ou de «isolamento»<sup>201</sup>, mas capaz de libertar e de gerar confiança e

---

<sup>194</sup> GS, 61.

<sup>195</sup> «A celebração festiva torna-se experiência de salvação que compromete o povo e cada um dos seus membros para responderem de um modo concreto à salvação oferecida pelo Deus dos pais». Isabel M. A. CARDOSO, *op. cit.*, 45.

<sup>196</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA - COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Do tempo...*, 13.

<sup>197</sup> Este tempo de descanso surge como um parêntesis da vida ordinária de modo a recuperar o pleno equilíbrio pessoal. Cf. OPT, nº 10, 259.

<sup>198</sup> Cf. *Directório Geral «Peregrinans in Terra» para a Pastoral do Turismo*, 3c). A partir de agora será citado com a sigla DGPT.

<sup>199</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA - COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Do tempo...*, 12.

<sup>200</sup> Cf. J. DUQUE, *O Excesso...*, 282.

esperança messiânica em si e nas outras pessoas: um tempo de espera<sup>202</sup> e de graça. O turismo abre as portas a novos percursos, novos caminhos, novos modos de olhar a criação e, ao mesmo tempo, de a humanidade olhar para si e por si. Deste modo, poderá emergir uma nova consciência humana, que se realiza mediante o seu quotidiano labor e com o digno direito de se poder libertar e repousar, regenerando e reelaborando o seu ser, a sua identidade e, conseqüentemente, a sua dignidade, pois «se o tempo é condição de possibilidade da liberdade humana, libertar o tempo é condição para a realização pessoal»<sup>203</sup>. Dada a velocidade e a quantidade com que o mundo vai girando, importa apre(e)nder a fazer do tempo um tempo de graça, que cimenta a história de cada pessoa e desta com a Criação e perante Deus<sup>204</sup>; urge crescer na gratuidade do tempo, tal como uma criança que sabe relacionar-se verdadeiramente, que explora, brinca e joga com a vida, que dá de graça o seu tempo pueril e recebe vida e atenção dos que cuidam dela<sup>205</sup>.

#### 4. O turismo e a dignidade da pessoa

«Face à natureza axial do termo ‘dignidade’, importa traçar os contornos que definirão o conceito suposto, ainda que com a consciência de que, como dizia André Malraux (1901-

---

<sup>201</sup> «Se há algo que está ligado a toda a experiência da festa, é o facto de ela recusar todo o tipo de isolamento de alguém frente ao outro. A festa é comunhão e é representação da própria comunhão, na sua forma perfeita». H.-G. GADAMER, GW8, 130, citado por J. DUQUE, *O Excesso...*, 286.

<sup>202</sup> “O sentimento de espera é uma prova do carácter extraordinário da festa”. Isabel M. A. CARDOSO, *op. cit.*, 41.

<sup>203</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA - COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Do tempo livre...*, 13.

<sup>204</sup> «Na festa, a comunidade celebra o seu «ser-perante-Deus» [...] na medida em que festeja, actualizando no tempo, o seu «estar-perante-Deus» [...] Na festa, assim concebida, celebra-se não apenas o sentido de uma comunidade restrita – ou mesmo fechada sobre si mesma – mas sim o sentido da realidade global». J. DUQUE, *O Excesso...*, 301.

<sup>205</sup> «A gratuidade da criança é uma centelha de Deus. Aliás, na criança se encontra não só a gratuidade, mas a graça que nela está e que não se reduz a ser engraçada; a criança mantém a frescura da criação renovada: em cada dia nasce de novo». F. Micael PEREIRA, «Tempo de graça», in *Communio* 1 (1999), 9.

1976), escritor e filósofo francês, “não sei muito bem o que é a dignidade humana, mas conheço bem, muito bem, o que é a humilhação”»<sup>206</sup>. J.-Román Flecha é bem claro ao afirmar que «a pessoa não se reduz à categoria de meio ou instrumento. Não pode ser transgredida na sua dignidade nem deve transformar os outros em objectos para seu uso e proveito»<sup>207</sup>.

O turismo reveste-se de alguns elementos preponderantes, anteriormente observados, através dos quais é possível um desenvolvimento e realização pessoal do ser humano, da pessoa, «sujeito e fim de toda a actividade social»<sup>208</sup>. De facto, considerar a pessoa como fundamento e fim de uma comunidade é reconhecer todo o seu valor, o respeito que lhe é merecido e toda a sua dignidade, promovendo os seus direitos, deveres e exigências morais basilares. «A dignidade, neste quadro, afirma de alguém que é detentor de um direito de ser respeitado, como um fim em si mesmo e nunca como meio»<sup>209</sup>. Quer M. Buber, quer E. Levinas sublinham a riqueza do encontro, do diálogo e do primado do outro e do perigo de ver o outro como «objecto»<sup>210</sup>.

O primeiro gesto de amor e sabedoria de Deus culmina com a criação do homem e da mulher à sua imagem e semelhança (Gn 1,26). Estes recebem o convite e a missão de habitar a terra e reconhecer com amor os seus semelhantes. Na verdade, cada ser humano é imagem do amor e da beleza «saída das mãos de Deus, transporta a marca da Sua bondade. É um mundo belo, digno de ser admirado e gozado, mas também destinado a ser cultivado e desenvolvido»<sup>211</sup>. Toda a criação está para o sustento da humanidade, para que ela possa viver

---

<sup>206</sup> Luís SILVA, «Dez Palavras Fundamentais da Bioética» (1), in [www.cristoeacidade.pt](http://www.cristoeacidade.pt), (consultado a 03.04.2011).

<sup>207</sup> José-Román FLECHA, *Moral de la Sexualidade. La Vida en el Amor*, Ediciones Sigueme, colección Lux Mundi (nº 82), Salamanca, 2005, 41.

<sup>208</sup> Julio L. MARTINEZ, *Ciudadania, Migraciones y Religión: Un Diálogo Ético desde da Fé Cristiana*, San Pablo, Madrid, 2007, 287. Cf. GS, 12.

<sup>209</sup> L. SILVA, «Dez Palavras...», (consultado a 03.04.2011).

<sup>210</sup> Cf. Joseph GEVAERT, *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, ediciones Sigueme, colección Lux Mundi, nº41, Salamanca, 2005, 37-43.

<sup>211</sup> Cf. OPT, nº15, 262.

condignamente, assim como os bens estão à disposição de todos e qualquer agressão egoísta é aos olhos de Deus uma grave injustiça e uma humilhação que a todos humilha<sup>212</sup>.

O anúncio do Evangelho comporta a salvação integral da humanidade, a sua autenticidade e efectiva libertação. A dignidade de cada mulher e cada homem representa um bem comum para toda a humanidade no caminho que leva à paz, ao respeito por cada um<sup>213</sup> e à «sacramentalidade do encontro»<sup>214</sup>.

Neste apartado sobre o turismo e a dignidade da pessoa importa destacar o Código Mundial para a Ética do Turismo elaborado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) em 1999. Nele é afirmada e reconhecida a promoção e desenvolvimento do turismo, visando contribuir para a expansão económica, compreensão internacional, paz, e prosperidade, bem como para o respeito universal e observância dos direitos do homem e liberdades fundamentais, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião<sup>215</sup>. «Quando reconhecemos a alguém a dignidade de ser humano, estamos a introduzir um conceito com um duplo dinamismo: vertical – afirma a unicidade da espécie humana contra todos os naturalismos que reduzem a natureza humana à igual condição das demais espécies; horizontal – declarando a essencial igualdade de todos os humanos, contra qualquer critério discricionário, seja por motivo de opções ideológicas, idade, nacionalidade, raça, etc.»<sup>216</sup>.

Todavia, é relevante sublinhar que assistimos ainda a certos atentados à dignidade da pessoa humana e do próprio turismo, mormente com a prática hedionda do turismo sexual de

---

<sup>212</sup> «A precisão do que seja a “dignidade humana” deve obrigar-nos a manter o olhar atento contra todos os atentados à mesma dignidade. Quando a humilhação se abate sobre um ser humano não é apenas ele que é humilhado, mas a dignidade de humano que nele subsiste. A humilhação de um a todos humilha». L. SILVA, «Dez Palavras...», (consultado a 03.04.2011).

<sup>213</sup> Cf. PONTIFICIA COMMISSIONE PER LA PASTORALE DELLE MIGRAZIONI E DEL TURISMO, *Lettera alle Conferenze Episcopali* «Chiesa e Mobilità Umana», 29 in AAS 70 (1978), 372.

<sup>214</sup> J.-Román FLECHA, *Moral de la Sexualidade...*, 55.

<sup>215</sup> Cf. Artigo nº 2 do Código Mundial para a Ética do Turismo, in <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf> (consultado 15.03.2011).

<sup>216</sup> L. SILVA, «Dez Palavras...», (consultado a 03.04.2011).

todo o tipo (crianças<sup>217</sup>, homens e mulheres)<sup>218</sup>. Neste sentido, refere o artigo nº 2 no número 3 do Código Mundial para a Ética do Turismo: «a exploração dos seres humanos sob todas as suas formas, nomeadamente sexual, e especialmente no caso das crianças, vai contra os objectivos fundamentais do turismo e constitui a sua própria negação; a esse título e em conformidade com o direito internacional, ela deve ser rigorosamente combatida com a cooperação de todos os Estados envolvidos e sancionada sem concessões pelas legislações nacionais, quer dos países visitados, quer dos de origem dos actores desses actos, mesmo quando estes são executados no estrangeiro». A própria Organização Mundial do Turismo (OMT) define o turismo sexual como viagens organizadas dentro do seio do sector turístico ou fora dele, utilizando no entanto as suas estruturas e redes, com a intenção primária de estabelecer contactos sexuais com os residentes do destino. Este tipo de turismo resume-se à prática de relações sexuais de natureza comercial e são uma atracção turística em países do sudeste asiático e da América Latina (por exemplo: o Brasil, Cuba, etc.). Embora a prostituição seja uma actividade proibida na maior parte dos países onde o turismo sexual acontece, a legislação existente não é cumprida e revela-se, nitidamente, insuficiente. Assiste-

---

<sup>217</sup> Cf. JOÃO PAULO II, «Mensagem para a Jornada Mundial da Paz (08.12.1995), in *L'Osservatore Romano* 50 (16.12.1995), 1.

<sup>218</sup> «Um exemplo da relevância deste problema temo-lo no fenómeno do *turismo internacional*, que pode constituir notável factor de desenvolvimento económico e de crescimento cultural, mas pode também transformar-se em ocasião de exploração e degradação moral. A situação actual oferece singulares oportunidades para que os aspectos económicos do desenvolvimento, ou seja, os fluxos de dinheiro e o nascimento em sede local de significativas experiências empresariais, cheguem a combinar-se com os aspectos culturais, sendo o educativo o primeiro deles. Há casos onde isso ocorre, mas em muitos outros o turismo internacional é fenómeno deseducativo tanto para o turista como para as populações locais. Com frequência, estas são confrontadas com comportamentos imorais ou mesmo perversos, como no caso do chamado turismo sexual, em que são sacrificados muitos seres humanos, mesmo de tenra idade. É doloroso constatar que isto acontece frequentemente com o aval dos governos locais, com o silêncio dos governos donde provêm os turistas e com a cumplicidade de muitos agentes do sector. Mesmo quando não se chega tão longe, o turismo internacional não raramente é vivido de modo consumista e hedonista, como evasão e com modalidades de organização típicas dos países de proveniência, e assim não se favorece um verdadeiro encontro entre pessoas e culturas. Por isso, é preciso pensar num turismo diverso, capaz de promover o verdadeiro conhecimento recíproco, sem tirar espaço ao repouso e ao sã divertimento: um turismo deste género há-de ser incrementado, graças também a uma ligação mais estreita com as experiências de cooperação internacional e de empresariado para o desenvolvimento». *Caritas in Veritate*, 62.



se a um incremento do turismo sexual, utilizando infra-estrutura turística convencional, constitui-se como um fenómeno de massas em alguns países<sup>219</sup>.

Assim, emerge a preocupação da Igreja que procura constantemente colocar-se «ao serviço dos valores que ela considera perdidos ou ameaçados: se este serviço se converte em luta, é porque a Igreja quer defender o homem na sua globalidade, para que este possa viver em plenitude»<sup>220</sup>. É fulcral que todas as pessoas possam usufruir dos valores mais basilares: liberdade, felicidade, respeito pela sua dignidade, a sua sã sexualidade, etc. Porém, «a funcionalidade, o anonimato e a indiferença» de alguns limita e reduz e empobrece a dignidade de cada pessoa ao mais baixo possível<sup>221</sup>. Enzo Bianchi afirma que a palavra sexualidade «é um anúncio, uma palavra que deve convidar ao respeito da pessoa, à autenticidade do desejo, a dar sentido às «histórias de amor», à recusa de todo o consumismo sexual do outro [...]»<sup>222</sup>.

Afirmar que todo o ser humano é pessoa é dizer que aquele comporta uma natureza dotada de inteligência e livre vontade, como refere o Papa João XXIII na carta encíclica *Pacem in Terris*, e daí brotam os seus direitos e deveres que são inalienáveis e universais, pois também ele é filho de Deus, seu criador, e herdeiro da glória eterna (cf. *Pacem in Terris* nn.9 e 10). Urge atender à preponderância de cultivar um humanismo cristão integral como refere Bento XVI na encíclica *Caritas in Veritate*: «Somente se pensarmos que somos chamados, enquanto indivíduos e comunidade, a fazer parte da família de Deus como seus filhos, é que seremos capazes de produzir um novo pensamento e desenvolver novas energias ao serviço de um verdadeiro humanismo integral. Por isso, a maior força ao serviço do desenvolvimento é um humanismo cristão que reavive a caridade e que se deixe guiar pela verdade, acolhendo uma e outra como dom permanente de Deus. A disponibilidade para Deus abre à

---

<sup>219</sup> Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo\\_sexual](http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo_sexual), (consultado a 13.04.2011).

<sup>220</sup> ENZO BIANCHI, *Para uma Ética Partilhada*, Pedra Angular, Lisboa, 2009, 83.

<sup>221</sup> Cf. J. GEVAERT, *op. cit.*, 58-59.

<sup>222</sup> E. BIANCHI, *Para uma Ética...*, 84-85.

disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa. Pelo contrário, o fechamento ideológico a Deus e o ateísmo da indiferença, que esquecem o Criador e correm o risco de esquecer também os valores humanos, contam-se hoje entre os maiores obstáculos ao desenvolvimento. O humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano. Só um humanismo aberto ao Absoluto pode guiar-nos na promoção e realização de formas de vida social e civil – no âmbito das estruturas, das instituições, da cultura, do *ethos* – preservando-nos do risco de cairmos prisioneiros das modas do momento»<sup>223</sup>.

Neste sentido, menciona o artigo 2, nº1 do Código Mundial para a Ética do Turismo: «O turismo, actividade a maior parte das vezes associada ao repouso, à descontração, ao desporto, ao acesso à cultura e à natureza, deve ser concebido e praticado como meio privilegiado de desenvolvimento individual e colectivo; praticado com a necessária abertura de espírito, constitui um factor insubstituível de auto-educação, de tolerância mútua e de aprendizagem das diferenças legítimas entre povos e culturas, e da sua diversidade». A dignidade da pessoa é fundamento de toda a moral, pois a pessoa é irrepetível, criada por Deus para comunicar com outras dignidades, com o mundo, ou seja, com a criação.

O artigo 9º, número 5 do CMET lembra a importância de um desenvolvimento solidário e verdadeiro: «Factor insubstituível de solidariedade no desenvolvimento e dinamismo das trocas internacionais, as empresas multilaterais da indústria turística não devem abusar das situações de posição dominante que por vezes detêm». Assim, deverá brotar um personalismo revestido de solidariedade capaz de demonstrar que a vida social não se edifica a partir de individualidades fechadas e oportunistas que revestem a pessoa de uma avareza, onde o bem individual prevalece sobre o bem comum ou social<sup>224</sup>, o «bem compartilhado»<sup>225</sup>. Na realidade, a sociedade moderna tende a erguer somente o bem-estar económico, esquecendo-se do

---

<sup>223</sup> *Caritas in Veritate*, 78.

<sup>224</sup> Cf. J. L. MARTINEZ, *op. cit.*, 292. Cf. GS, 26

<sup>225</sup> J. L. MARTINEZ, *op. cit.*, 294.

desenvolvimento que promove os direitos humanos, ou seja, a pessoa<sup>226</sup>. Talvez seja imperativo desertar para um novo paradigma onde habite a compreensão, a sabedoria e solidariedade<sup>227</sup>.

Portanto, jamais se poderá esquecer de que é numa dinâmica de sociabilidade que nasce a pessoa humana, individual e universal, isto porque, «o destino humano faz-se possível com o destino dos outros»<sup>228</sup>. O caminho para o futuro depende duma humanidade como «cenário de uma construção dos seres humanos uns pelos outros»<sup>229</sup>, mesmo que ainda alguns homens vejam a riqueza como um ímã irresistível; e a pobreza um agente de contaminação potencialmente violento<sup>230</sup>.

A antropologia da fraternidade cristã exprime o mais improvável sublime do homem, de cada homem, do homem comum, possível a todos como um dever santo, como existência representante de Jesus Cristo, a realizar-se no serviço ao outro irmão. O amor, subjacente a todos os outros tipos de amor como o mais fundamental, é o *amor fraterno*: «Ama o próximo como a ti mesmo». Como refere Joseph Gevaert, o amor como «querer o bem do outro», vontade de o promover e desenvolver como liberdade, fonte de iniciativa e sujeito<sup>231</sup>.

O amor fraterno assenta na experiência de que todos somos um só, onde a diferença vale muito menos diante da identidade fundamental comum a todos a humanidade<sup>232</sup>. Além disso, olhar o outro a partir de Cristo, paradigma da abertura afectiva do *eu* ao *outro*, no Amor

---

<sup>226</sup> Cf. SRS, 33/38.

<sup>227</sup> «A alternativa levanta a questão da solidariedade, capaz de mobilizar o homem: Talvez a humanidade esteja colocada à frente de ter de escolher entre dois extremos: ou a forma própria de exterminar ou no futuro viver como uma família» (A. TOYNBEE). E “este caminho (no bosque do futuro) passa pelo aprender”, por despertar a sabedoria, a solidariedade». Manuel Costa SANTOS, «O homem peregrino», in ACTAS DO SIMPÓSIO MARIOLÓGICO DE N.ª S.ª DA PENHA, Braga, UCP, 1994, 169-170.

<sup>228</sup> Julio L. MARTINEZ, *op. cit.*, 291.

<sup>229</sup> “Através da ciência, da arte, da moral, fizemos da humanidade o cenário de uma construção dos seres humanos uns pelos outros. (...) O futuro está nas nossas mãos”. Albert JACQUARD, *Acuso a Economia Triunfante*, Publicações Europa América, Mira-Sintra, 1996, 122.

<sup>230</sup> Cf. David S. LANDES, *A Riqueza e a Pobreza das Nações. Por que são umas Nações tão ricas e outras tão pobres*, Publicações Gradiva, 1ª edição, Lisboa, 2001, 21.

<sup>231</sup> Cf. J. GEVAERT, *op. cit.*, 54-55.

<sup>232</sup> Cf. E. FROMM, *A Arte de Amar*, Pergaminho, Cascais 2002, 53-54.

mostra uma perspectiva abrangente para um mundo comum, para além da ética<sup>233</sup>. Na realidade, é na fraternidade que se revela o carácter solidário da humanidade.

Portanto, é fundamental perceber que este bem comum se reveste de uma “dimensão transcendente»<sup>234</sup>, onde Deus se apresenta como o fim último de todas as suas criaturas. Nestes tempos tão atribulados e em que constantemente se atenta contra a natureza e dignidade da pessoa urge reconhecer a singularidade e riqueza que cada homem e mulher comporta, reconhecê-lo como um «outro eu», tão igual em direitos e deveres, como alguém livre e que reclama todo o respeito.

O ser humano não é objecto passivo de forças estranhas à sua vontade. A verdade do homem é ser livre, mesmo se limitado na sua liberdade. As suas deliberações afectam-no e afectam os outros. Deste modo, urge cuidar do ser humano. Cuidar do modo como ele desenvolve a sua humanidade é o início de tudo, também do progresso económico e social dos povos<sup>235</sup>.

## 5. O turismo e a ecologia

Desde sempre que o ambiente natural tem sido objecto de desejo para o turista que procura renovadas e únicas experiências naturais (praia, montanha, floresta tropical,

---

<sup>233</sup> «A vivência do tempo é o nosso modo (épico ou trágico) de negarmos a transitoriedade das coisas e de nós mesmos, sendo a história a expressão secularizada do drama de Cristo [...] tragicamente simbolizada no drama de Cristo, arquétipo da abertura amorosa do *eu ao outro*. ‘A civilização ocidental não oferece outro referente mais elevado mais próximo da expressão total do que o dessa voz enigmática que fala no Evangelho. Ele é o fundamento da Ética, em sentido prático, mas está aquém e para além da Ética. A Ética é uma corrupção, uma palavra do mundo grego. A palavra do mundo cristão é o Amor’». Fernando CATROGA, «A inquietação da Heterodoxia», in José GIL, Fernando CATROGA, *O Ensaísmo Trágico de Eduardo Lourenço*, Relógio d'Água, Lisboa 1996, 36.

<sup>234</sup> J. L. MARTINEZ, *op. cit.*, 295. Cf. SRS, 29.

<sup>235</sup> Cf. *Caritas in Veritate*, 75.

nascentes, etc.) e o levam aos lugares mais recônditos do planeta. Esta “atração” pela natureza apresenta possíveis géneses: o Romantismo, a busca de cura, o amor pela praia, a exploração dos habitats exóticos e selvagens que suscitam curiosidade, o desejo de encontrar o lugar perfeito para contemplar, meditar, descansar, a religião, a caça e a pesca. Todos estes contribuem para que se opere um encontro: o ser humano com o ambiente natural<sup>236</sup>.

O turismo apresenta uma riquíssima oportunidade de o ser humano contactar com a natureza, de a descortinar e de a proteger ou valorizá-la com especial atenção e cuidado<sup>237</sup>, uma vez que esta é uma herança comum<sup>238</sup>. Além disso, o contacto e experiência com a natureza, com a variedade da criação de Deus, favorece o restabelecimento do ser humano, das “canseiras” quotidianas e amadurece a sua «ânsia de liberdade e de movimento»<sup>239</sup>.

Muitos turistas “exilados” pela rotina hodierna almejam libertar-se e mergulhar na natureza, explorando e absorvendo todo o magnífico quadro paisagístico, independentemente do que ele poderá exigir (respeito pelo habitat de plantas e animais, aventuras que exigem esforço físico e um certo risco, etc.)<sup>240</sup>. Acima de tudo, as pessoas buscam por novas experiências, por «um contacto renovado com a natureza»<sup>241</sup>, dado que existe uma emergente consciência mais ecológica e saudável, devido aos excessos que se vão cometendo<sup>242</sup>. Por isso, é fundamental atender que esta aproximação do turista à natureza deverá ser na linha do respeito, evitando alterar o seu equilíbrio natural.

---

<sup>236</sup> Cf. Klaus MEYER-ARENDT, «O Turismo e o Ambiente Natural», in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, 475-482.

<sup>237</sup> «O turismo está a mudar de feição, sob a pressão dos novos modelos de vida. De tempo de "repouso", torna-se sempre mais ocasião de viagens e de férias culturais. Aumentam o desejo difundido de "redescobrir" a natureza e a “vontade” de adquirir novos conhecimentos e experiências». JOÃO PAULO II, «Tecnologia e Natureza: dois desafios para o turismo no alvorecer do século XXI» (29.07.2000), in *L'Osservatore Romano* 33 (12.08.2000), 5.

<sup>238</sup> Cf. Horacio A. BURBRIDGE, *El Turismo a la Luz de los Documentos Sociales de la Iglesia*, Argentina, 2001, 40.

<sup>239</sup> *Id.*, 40.

<sup>240</sup> *Id.*, 57.

<sup>241</sup> OPT, nº 7, 257.

<sup>242</sup> «Um certo turismo selvagem contribuiu, e ainda contribui, para tal horror, também através dos complexos turísticos construídos sem uma planificação respeitadora do impacto ambiental». JOÃO PAULO II, «Ecoturismo, chave do desenvolvimento sustentável» (27.09.2002), in *L'Osservatore Romano* 40 (05.10.2002), 1.

Deste modo, surge, entretanto, uma nova consciência e sensibilidade – «preocupação ecológica»<sup>243</sup> - dentro do turismo que se relaciona com a natureza: ecoturismo<sup>244</sup>. Todavia, a excessiva idealização deste termo põe em causa a sua validade<sup>245</sup>. Este, por sua vez, deverá ser tratado com especial cuidado, evitando que se degenere e se torne num meio de exploração descontrolado e discriminatório pelos «eco-oportunistas»<sup>246</sup> ou ganhe renovados contornos de colonialismo<sup>247</sup>, sob o risco de asfixiar a liberdade, a sobrevivência e desenvolvimento das culturas locais<sup>248</sup>. Portanto, é essencial prever os riscos desta modalidade turística e sustentar um rigoroso usufruto dos variados lugares naturais, para garantir um sustentável desenvolvimento dos mesmos, atendendo a um possível e desenfreado turismo de massas, que tanto poderá ser vantajoso como nocivo<sup>249</sup>. E o turismo poderá ser um tempo propício de encontro com a diferença inscrita nas culturas locais e de contemplação com a natureza, com a criação.

Este contacto com a natureza é um momento que permite a cada pessoa um encontro sereno consigo e com os outros, educando a responsabilidade e o respeito de cada pessoa para com a beleza da criação<sup>250</sup>. Tal como S. Francisco de Assis que via e vivia a criação como

---

<sup>243</sup> SRS, 26.

<sup>244</sup> O termo «ecoturismo» surge pela primeira vez em 1980 por Ceballos-Lascuarian e sugere uma relação simbiótica entre turismo e natureza de forma a proporcionar uma sustentável utilização dos recursos naturais. Este distingue-se do conceito mais vasto de turismo sustentável dado que contribui activamente para a conservação da herança natural e cultural; inclui as comunidades locais e indígenas no seu planeamento, desenvolvimento e operação e contribui para o seu bem-estar; interpreta a herança natural e cultural do local para os visitantes e destina-se para pequenos grupos e viajantes independentes. Cf. Erlet CATER, «Ecoturismo: Teoria e Prática», in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, 542.

<sup>245</sup> «Sessenta barcos pequenos cheios de «ecoturistas» a tirarem fotografias a flamingos não é uma relação simbiótica entre humanos e a natureza». Klaus MEYER-ARENDT, «O Turismo e o Ambiente Natural» in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, 484.

<sup>246</sup> Erlet CATER, «Ecoturismo: Teoria e Prática», in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, 553.

<sup>247</sup> Cf. Anne-Marie D'HAUTESERRE, «Pós-colonialismo, Colonialismo e Turismo», in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, 269-280.

<sup>248</sup> Cf. JOÃO PAULO II, «Ecoturismo, chave do desenvolvimento sustentável» (27.09.2002), in *L'Osservatore Romano* 40 (05.10.2002), 1.

<sup>249</sup> Erlet CATER, «Ecoturismo: Teoria e Prática», in AA.VV., *Compêndio de Turismo*, 545-546.

<sup>250</sup> «O turismo permite utilizar parte do tempo livre para contemplar a bondade e a beleza de Deus na sua criação e, graças ao contacto com os outros, ajuda a aprofundar o diálogo e o conhecimento mútuo. O tempo livre e a prática do turismo podem assim colmatar as carências de humanidade, que muitas vezes se experimentam na existência quotidiana». Cf. JOÃO PAULO II, «Ecoturismo, chave do desenvolvimento sustentável» (27.09.2002), in *L'Osservatore Romano* 40 (05.10.2002), 1.

uma irmã e um irmão que o encaminhava a Deus Criador<sup>251</sup>. A experiência de viagem é uma oportunidade de ver Deus na beleza da criação, reforçando a nossa confiança n'Ele (cf. Lc 12, 22-28). Para isso, é preponderante aprender a contemplar a criação com olhos límpidos e cheios de assombro e de respeito por um dom essencial para o equilíbrio da humanidade. «O *proprium* da visão cristã da natureza é entendê-la como *Criação*»<sup>252</sup>.

Acontece que, por vezes, os interesses egoístas de ajuntar riquezas impedem de escutar o clamor daqueles que vivem explorados e na pobreza, sem dignidade humana, e de ler na natureza o respeito que ela reclama, assim como as gerações vindouras<sup>253</sup>. Assim, urge considerar o ambiente (ecologia ambiental) como questão social, dado que este estabelece necessariamente uma relação íntima com a humanidade (ecologia humana). José Román-Flecha fala de um compromisso moral que nasce do amor e advoga que «somos responsáveis do projecto de Alguém diante a Alguém»<sup>254</sup>.

Importa, antes de mais, compreender que o próprio termo ecologia (*lógia, lógos*, em grego, significa reflexão, discurso, pensamento, ciência): acerca da casa em que todos vivemos (*oikos* significa casa e o quintal). Tal definição descerra já a porta para a compreensão de que, ao falar de ecologia, já muito está a ser dito, pois afirma-se a condição de solidariedade que une todos num destino único e comum, reforçando a certeza de que o agir humano não é neutro. Segundo Ernst Haeckel, a ecologia é o estudo da “inter-retro-relação” de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio ambiente. A particularidade do discurso ecológico não está na análise particular de um tipo de seres vivos

---

<sup>251</sup> OPT, nº 8, 258. «Él se sitúa junto a las cosas, como servidor y trovador. Por eso precisamente las hace *humanas*, porque se recrea en ellas sin destruirlas, las utiliza sin maltratarlas». J.-Román FLECHA, *Moral Social. La Vida en Comunidade*, 492.

<sup>252</sup> Giampaolo CREPALDI, Paolo TOGNI, *Ecologia ambiental e ecologia humana. Políticas do ambiente e a Doutrina Social da Igreja*, Diel, Lisboa, 2009, 37.

<sup>253</sup> Cf. JOÃO PAULO II, «Ecoturismo, chave do desenvolvimento sustentável» (27.09.2002), in *L'Osservatore Romano* 40 (05.10.2002), 1.

<sup>254</sup> J.-Román FLECHA, *Moral Social...*, 505.

ou inertes, mas na inter-acção e na inter-relação<sup>255</sup>. Por outras palavras, a ecologia não se refere, unicamente, à concomitância com outros seres distintos de nós ou que seriam mero cenário dos nossos actos, mas antes, que os demais seres interagem connosco (ecologia ambiental), sendo que, dessa interacção resultam consequências para a mesma natureza e para o próprio homem (ecologia humana).

O Magistério da Igreja utiliza pela 1ª vez o conceito ecologia humana no nº 38 da *Centesimus Annus*, de João Paulo II, que sublinha e adverte para a importância de salvaguardar o ambiente natural, mas acima de tudo a urgência primeira de cuidar do ambiente humano. Isto porque «a natureza não é só o ecossistema infra-humano. O homem também tem uma natureza própria»<sup>256</sup>.

Mesmo com a existência de alguns quadros negros que ainda prevalecem existe uma certa mobilização em recuperar uma dimensão espiritual da relação com a criação. Na verdade, urge apreender uma “ecologia interior” que prepara e promove uma “ecologia exterior”, cultivando a vida e não a morte, a criação e não a destruição. «Se o homem respeitar a sua própria ecologia, ou seja, se construir como homem e criar uma sociedade em que os homens possam respirar, daí resultarão também um ar mais respirável e uma água mais límpida»<sup>257</sup>. A ecologia interior é condição necessária para solucionar a ecologia exterior. A ecologia interior permite e tem como efeito a transformação moral da pessoa, ou seja, um novo modo de relação com os outros e com a natureza, com a criação de Deus.

O relato da criação apresenta o homem em relação com a natureza. A disposição do homem perante o mundo não pode ser de desenraizamento, distanciamento, independência e oposição, mas de compromisso. Ao mesmo tempo, o homem é em certa medida distinto do mundo. A apresentação escalonada do relato da criação no primeiro capítulo do Génesis situa

---

<sup>255</sup> Cf. Javier A. YANGAS, *Ecología en perspectiva salvífica*, Cuadernos de Teología Deusto, (nº 23), Universidad de Deusto, Bilbao, 2000, 51.

<sup>256</sup> G. CREPALDI - P. TOGNI, *op. cit.*, 50.

<sup>257</sup> *Id.*, 51.



o homem no alto da criação visível (*Gn* 1, 1-31). Este, criado à imagem de Deus, é colocado à cabeça da criação visível, a qual está ao seu serviço (*Gn* 1, 29), e reflecte a imagem de Deus através do domínio de todos os seres vivos (*Gn* 1, 28)<sup>258</sup>. O relato do Génesis ressalta ainda o chamamento de Deus para submeter a terra. Esta vocação, de cuidar e cultivar o paraíso, inscreve-se no chamamento primordial à existência (cf. *Gn* 2, 15), cujo fim é a comunhão do homem com Deus. O plano divino originário consistia em que o homem, vivendo em harmonia com Deus, com os outros e com o mundo, orientasse para o Criador, não só a sua pessoa, mas também todo o universo, de modo que a criação desse glória a Deus através do homem. Por sua vez, o homem através do exercício desse domínio cresceria, aperfeiçoar-se-ia e relacionar-se-ia com Deus.

Na realidade, pode-se afirmar que «a natureza entendida como criação [...] é uma vocação. Por um lado, a natureza é dom e, por outro, é um desígnio que foi confiado ao homem para que ele colabore na sua realização»<sup>259</sup>, pois não poderá ficar esquecida a imanência de Deus no mundo, ou seja, o conhecimento da presença de Deus no mundo e a presença do mundo em Deus<sup>260</sup>.

Em Cristo, totalidade da caridade, o cristão encontra a verdade sobre o domínio da criação, um domínio que é serviço: um ocupar-se amorosamente no embelezamento do criado, que implica também maximizar o seu proveito. Assim, o cuidado da criação não é outra coisa que a participação dos homens redimidos por Cristo, identificados com Ele, na obra redentora de Deus<sup>261</sup>. O cristão, com efeito, está destinado a ser, em Cristo, sacerdote, profeta e rei de toda a criação<sup>262</sup>. Moltmann refere que «a graça de Deus é visível na

---

<sup>258</sup> Cf. Robert MURRAY, «El texto sagrado. La alianza cósmica en la Biblia», in AAVV., *Ecología y Espiritualidade*, Pedro Burruezo (coordenador), ediciones Obelisco, Barcelona, 2008, 90.

<sup>259</sup> G. CREPALDI, P. TOGNI, *op. cit.*, 72.

<sup>260</sup> Cf. J. A. YANGAS, *op. cit.*, 66.

<sup>261</sup> «[...] a vinda de Cristo, em que Deus assumiu a natureza humana, coloca-se como o início de um processo de recapitulação e de reconciliação de todas as coisas com Ele, para além das pessoas, sanando definitivamente as carências e imperfeições humanas». G. CREPALDI, P. TOGNI, *op. cit.*, 72.

<sup>262</sup> Cf. Teresa VILARDELL, «Una aproximación cristiana», in AAVV., *Ecología...*, 105-106.

ressurreição de Cristo e conclui que a sua ressurreição é o começo de uma nova criação do mundo»<sup>263</sup>.

A Sagrada Escritura refere os preceitos morais essenciais sobre a questão do ambiente: a humanidade, feita à imagem e semelhança de Deus Criador, é colocada acima de todas as outras criaturas terrenas, que deve cuidar responsabilmente<sup>264</sup>. Não lhe está permitido fazer o que quiser e como quiser com as criaturas que o rodeiam, pois «Deus continua sendo o dono dos animais e dos homens. O homem é o primeiro servidor de Deus. Responsável do mundo, responsável perante Deus e os seus irmãos»<sup>265</sup>. Logo, cada homem e mulher são chamados a cultivar e guardar (Gn 2, 15) e não «divorciar-se da natureza»<sup>266</sup>, nem da dignidade do seu irmão<sup>267</sup>. O que ocorre, por vezes, nos variados ecologismos é, principalmente, o menosprezo pela pessoa, em nome da conservação de uma natureza com direitos absolutos. «Se não é respeitado o direito à vida e à morte natural, se se torna artificial a concepção, a gestação e o nascimento do homem, se são sacrificados embriões humanos na pesquisa, a consciência comum acaba por perder o conceito de ecologia humana e, com ele, o de ecologia ambiental»<sup>268</sup>.

Pouco a pouco, é essencial instruir os turistas para um turismo mais solidário e sustentável, dado a entender que “o ambiente é a casa de todos” e, por isso, todos deverão ter oportunidade de usufruir a riqueza dessa habitação<sup>269</sup>. Como lembra J.-Román Flecha «a ecologia não é apenas uma moda. Nem uma reivindicação política. É uma tarefa moral»<sup>270</sup>. Acima de tudo, é necessário instruir cada homem e mulher para a necessidade de uma «ecologia do homem», ou seja, uma concepção do humano alicerçada na própria natureza do

---

<sup>263</sup> Cf. J. MOLTMANN, *El camino de Jesucristo*, Sígueme, Salamanca, 1993, 16-32.

<sup>264</sup> Cf. R. MURRAY, *op. cit.*, 91-92.

<sup>265</sup> J.-Román FLECHA, *Moral Social...*, 487.

<sup>266</sup> Cf. Vicente ROSSI, «Cosmología sagrada en la tradición Cristiana», in AAVV., *Ecología...*, 83.

<sup>267</sup> Cf. J.-Román FLECHA, *Moral Social...*, 489.

<sup>268</sup> *Caritas in Veritate*, 51.

<sup>269</sup> JOÃO PAULO II, «Ecoturismo, chave do desenvolvimento sustentável» (27.09.2002), in *L'Osservatore Romano* 40 (05.10.2002), 1.

<sup>270</sup> J.-Román FLECHA, *Moral Social...*, 506.

homem, tal como foi criado. Implica a afirmação do humano com identidade, que não é apenas nem sobretudo construção sua, antes dom recebido que cada pessoa é chamada a desenvolver em todas as suas potencialidades. Inclui ainda o reconhecimento de que o ser humano é precedente às comunidades de que faz parte e não se reduz a uma mera configuração cultural. Na verdade, é a sua acção que cria cultura.

Além disso, o homem como administrador deve reconhecer que a criação é obra de Deus e dom para o homem. Uma doação é mais perfeita quando o destinatário é consciente da mesma e é capaz de a aceitar. Aceita-se realmente, não só ao receber o dom, mas também quando se reconhece a pessoa que concede o dom, quando se identifica a própria vontade com a vontade do doador.

Por isso mesmo, importa que todo aquele(a) que viaja ou caminha, peregrinando, acolha a realidade de viver e habitar num «mundo criado por Deus e necessitado da contínua criação em cada instante»<sup>271</sup>, logo este é um mundo aberto a Deus. «Não gira sobre si mesmo. Pelo contrário, existe na presença do Criador e vive da influência constante do seu Espírito criador. Neste sentido, o mundo é um sistema “aberto”»<sup>272</sup>. De facto, esta abertura à transcendência possibilita a existência de novidade. «A criação vive da constante influência das energias do espírito de Deus»<sup>273</sup>, da manifestação discreta, mas eficaz, da revelação contínua de Deus nela, no mundo visível que gera nova vida e transporta o mundo a um futuro novo e mais pleno.

---

<sup>271</sup> J. MOLTMANN, *El camino...*, 178.

<sup>272</sup> *Id.*, 178.

<sup>273</sup> J. A. YANGAS, *op. cit.*, 68.

## 6. Deus aponta um caminho

O termo via, caminho, estrada (em hebraico, *derek*) apresenta-se como um paradigma da espiritualidade cristã. Este atrai a si um conjunto de termos e imagens: sair, entrar, caminhar, subir, êxodo, hóspede, estrangeiro, nomadismo, etc. «A estrada é, portanto, uma parábola global da vida humana, e o vocábulo *derek* transforma-se numa representação da conduta moral do homem e da mulher, como o prova, sobretudo a literatura sapiencial (cf. Gn 6, 12; Pv 1, 15-16)»<sup>274</sup>.

De um modo geral, este conceito surge com uma particular ambiguidade ou de itinerário para a morte ou para a vida (cf. Dt 30,15; Jr 21,8)<sup>275</sup>. Todavia, optar-se-á por seguir aquele caminho/via/estrada que tem como fim a salvação, o encontro e a comunhão plena com Deus: «o caminho bom e recto» (1Sm 12,23,1Rs 8,36; Pv 2,13). Assim sendo, poderemos denominar idealmente este trilho como “peregrinação”, que «no Antigo Testamento tem o sentido “do sair” topográfico e espiritual em direcção a Jerusalém e ao templo de Sião, lugar da presença divina e da comunhão fiel com ela»<sup>276</sup>.

De facto, a etimologia apresenta o adjectivo peregrino, (de *per-agrare*), com o sentido de percorrer, com sentido intensivo de ir para longe (*peregre*). Classifica aquele que parte para longe, para um país estranho e aí permanece; por amplitude, abarca o estrangeiro; relaciona-se com o exílio. No mundo antigo, peregrinar designa «viajar em país estrangeiro» ou «estar, viver ou habitar em país estrangeiro». Encontramos, por exemplo, na obra espiritual de um anónimo russo o retrato do peregrino que tem consigo somente a Sagrada Escritura

---

<sup>274</sup> Gianfranco RAVASI, «Abraão e o povo de Deus peregrino», in *Communio* 4 (1997), 294.

<sup>275</sup> Na Didaché podemos ler o seguinte sobre os dois caminhos (I-VI,1): “Há dois caminhos: um da vida e outro da morte, mas a diferença entre os dois é grande”. DIDACHÉ E DOCTRINA APOSTOLORUM, Philokalia Colecção de textos Patrísticos (nº5), Faculdade de Teologia - UCP, Lisboa, 2004, 147.

<sup>276</sup> G. RAVASI, «Abraão...», 294-295.

como guia e companheira de viagem e como meta não um lar terreno, mas a «cidade futura» (Hb 13, 14), a Jerusalém celeste onde poderá encontrar Deus (Ap 21-22)<sup>277</sup>.

No cristianismo primitivo, a Igreja adoptou este vocábulo conferindo-lhe uma certa conotação espiritual. O cristão está e vive no mundo como estrangeiro. É S. Pedro na I epístola a referir «aos eleitos que vivem como estrangeiros na dispersão» (1 Pedro, 1,1), exortando de seguida «os seus bem-amados discípulos a que vivam como pessoas de passagem, como estrangeiros» (1 Pedro, 2, 11).

No contexto cristão, a peregrinação toma também sentidos variados, que evocam atitudes interiores e espirituais. Quer em Abraão, quer em Moisés, vemos que a estrada aponta para a criatividade de novos caminhos percorridos, essencialmente, a partir de dentro. Torna-se desafio e convite ao exercício da liberdade e dos pés que vão levantando o pó do caminho da vida de cada peregrino, pois quando Jesus diz «Eu sou o Caminho», convida cada cristão a ser ele próprio caminho. Caminho que se faz e constrói em conjunto, ou melhor junto de outro, junto do Outro que se faz gratuitamente Tu para cada um, para um Eu. Caminho que é «via longa»<sup>278</sup>, que se percorre com paciência, lentidão, esperança, «humildemente diante de Deus» (Miq 6, 8), pois Ele aponta o Caminho.

### **6.1. Deus joga com Abraão**

A peregrinação designa a partida para longe com a ideia de separação da pátria, expatriação voluntária. Está relacionada com a figura de Abraão, que parte de Ur, sua pátria, para a terra que Deus lhe promete (cf. Gn, 12, 1; Heb 11, 8-10). «Este “ícone” de Abraão corresponde à narrativa do Génesis, que coloca nas próprias raízes da aventura espiritual do

---

<sup>277</sup> *Relatos de um Peregrino Russo ao seu Pai Espiritual*, (Tradução Maria Teresa Ferreira), Paulinas, Prior Velho, 2007.

<sup>278</sup> Cf. Jean-Pierre SONNET, *Il Canto del Viaggio. Camminare com la Bibbia in mano*, Edizioni Qiqajon, Sympathetika, Magnano (Biella), 2009, 17.

patriarca um imperativo divino: *lek l'ka*, “parte!”, a que se segue a imediata execução, segundo o esquema militar do comando-obediência: *wajjelek*, “partiu” (Gn 12,14)»<sup>279</sup>.

«O Senhor disse a Abraão: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, ... e serás uma fonte de bênçãos”» (Gn, 12, 1-2); «serás pai de inúmeros povos» (Gn, 17, 4). Abraão encontra-se, «quando perdido ... (é) encontrado pelo Deus Outro»<sup>280</sup>. Abraão, pela conversão, empreende uma viagem-imóvel<sup>281</sup> e parte: «Vai (para ti) do teu país,... para o país... Sê uma bênção»<sup>282</sup>. Neste episódio, Deus, como dádiva, Abraão, recebendo Deus como dádiva para ser ele mesmo dom, eleito, e os povos, não eleitos constituem três parceiros na história da salvação. Deus toma tempo para o espanto do homem. A fé de Abraão permite “criar o que não existia”: Povo de Deus, a propagar-se, bênção para os povos.

Neste movimento observa-se um duplo momento: de ruptura e abandono; de aliança e entrega e de êxodo e aliança. Abraão rompe com os seus vínculos terrenos e culturais: deixa a sua terra (*'eres*), a sua pátria (*moledet*) e a casa do pai (*bêt 'ab*)<sup>283</sup>; enfim, abandona a sua terra, as suas seguranças e posses e abraça um destino novo, uma nova terra, o inesperado, o que não pode dominar. Imerge na solidão e emerge para a aliança, entrega-se ao futuro, pois a sua confiança é fundada na palavra amorosa da promessa<sup>284</sup>. Abraão faz-se estrangeiro, torna-se o eterno peregrino, que procura o desconhecido com esperança; homem livre e não joguete<sup>285</sup> e, por fim, toma o cajado não de senhor, mas de pastor do ser<sup>286</sup>. «Este jogo que

---

<sup>279</sup> G. RAVASI, «Abraão...», 295.

<sup>280</sup> Cf. D. António COUTO, *Pentateuco. Caminho da Vida agraciada*, UCP, Lisboa, 2003, 160.

<sup>281</sup> Cf. José Augusto MOURÃO, «A conversão: a viagem-imóvel», in *Humanística e Teologia* 15 (1994), 303-327. 327.

<sup>282</sup> Cf. D. A. COUTO, *Pentateuco...*, 270.

<sup>283</sup> Cf. G. RAVASI, «Abraão...», 295-296.

<sup>284</sup> Cf. M. Costa SANTOS, «O homem peregrino», in ACTAS DO SIMPÓSIO MARIOLÓGICO DE N.ª S.ª DA PENHA, 159.

<sup>285</sup> «O homem é um participante num grande jogo, cujo resultado está para ele em aberto. Tem ele de fazer uso de todas as suas capacidades, para se afirmar como jogador e não se tornar apenas num joguete do acaso». Manfred EIGEN, Ruthild WINKLER, *O Jogo. As leis naturais que regulam o acaso*, Gradiva, Ciência Aberta (28), Lisboa, 1989, 21.

<sup>286</sup> «A vocação do homem é, pois, a de apascentar o ente que lhe foi entregue sob custódia, vigiando para que o seu rebanho não se perca nos desvãos da inautenticidade e nos despenhadeiros das formas ilegítimas».

podemos e devemos jogar é um jogo proposto por uma força que independe do nosso arbítrio»<sup>287</sup>. De facto, o “poder-ser” do mundo pelo jogo da liberdade responsável é a transfiguração do mundo em Reino, do mundo presente em futuro, a construção dum mundo relacional. O jogo, experiência da liberdade é, de uma certo modo, o próprio do homem. Tem que ver com a honra, ausência de poder ou vontade dominadora; é não-poder, impotência e origina uma situação sem dominadores, mas de dialéctica criativa<sup>288</sup>. Assim, o jogo surge como um acto de risco, sem garantia de êxito, onde o sujeito caminha até conhecer a experiência da *kénose*.

Embora o jogo seja, como a rosa, sem porquê, ele é convite a jogar, a participar, a repetir, e a arriscar perder, embora espere o mais possível. A regra de jogo global é a solidariedade, na interacção e participação de todos<sup>289</sup>. A Igreja peregrina com Abraão deve instruir a sociedade, transformando-a em homens e mulheres livres “jogando” e presentes no mundo como dom e bênção, comunicando aquilo em que se tornaram.

A história da salvação inicia-se com Abraão como pai dum povo, pai de multidões, em êxodo permanente, inesgotável na realização histórica e aberta ao futuro para todos os povos. Exemplar na relação com Deus, baseada na promessa que faz do homem alguém, Abraão, como dom que irradia, age por persuasão, é tipo do homem de fé e de todos quantos procuram Deus. Permite compreender a história da salvação e a Igreja a partir do paradigma do dom como motor da aliança com parceiros dispostos a participar no jogo.

---

Vicente Ferreira da SILVA, «Os Pastores do Ser», in *Dialéctica das Consciências e outros ensaios*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Estudos Gerais. Série Universitária, Lisboa 2002, 387.

<sup>287</sup> *Id.*, 387.

<sup>288</sup> «O jogo muda a relação, fá-la de algum modo voltar-se sobre si mesma, para que ela apareça como o que é, o encontro de alteridades inalienáveis... leva ao mais secreto da relação de alteridade. Não há liberdade sem o outro que me faz livre; a situação seria de algum modo uma igualdade primitiva, sem dominação, um e outro em dialéctica criativa, nunca um sem o outro». (Guy PETITDEMANGE, Prefácio) François EUVÉ, *Penser la Création comme Jeu*, Cogitatio Fidei (219), Cerf, Paris 2000, 3.

<sup>289</sup> «Na perspectiva planetária (a regra de jogo) só pode ser todos ganhadores ou todos perdedores. A necessidade de ‘vitória de todos os parceiros’ nos jogos planetários corresponde à abertura de novas possibilidades para a co-evolução material e espiritual. E o modelo de jogo para que todos ganhem é a interacção e participação de todos: cada qual ganha à custa de si mesmo: todos ganham à custa de todos os outros». E. MORIN, G. BOCCHI, M. CERUTI, *Os problemas do fim de século*, ed. Notícias, Lisboa 1991, 168.

## 6.2. ‘A saída sem retorno’

«O êxodo vale a pena? Não era melhor ter ficado no Egito? Que salvação é esta onde se sofre a fome e a sede, onde cada dia apresenta aos humanos a visão do mesmo horizonte? Não é fácil aceitar que o deserto faça parte integrante da salvação! No deserto, outrora, Israel tenta Deus e o lugar desértico manifesta-se como um crivo terrível, o revelador do que habita o coração humano. “Recorda-te de todo esse caminho que o Senhor, teu Deus, te fez percorrer durante quarenta anos pelo deserto, a fim de te humilhar, para te experimentar, para conhecer o teu coração” (Dt 8, 9). O deserto é uma educação no conhecimento de si; e a viagem empreendida pelo pai dos crentes, Abraão, em resposta ao convite de Deus : “Vai em direcção a ti mesmo!” (Gn 12, 1), permite talvez compreender o sentido da viagem no deserto»<sup>290</sup>.

Conexo com a experiência de Abraão está o Êxodo (Ex 6, 5-7. 9; 2, 24). Designa especialmente a saída de Israel do Egito e, em sentido mais lato, a longa peregrinação que o levou do Egito à terra prometida através do deserto. De repente, Moisés vê-se obrigado a emigrar para Madian e a dar a seu filho um nome emblemático: «Teve um filho ao qual pôs o nome de Gersom, porque, disse ele, “sou um emigrado numa terra estrangeira”. A seu lado caminhará o povo sempre em marcha de Israel que se vê como ‘estrangeiro e peregrino’ (Hb 11,13; 1Pd 2,11)»<sup>291</sup>.

Mais que ruptura política ou deslocação geográfica, é o êxodo sobretudo a ruptura com todo um universo, assumindo, por isso, um carácter polissémico<sup>292</sup>. Passo a passo aquele povo passa de escravizado a sujeito de cabeça erguida numa história com Deus como aquele «que vos fez sair da terra do Egito, para que não continuasses a ser escravos... andásseis de cabeça erguida» (Lev 26,13; 25, 38).

---

<sup>290</sup> ENZO BIANCHI, *Les mots de la vie intérieure*, Cerf, Paris, 2001, 38. Ver também J.-Pierre SONNET, *op. cit.*, 17.

<sup>291</sup> Cf. G. RAVASI, «Abraão...», 297.

<sup>292</sup> Poderemos afirmar que abarca ecos psicanalíticos, experiência sociológica, valor existencial, aspectos religiosos.



O êxodo assinala o nascimento do povo de Deus: «Encontrou-o numa terra deserta, numa desordem de gritos selvagens; protegeu-o e velou por ele, guardou-o como a menina dos seus olhos... Não é Ele o teu pai, o teu criador? Foi Ele que te formou e te constituiu» (Dt 32, 10. 6); «Tu és um povo consagrado ao Senhor, teu Deus... escolheu-te para seres para Ele um povo particular entre todos os povos que há sobre a face da terra» (Dt 7, 6); «este povo que resgataste» (Ex 15,16); «...tomou-vos e tirou-vos... do Egipto para serdes para Ele o povo da sua herança» (Dt 4, 20).

Particular e universal, este acontecimento não é apenas um caso épico do passado, mas acontecimento quotidiano e possível a todos. O Cardeal Gianfranco Ravasi, num artigo publicado na *Communio*, refere que «o êxodo, exactamente porque é um evento que acolhe no seu interior uma epifania salvífica divina, tem dimensão permanente, é um “memorial” sempre vivo e operante»<sup>293</sup>. Deste modo, a parábola do êxodo, a experiência de deserto surge como um grande paradigma central da existência cristã. De facto, na Bíblia Hebraica, o deserto surge como o lugar por excelência onde o homem se relaciona com a palavra de Deus. O profeta Oseias vê o deserto como o lugar do primeiro amor (Os 2, 16); o profeta Jeremias vê-o como local da aliança matrimonial (Jer 2, 2)<sup>294</sup>. Como refere D. António Couto «sair (*yasa*’) é o verbo emblemático do êxodo. Exprime uma saída sem retorno, que reclama a saída do bebé do ventre materno. Saída para uma radical confiança no outro que me precede e me acolhe. Pensar depois do Evento-Advento e do Êxodo significa, na verdade, “ser pensado”, “ser amado”»<sup>295</sup>: «Não foi por serdes mais numerosos que outros povos que o Senhor se agradou de vós e vos escolheu; vós até éreis o mais pequeno de todos os povos. Porque o Senhor vos ama e é fiel ao juramento que fez a vossos pais, por isso, é que, com mão forte, vos tirou e vos salvou da casa da servidão, da mão do faraó, rei do Egipto» (Dt 7, 7-8); «E,

---

<sup>293</sup> G. RAVASI, «Abraão...», 297.

<sup>294</sup> Cf. J.-Pierre SONNET, *op. cit.*, 23-24.

<sup>295</sup> Cf. D. A. COUTO, «Da modernidade, luz que em nós mora, à aurora, luz que vem de fora», in [www.cristoeacidade.com](http://www.cristoeacidade.com), (consultado 04.05.2011).

porque amou os teus antepassados e escolheu a sua descendência depois deles, tirou-te do Egipto com a força do seu grande poder» (Dt 4, 37).

A partida do Egipto é um trilha em forma de peregrinação que dirige do povo para o absoluto de Deus<sup>296</sup>. Não é só passagem, espacial ou material, do Egipto ao deserto, mas, pessoal e espiritual, da escravidão à liberdade<sup>297</sup>, da morte<sup>298</sup> à dança<sup>299</sup> ou festa. Os passos do peregrino transformam-se em passos de dança, em passos livres e expectantes que trilham um caminho com futuro<sup>300</sup>. O povo que tinha perdido o sentido da sua condição de filho da promessa numa escravidão material e espiritual é eleito por Deus, por amor, a uma aliança com Ele. De facto, Deus quer conduzir Israel à comunhão pela aliança, expressa na belíssima passagem: «Caminharei no meio de vós, serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo» (Lev 26, 12; Dt 26, 17-18).

Surge um tempo novo: da liberdade face à segurança do cativo, é tempo da decisão, em que é preciso marchar<sup>301</sup>; não há garantias, mas horizontes ampliados sobre a existência humana e de Deus. Aliás, é neste tempo, «no fundo do deserto que se descobre melhor o que é um homem»<sup>302</sup>. Então, o homem volta-se para as necessidades fundamentais e deixa cair os problemas secundários, os falsos problemas; é a recondução do homem às escolhas

---

<sup>296</sup> Cf. J.-Pierre SONNET, *op. cit.*, 25.

<sup>297</sup> «O êxodo é uma libertação espiritual que se enraíza na material». L. BOUYER, *L'Eglise de Dieu. Corps du Christ et Temple de l'Esprit*, Cerf, Paris 1970, 228.

<sup>298</sup> «Pensar é trans-gredir, pensar é ser pensado, amado. A luta e o amor. «Tu és bela, minha amada/terrível como um exército em ordem de batalha» (Ct 6,4). Para além dos meios. Amor sem luta é posse de um objecto. O amor verdadeiro é agónico. Não é por acaso que *agápê* (amor) e *agôn* (luta) têm a mesma etimologia. Paradoxo do amor: o amor faz-te feliz, matando-te! Quanto mais amas, lutas, e te matas a amar, mais te encontras: «Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; ao contrário, quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á» (Lc 9,24). Aí está o verdadeiro ícone do amor, Cristo, que não se salvou a Si mesmo para me salvar a mim, morrendo por amor de mim, trans-gredindo assim a morte. Ícone do amor. Ícone também da trans-gressão, do advento e do êxodo: sai de Deus, sai de Si, sai para Deus». D. A. COUTO, «Da modernidade, ...», (consultado 04.05.2011).

<sup>299</sup> «Quando Dio fa passare attraverso la morte, il cammino si muta in danza». Cf. J.-Pierre SONNET, *op. cit.*, 26.

<sup>300</sup> «Uma liberdade que não se situa no fim do caminho, mas que se vive *fazendo caminho*». E. BIANCHI, *Les mots...*, 38.

<sup>301</sup> «O deserto aparece também como um *tempo* intermédio: não se instala no deserto, atravessa-se!». *Id.*, 38.

<sup>302</sup> A. S. EXUPERY, *Sentido para a Vida*, ed. Aster, Lisboa, s. d., 48.

essenciais<sup>303</sup>. É o tempo em que pessoas olham o essencial e se enchem de esperança contra toda a esperança<sup>304</sup>. É o tempo, por fim, em que as pessoas se deixam preenceher por aquelas enigmáticas e provocantes palavras que encontramos no Evangelho gnóstico de Tomé: «Sede passantes»<sup>305</sup>. E como refere mais adiante José Augusto Mourão: «Itinerância, “deserto dos profetas” como errância que atrai para mais longe»<sup>306</sup> «o olhar interior do homem»<sup>307</sup>, mostrando-lhe que a meta da aliança é a comunhão com Deus que livremente se faz história na história do Seu povo.

### 6.3. «Eu sou o Caminho»

«Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus; crede também em mim. (...)Disse-lhe Tomé: “Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos nós saber o caminho?”» (Jo 14, 1-5).

Jesus Cristo inaugura e desvela o caminho para o Pai. Ao mesmo tempo é Ele o caminho vivo que conduz ao Pai. Já na última ceia, Jesus pede aos discípulos para acreditarem n’Ele (Jo 14,1) como mediador que vai preparar um lugar na casa do Pai (Jo 14, 4). Acreditar em Jesus significa ir, unir-se a ele, apropriar-se assim das riquezas que Ele oferece, chegar ao Pai. O caminho é uma pessoa: Jesus, que não deixa nenhum mapa, não indica qualquer caminho, mas afirma que Ele é o caminho<sup>308</sup>.

---

<sup>303</sup> «[...] para fazer este caminho, é necessário estar ligeiro, levar pouca bagagem : o deserto ensina a essencialidade, é apredizagem da subtracção e do despojamento». E. BIANCHI, *Les mots...*, 38.

<sup>304</sup> «[o deserto apresenta-se como um] espaço hostil a atravessar para atingir a Terra prometida; um tempo longo mas que tem um termo, um fim, o tempo intermediário de uma espera, duma esperança; um caminho fatigante, penoso, entre a saída do seio da escravatura e a entrada numa terra acolhedora, onde «jorra leite e mel»: eis o deserto do êxodo!». *Id.*, 38.

<sup>305</sup> Cf. J. A. MOURÃO, *A Palavra...*, 148.

<sup>306</sup> *Id.*, 148.

<sup>307</sup> «O deserto é mestre da fé : afina o olhar interior e faz do homem uma sentinela, um homem de olhar penetrante». E. BIANCHI, *Les mots...*, 38.

<sup>308</sup> Cf. A. GRÜN, *op. cit.*, 85-88.

«Jesus respondeu-lhe: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim.”» (Jo 14, 6).

A posição de Cristo é única. É o Deus revelante e o Deus revelado. A revelação tem o ponto de partida em Cristo e no Pai. Cristo revela o plano do Pai, que é ele mesmo. É o que fala e aquele de quem se fala, que revela o mistério que é Ele mesmo.

Jesus Cristo fala como testemunha qualificada, como Palavra de Deus (Jo 1, 1-2), Filho do Pai; só ele o conhece como o Pai o conhece a ele, porque ele está no Pai e o Pai nele (Jo 10, 30). É a Luz e a Verdade. Logo, pode testemunhar do Pai, do que viu e ouviu pessoalmente. «Eu, que vos digo a verdade que ouvi de Deus» (Jo 8, 40). Face a Pilatos declara: «Não vim ao mundo senão para dar testemunho da verdade» (Jo 18, 37), proclamar a revelação definitiva do Pai. A presença do Filho na história da humanidade visa revelar o Pai e ser o mediador entre Deus e os Homens<sup>309</sup>.

Michel Quesnel refere que Jesus Cristo «toma o crente pela mão para o conduzir ao Pai»<sup>310</sup>. De um modo “simples” e preciso é dito que “Ele é” o caminho até ao Pai, porque toda a sua vida transcorre verdade, que confere vida. Jesus é a Verdade e a Vida que está junto do Pai<sup>311</sup>. Na afirmação de que no mistério de Jesus Cristo, Filho de Deus Encarnado, que é «o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6), dá-se a revelação da plenitude da verdade divina: «Ninguém conhece o Filho senão o Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o queira revelar» (Mt 11,27); «A Deus, ninguém jamais O viu. O próprio Filho Único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (Jo 1,18); «É em Cristo que habita corporalmente toda a plenitude da divindade e n'Ele participais da sua plenitude» (Col 2,9).

---

<sup>309</sup> «(...) é Ele quem faz a mediação entre Deus e nós, precisamente pelo facto de Ele mesmo ser Deus sendo também ser humano, com figura e natureza humanas: é o Deus que está connosco (Emanuel)». Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, Principia editora, Cascais, 2005, 118.

<sup>310</sup> Michel QUESNEL, *Jesus, o Homem e o Filho de Deus*, Gradiva, colecção Religião Aberta, Lisboa, 2005, 168.

<sup>311</sup> «Farvi un passo e poi un altro ancora è camminare nel vero. Cimentarsi nella sua vita è emergere alla vita. Cristo si è farsi così la strada di se stesso, e dell'assoluto di Dio in lui». J.-Pierre SONNET, *op. cit.*, 59.

Estar a/no caminho é estar em Cristo que convida a uma transformação<sup>312</sup>, a uma contínua conversão<sup>313</sup>, a uma «viagem-imóvel»<sup>314</sup>, como refere José Augusto Mourão.

Mas não basta estar num lugar. É preciso habitá-lo e fazer dele uma casa. Estar à mesa. Os discípulos que preparam a Páscoa andaram à procura de uma grande sala mobilada (Lc 22, 7). A grande viagem a realizar é do estar em Cristo à vida em Cristo: «se guardais os meus mandamentos, permanecéis no meu amor» (Jo 15,9). Deste modo, habitar é amar e dar a vida. E de rompante o olhar é virado para a cruz<sup>315</sup>, para este caminho paradoxal, caminho de vida, que passa pela morte na cruz, «escândalo para os judeus, loucura para os pagãos» (1Cor 1, 23). Paulatinamente, Jesus confere à sua existência a forma de um êxodo pascal<sup>316</sup>. A dado momento o seu caminho apresenta a única saída possível: a cruz, caminho para o Pai<sup>317</sup>.

A cruz que apresenta o cruzamento de dois caminhos: o caminho de Deus para o homem e o caminho do homem para Deus. A cruz não é somente a «linguagem da salvação dos homens», mas também revela Deus<sup>318</sup>.

Todavia, ao grito de Jesus moribundo responde Deus com a ressurreição, pela qual Jesus entra na glória do Pai. Deus manifesta-Se na glória (divindade) no facto de se identificar

---

<sup>312</sup> Cf. A. GRÜN, *op. cit.*, 88-92.

<sup>313</sup> «A religião cristã, no princípio, favorece a cumplicidade entre a viagem interior e a viagem exterior, pelo facto de Cristo dizer: *Eu sou o caminho*, e de ter enviado os discípulos pelo mundo. As coisas mudam a partir da instalação do cristianismo como doutrina oficial, que passa a privilegiar a *demanda imóvel* [TODOROV, L.— *Les morales de l'histoire*. Paris: Grasset, 1991, p. 99.]. Cf. J. A. MOURÃO, «A conversão...», 304-305.

<sup>314</sup> «O apelo à conversão encontra-se no coração da mensagem de Jesus ao anunciar o Reino de Deus que vem. A pregação de Jesus no Evangelho de Marcos abre-se com esta interpelação: «*Convertei-vos e acreditai no Evangelho*» (Mc. 1, 15). A conversão é parte integrante da vida cristã, não se reduzindo à penitência, à mortificação e à ascese, nem em mudar de mentalidade. O essencial passa-se no coração do homem, como todos os profetas o anunciaram (Jer. 2, 12-13; Is. 1, 16-17). Converter-se é fazer o bem e observar a vontade de Deus, principalmente as exigências da justiça e da caridade. [...] Falar de conversão é falar de alteração: movimento. Converter-se não é voltar para trás, mas *continuar*, assumindo a memória, assumindo o desejo, obedecendo à lei ética que orienta o desejo sem o determinar, libertando possibilidades nunca trabalhadas». Cf. *Id.*, 315.

<sup>315</sup> Cf. J. A. MOURÃO, *A Palavra...*, 148.

<sup>316</sup> Cf. J.-Pierre SONNET, *op. cit.*, 57.

<sup>317</sup> «Gesù è “l’essere in salita”, una salita che proseguirà come elevazione sulla croce – “Una volta elevato da terra, attirerò tutti gli uomini a me” (Gv 12, 32) – e come ascensione pasquale – “Io salgo al Padre mio e Padre vostro, Dio mio e Dio vostro” (20, 17)». *Id.*, 57.

<sup>318</sup> «La ressurrección de Jesús es no sólo la decisiva acción escatológica de Dios, sino su autorrevelación escatológica; en ella se revela definitiva e insuperablemente quién es Dios». Cf. Walter KASPER, *Jesús, El Cristo*, ediciones Sígueme, 12ª edición colección Verdade e Imagen (nº 45), Salamanca, 2006, 241.

com o Crucificado, trazendo-O da morte à vida<sup>319</sup>. O Ressuscitado fica, a partir de então, habitado pela glória de Deus (Rm 6, 4).

Assim, o percurso não pára na sua morte, mas desemboca na ressurreição de Jesus que continua a caminhar ao lado da humanidade<sup>320</sup>. É certo que «a ressurreição não é retorno à vida anterior, mas começo da nova criação»<sup>321</sup>. Por isso, encontramos algumas narrativas que sublinham o carácter inesperado do encontro com Jesus Ressuscitado, o que é uma maneira de dizer que a iniciativa do encontro nada tem a ver com os discípulos, mas parte de Jesus: aparece quando todas as portas estão fechadas<sup>322</sup> ou vem juntar-Se inesperadamente a dois discípulos no caminho de Emaús<sup>323</sup>.

Em suma, Bernard Rey, citando Teilhard de Chardin, afirma que só Jesus Cristo pode marcar o ritmo da nossa caminhada até «casa»<sup>324</sup> (Heb 10, 19-22). Deste modo, o agir passado de Jesus serve de modelo ao agir futuro dos discípulos. Não se pode estar, agora, na verdade sem ter a vida e sem se abrir ao futuro. De facto, «Deus como liberdade no amor não é apenas a origem, mas também o futuro da história, é um Deus da Esperança»<sup>325</sup>.

A “vida”, porque articulada pela palavra de “verdade”, abre um “caminho”, isto é, torna-se disponível para a prática dos mandamentos. «É o Nome do “Espírito de verdade” que no presente nos é dado como memória viva, conselheiro, defensor, Mestre da palavra, testemunho. Ele nos acompanhará no caminho, ensinando-nos a necessidade das separações e

---

<sup>319</sup> Cf. *Id.*, 232.

<sup>320</sup> Cf. M. QUESNEL, *op. cit.*, 168.

<sup>321</sup> W. KASPER, *Jesús...*, 240.

<sup>322</sup> Cf. Bernard REY, *Esse Jesus chamado Cristo. Deus assume um Rosto*, Ed. Paulistas, Lisboa 1990, 31-39.

<sup>323</sup> O caminho de Emaús foi um exercício de Boa Nova; o Ressuscitado caminha connosco em todos os caminhos e desvela o significado dos nossos passos, da história da humanidade. Cf. A. GRÜN, *op.cit.* 81-82.

<sup>324</sup> «En la confesión del Señor resucitado, el cristiano confiesa la certeza de que su camino y la historia toda son conducidos por el amor del Padre hacia “un cielo nuevo y una tierra nueva” (Ap 21,1). Más aun, en su caminar por el mundo el cristiano vive la fiesta prometida sobre todo en la celebración dominical, en la que “la participación en la ‘cena del Señor’ es anticipación del banquete escatológico por las ‘bodas del Cordero’ (Ap 19,9)”. Iluminado por la certeza de esta esperanza “el descanso dominical y festivo adquiere una dimensión ‘profética’, afirmando no sólo la primacía absoluta de Dios, sino también la primacía y la dignidad de la persona en relación con las exigencias de la vida social y económica». Anselm GRÜN, *op. cit.*, 101

<sup>325</sup> Walter KASPER, *El Dios Jesus Cristo*, ediciones Sígueme, 7ª edición, Verdade e Imagem (nº89) Salamanca, 2005, 172.

a decisão na prática do mandamento novo»<sup>326</sup>.

Neste movimento de querer conhecer outras pessoas, povos, culturas, mas também a si, cada homem e mulher investe e «entrega-se a si»<sup>327</sup>, por vezes, até com esforço o seu tempo livre no turismo. Na realidade, Jesus Cristo vinca que a [sua] Páscoa possui e concede a liberdade que anima o tempo livre como seu princípio mais íntimo “e este [tempo livre], por sua vez,” deve permitir ao homem fazer o humanismo verdadeiro, o do ‘homem Pascal’. Para o cristão, então, o turismo enquadra-se claramente no dinamismo pascal de renovação: celebração do dom recebido, é viagem de encontro com outros com quem celebramos a alegria da salvação<sup>328</sup>, é tempo de participar na acção solidária que aproxima à restauração de todas as coisas em Cristo (cf. Act 3,21)<sup>329</sup>.

Portanto, importa empreender em primeiro lugar uma “viagem-imóvel”, capaz de fazer abrir novos horizontes que apontam o olhar de cada peregrino e turista para o alto, revelando a verdadeira beleza da mão criadora de Deus. Podemos concluir que a prática do turismo vai iluminando a caminhada da humanidade, fazendo-a perceber que ela é peregrina no tempo e no espaço. Todavia, não caminha só, pois a Igreja faz-se também peregrina, propondo e anunciando a salvação. Walter Kasper alude que a «a própria Igreja é um fenómeno escatológico que, com toda a sua provisionalidade histórica, participa do carácter escatológico-definitivo da nova história que começou com a ressurreição»<sup>330</sup>. E ambos (a Igreja e a humanidade) guiados pelo Senhor Ressuscitado, aprendem a discernir com mais clareza e integridade a voz do Bom Pastor, Jesus Cristo<sup>331</sup>.

---

<sup>326</sup> J. A. MOURÃO, *A Palavra...*, 150.

<sup>327</sup> Cf. OPT, nº 7, 257-258.

<sup>328</sup> Cf. Joseph RATZINGER, *O Caminho Pascal*, Lucerna, Cascais, 2006, 92.

<sup>329</sup> Cf. OPT, nº 16, 262-263.

<sup>330</sup> W. KASPER, *El Dios...*, 184.

<sup>331</sup> OPT, nº 36, 276.

IV CAPÍTULO

## A Pastoral do Turismo



## 1. A Igreja e o turismo

O homem peregrino qualifica a vida de um povo. Também a Igreja, que se apresenta como peregrina. «Em comunhão com o seu Senhor, também a Igreja, povo messiânico, está em caminho rumo à cidade futura e permanente, transcende os tempos e as fronteiras, e está inteiramente orientada para aquele Reino, cuja presença é já operante em todas as terras do mundo»<sup>332</sup>.

Deste modo, a Igreja torna-se, então, lugar da passagem; porta de entrada, em que muitos estão sempre em estado de passagem, em marcha, a caminho de integrar-se, de perto ou de longe. É uma Igreja itinerante, «companheira de viagem ao lado da humanidade inteira, Igreja peregrina, sinal elevado no meio dos povos (*Is* 5, 26), para oferecer a todos a orientação no seu próprio caminho em demanda da verdade e da vida»<sup>333</sup>, contribuindo para um novo humanismo<sup>334</sup>. A sua itinerância pela dinâmica pascal, inaugurada pelo baptismo, prossegue ao longo de toda a existência cristã; além disso, esta é, em Cristo, totalmente passagem, conversão permanente, de natureza eclesial, pela mediação da Igreja. Assim, presente como um lugar de passagem e não como uma cidadela ou término, caminha na companhia dos homens e mulheres; esta imagem revela a tensão da Igreja, que ela nunca chegará a perder: a de um grupo que se quer aberto ao universal<sup>335</sup>.

A Igreja peregrina ao continuar a obra de Cristo coloca-se ao serviço da humanidade<sup>336</sup>, mormente no turismo, sinal complexo do nosso tempo, que tem crescido com abundância a nível internacional e, por isso, requer uma atenção e solícitude da Igreja na busca de novas

---

<sup>332</sup> CONSEIL PONTIFICAL POUR LA PASTORALE DES MIGRANTS ET DES PERSONNES EN DÉPLACEMENT, «Le pèlerinage dans le grand Jubilé de l'an 2000» (11-04-1998), 12 in *La Documentation Catholique* 95 (1998) 606.

<sup>333</sup> *Id.*, 609.

<sup>334</sup> Cf. DGPT, 1. Ver também C. MAZZA, *op. cit.*, 101-102.

<sup>335</sup> Cf. A. BORRAS, «Appartenance à l'Église ou itinérance ecclésiale», in *Lumen Vitae* 2 (1993), 171.

<sup>336</sup> A Igreja «sente-se e experimenta-se intimamente unida e associada ao género humano e à sua história». *GS*, 1.

formas de pastoral e não ficando estática ou indiferente<sup>337</sup>. O intento essencial da pastoral do turismo passa por criar condições para que o cristão possa viver essa realidade como um tempo de graça e salvação<sup>338</sup>. O turismo apresenta-se como um fenómeno social, económico e comercial, ecológico, ético, mas acima de tudo terá que ser compreendido como uma oportunidade inédita e exigente de evangelização. Por isso, a Igreja é interpelada pelo turismo<sup>339</sup>.

Ao longo destes últimos 5 decénios, o Magistério da Igreja tem elaborado algumas reflexões para melhor compreender e educar a relação entre Igreja e o mundo contemporâneo, em todas as vertentes, também no que ao turismo diz respeito.

### **1.1. Pio XII**

Independemente das motivações, privações, perseguições, o fenómeno da mobilidade comporta em si valores capazes de levar cada pessoa a cultivar e a exercitar o “ascetismo do turismo” que a fortalece e dá coragem para os desafios indeterminados da vida. Além disso, o turismo proporciona o enriquecimento e ampliamiento dos sentidos, do espírito e da experiência. Vê-se, sente-se e observa-se tudo com mais justiça, respeito, bondade e compreensão. Vendo como o mundo se move e como Deus o conduz, o turista surge então com a bela e responsável missão de se tornar um embaixador da moral<sup>340</sup>.

Acrescenta Pio XII, num outro discurso aos participantes do *VI Congresso da Federação Internacional da Associação Turística Ferroviária* a pertinência que a viagem constitui para o desenvolvimento do espírito, a abertura do sentido social, o respeito mútuo

---

<sup>337</sup> Cf. H. A. BURBRIDGE, *El Turismo...*, 33-34.

<sup>338</sup> Cf. OPT, nº 18, 264.

<sup>339</sup> Cf. OPT, nº 11, 259-260.

<sup>340</sup> Cf. PIO XII, «Discurso Alle Organizzazioni del Turismo Italiano», (02.03.1952), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 21-22.

entre as populações e, por sua vez, a diminuição dos preconceitos (pré-juízos), e a construção de uma cultura mais humana e de uma amizade fraterna mais profunda<sup>341</sup>.

Diante deste cenário, o Papa Pio XII sublinha a centralidade de um acolhimento digno e mais humano, por parte dos profissionais, estando estes sempre presentes, vigilantes, discretos, com uma atitude serviçal e cortês, ou seja, fazendo tudo com um espírito cristão. Apela ainda a que estes sejam como “guardas da porta” vigilantes, sérios, alegres e pacíficos, mostrando um rasgo da luz de Cristo<sup>342</sup>.

## 1.2. João XXIII

Em 1963, o Papa João XXIII, ao definir o turismo como “sinal do nosso tempo”, exortava aos sacerdotes de todas as comunidades turísticas a procurar métodos pastorais apropriados. Assim, é sublinhada a necessidade de uma preparação, um comportamento que transmita educação, respeito e uma sensibilidade no que diz respeito aos santuários e lugares sagrados<sup>343</sup>. Além disso, o Papa João XXIII exortava a que os sacerdotes não deixassem de ser como curadores do espírito ou pastores junto dos locais turísticos, ou seja, que a sua actividade pastoral não brotasse de uma improvisação ou iniciativa pessoal, mas que a sua acção fosse enquadrada na actividade paroquial. Tudo isto para que o tempo de repouso possa ser uma oportunidade de edificação interior e de aproximação à prática e consciência cristã,

---

<sup>341</sup> Cf. PIO XII, «Discurso ai partecipanti al VI Congresso della “Federazione Internazionale delle Associazioni Turistiche dei Ferrovieri”» (02.03.1952), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 19.

<sup>342</sup> Cf. PIO XII, «Discurso al Gruppo Romano dell’”Associazione Internazionale dei Portieri d’Albergo”», (02.08.1956), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 27-28.

<sup>343</sup> Cf. JOÃO XXIII, «Discurso ai partecipanti alle celebrazioni del”Centro Turistico Giovanile” (CTG)», (18.10.1960), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 33-34.

onde a comunidade paroquial, guiada por um sério zelo apostólico, acolha, mediante as celebrações belas, dignas e bem preparadas, todos os turistas e peregrinos.

Por fim, nesta 1ª reunião dos sacerdotes dos locais de turismo, o Santo Padre alerta ainda para o modo como anunciar a Palavra de Deus: sem medo de semear com perseverança, nem pretensões de logo colher os frutos da Palavra semeada; com simplicidade, clareza, sem espectáculos de oratória, expondo a doutrina social da Igreja e o Evangelho de modo acessível a cada realidade<sup>344</sup>.

### **1.3. Paulo VI**

No pontificado de Paulo VI, o turismo é considerado como uma experiência humana capaz de elevar o espírito e digno do olhar bondoso de Deus.

No I Simpósio Internacional sobre a Pastoral do Turismo<sup>345</sup> insiste-se na linha orientadora de Pio XII e João XXIII no que diz respeito ao cuidado que a Igreja, mormente os sacerdotes, terão que ter para com o fenómeno do turismo, o qual implica pessoas crentes e não crentes e, por isso, é fundamental que a sua acção pastoral ajude cada um a descobrir os valores inerentes ao turismo. Deste modo, Paulo VI salienta que o turismo moderno representa um fenómeno social e internacional em crescente evolução e é necessário fazer sentir sempre cada vez mais a presença materna da Igreja, onde o trabalho do sacerdote será o de facilitar e promover os factores positivos do turismo: encontro espiritual com a realidade do mundo e com a verdade; o contacto com a natureza; cuidado e enriquecimento do espírito e da experiência; fraternidade; solidariedade e compreensão para com a diferença. Todavia,

---

<sup>344</sup> Cf. PAULO VI, «Discurso ai Partipanti al I Convegno Italiano dei Sacerdoti delle Località Turistiche su “Turismo e Pastorale”», in *AAS* 55 (1963), 232-238.

<sup>345</sup> Cf. PAULO VI, «Messaggio ai Partecipanti al I Simposio Internazionale sulla Pastorale del Turismo», in *L'Osservatore Romano*, 194 (24.08.1963), 2.

não deixa de alertar também para os aspectos menos positivos do turismo, tais como: o afastamento da paróquia de residência e, por vezes, o enfraquecimento da prática religiosa; uma liberdade que sem um sentido moral poderá ficar corrompida; e o perigo físico, no que toca aos excessos de velocidade.

Na verdade, o intento assenta na tentativa de não deixar cair a riqueza e os valores do turismo (turismo positivo); pelo contrário, o santo Padre incentiva à criação de um programa pastoral concreto, dinâmico, inteligente que possa responder às novas exigências pastorais: liturgia festiva, catequese em instâncias de férias, uma evangelização eficaz.

Diante deste cenário, é fulcral que a Igreja esteja presente no turismo, isto é, que haja uma estreita cooperação entre as entidades turísticas que albergam e a paróquia, a diocese e toda a região<sup>346</sup>, para que seja possível o encontro, não só com a cultura, mas também com a família, com as pessoas de cada região e com Deus, e que estes possam ser uma oportunidade fecunda de desenvolvimento das relações humanas e duma educação para a paz social e internacional<sup>347</sup>. Neste sentido, Paulo VI destaca ao longo do seu pontificado a necessidade de umas férias bem pensadas e passadas, ou seja, o tempo de descanso não poderá ser tempo de evasão, de descuido do espírito (e do corpo), assim como da moral, mas uma ocasião de ascensão da pessoa em todas as suas dimensões (ascetismo do turismo<sup>348</sup>), pois «o tempo de ócio e/ou lazer das férias é tempo precioso»<sup>349</sup>. Logo, sobressai a necessidade de uma acção pastoral capaz de acolher vidas cansadas, guiar e educar espiritualmente para que o tempo de férias possa ser um verdadeiro refresco para a pessoa no seu todo, ou seja, promovendo o

---

<sup>346</sup> Cf. PAULO VI, «Discurso ai Partecipanti all'Assemblea Generale della "Federazione delle Associazioni Italiane Alberghi e Turismo" (Federalberghi)» (07.03.1964), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 49-50.

<sup>347</sup> PAULO VI, «Ai Fidei nella preghiera dell'Angelus» (14.08.1966), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 62.

<sup>348</sup> Cf. PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 21-22.

<sup>349</sup> PAULO VI, «Ai Fidei nella Preghiera dell'Angelus» (18.06.1972), in *L'Osservatore Romano*, nº 26 (25.06.1972), 9.

encontro e participação de toda a assembleia da Igreja orante, povo de Deus, na Eucaristia festiva.

Por fim, Paulo VI, em 1978, num dos seus últimos discursos sobre o turismo, apela a que não fiquem esquecidos dois grupos de pessoas: aqueles que trabalham durante o tempo de férias<sup>350</sup>, mormente os responsáveis pela mobilidade e albergaria, etc., para que cultivem com solicitude o bem comum e o serviço ao próximo<sup>351</sup>; e os mais desfavorecidos (pobres, doentes), para que a sua condição de vida possa suscitar sentimentos de solidariedade e respeito, pois que a bem-aventurança das férias tem que se compagnar com a verdadeira bem-aventurança, o Evangelho<sup>352</sup>.

#### **1.4. Concílio Vaticano II**

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja transforma o seu olhar para a humanidade que começa a deslocar-se cada vez mais. Diante de um incremento da mobilidade humana, apela-se a que se adopte um conveniente sistema de assistência espiritual e turística capaz de responder aos desafios de tal fenómeno. Como refere o nº 61 da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, é ainda central cultivar uma cultura de um fecundo diálogo, colaboração (educação para uma cultura integral) não deixando nunca de estar presente e propondo renovados caminhos que conduzem à salvação: «para esta mesma educação existem nas sociedades hodiernas, sobretudo graças à crescente difusão de livros e aos novos meios de comunicação cultural e social, possibilidades que podem favorecer a universalização da cultura. Com efeito, com a diminuição generalizada do tempo de trabalho, crescem

---

<sup>350</sup> Cf. PAULO VI, «Ai Fedeli nella Preghiera dell'Angelus» (30.07.1972), in *L'Osservatore Romano*, nº 32 (06.08.1972), 2.

<sup>351</sup> Cf. PAULO VI, «Ai Fedeli nella Preghiera dell'Angelus» (30.07.1978), in *L'Osservatore Romano*, nº 32 (06.08.1978), 1.

<sup>352</sup> Cf. PAULO VI, «Ai Fedeli nella Preghiera dell'Angelus» (08.08.1971), *L'Osservatore Romano*, nº 33 (15.08.1971), 2.

progressivamente para muitos homens as facilidades para tal. Os tempos livres sejam bem empregados, para descanso do espírito e saúde da alma e do corpo, ora com actividades e estudos livremente escolhidos, ora com viagens a outras regiões (turismo), com as quais se educa o espírito e os homens se enriquecem com o conhecimento mútuo, ora também com exercícios e manifestações desportivas, que contribuem para manter o equilíbrio psíquico, mesmo na comunidade, e para estabelecer relações fraternas entre os homens de todas as condições e nações, ou de raças diversas. Colaborem, portanto, os cristãos, a fim de que as manifestações e actividades culturais colectivas, características do nosso tempo, sejam penetradas de espírito humano e cristão»<sup>353</sup>.

### **1.5. João Paulo II**

Ao longo do pontificado, o Beato João Paulo II aludiu frequentes vezes ao tema das viagens e, em concreto, do turismo: a beleza, o desenvolvimento, a paz, a dignidade da viagem e da pessoa, o acolhimento, a educação, a cultura, a solidariedade, o testemunho, a Sagrada Escritura, ecologia, etc. João Paulo II desafiará todos os sacerdotes, leigos, agentes da pastoral e do turismo a não ficarem indiferentes diante deste fenómeno em crescendo e a difundirem a mensagem da caridade e da salvação pois, como afirma, «a pastoral do turismo exige sempre mais [...] pessoas devidamente preparadas e formadas para este particular ministério da evangelização»<sup>354</sup>.

---

<sup>353</sup> GS, 61.

<sup>354</sup> JOÃO PAULO II, «Discurso aos Participantes no II Congresso Mundial da Pastoral do Turismo» (10.11.1979), in *L'Osservatore Romano*, 46 (18.11.1979), 7.

Neste sentido, a pastoral do turismo revela-se como um amplo campo de «inculturação da fé»<sup>355</sup>, proporcionando uma oportunidade de humanização, de relação e de elevação espiritual, pois «o turismo foi feito para o homem e não o homem para o turismo»<sup>356</sup>. A Igreja terá que no mundo (do turismo) proclamar a salvação que Deus livremente oferece a todas as pessoas e, por isso, terá que falar à sua respectiva cultura, correndo o risco de não ser compreendida. De facto, as culturas revelam-se cada vez mais como o novo país de missão, «o encontro de muitas gerações com um momento»<sup>357</sup> e o laço que liga os homens entre si no mundo numa relação harmoniosa<sup>358</sup>. Deste modo, como refere o cardeal Paul Poupard: «a missão da Igreja é não impedir a transformação da cultura, mas assegurar a transmissão da fé em Cristo, no coração das culturas em plena mutação»<sup>359</sup>. Mas para que haja uma inculturação da fé na linguagem do turismo é fulcral que haja um «encontro profundo entre *evangelho e cultura*»<sup>360</sup>, um encontro de Deus com o ser humano, um diálogo e transmissão não só da verdade, mas de vida e salvação. É nesta plataforma que o beato João Paulo II apela à inculturação da fé por meio da bondade, da compreensão e do acolhimento<sup>361</sup>.

---

<sup>355</sup> «o sentido autêntico da inculturação; esta, diante das mais diversas e por vezes contrastantes culturas presentes nas várias partes do mundo, pretende ser uma obediência ao mandato de Cristo de pregar o Evangelho a todas as gentes até os extremos confins da terra. Uma tal obediência não significa sincretismo, nem simples adaptação do anúncio evangélico, mas que o evangelho penetra vitalmente nas culturas, se encarna nelas, superando os elementos culturais das mesmas que são incompatíveis com a fé e a vida cristã e elevando os seus valores ao mistério da salvação que provém de Cristo». *Pastores dabo vobis*, 55.

<sup>356</sup> JOÃO PAULO II, «Discurso aos Participantes no II Congresso Mundial da Pastoral do Turismo» (10.11.1979), in *L'Osservatore Romano*, 46 (18.11.1979), 7.

<sup>357</sup> «É o encontro de muitas gerações com um momento, concreto, que é a cultura». Paul BEAUCHAMP, *La récit, la lettre et le corps*, ed. Cerf, Paris, 1992, 197.

<sup>358</sup> Cf. M. Costa SANTOS, «A teologia face à cultura», in *Cenáculo* 98 (1985-86), 247-248.

<sup>359</sup> Cardeal Paul POUPARD, *Onde está o teu Deus? A fé cristã e a indiferença religiosa*, (Documento final da Assembleia Plenária do Conselho Pontifício da Cultura), Militia Sanctae Mariae, colecção Nova et Vetera (1), Braga, 2007, 41. «Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão». *Redemptoris Missio*, 52.

<sup>360</sup> «[...] è fondamentale che l'anuncio del vangelo sia inserito in questo quadro culturale, sia compreso da esso, appaia come fattore di identità, renda possibili esperienze significative, illumini il senza senso, fortifichi nella crisi, susciti la speranza e apra al futuro. Niente di tutto questo, tuttavia, succederà senza un encontro profundo tra vangelo e cultura». Cf. C. MAZZA, *op. cit.*, 16.

<sup>361</sup> Cf. *Id.*, 11.



Importa ainda referir que uma das primeiras mensagens sobre a pastoral do turismo de João Paulo II é dirigida à juventude e sublinha a beleza da alegria e a beleza do amor, no contacto próximo entre eles e a Palavra e a Liturgia<sup>362</sup>, onde com ordem e disciplina a alegria e a espontaneidade possam andar de mãos dadas com o amor. Mas para que tal evento seja possível é necessário formar, educar com valores cristãos<sup>363</sup> para o acolhimento, bondade, compreensão, respeito do próximo, ecologia, mas acima de tudo «uma educação religiosa para que o turismo não turbe mais a consciência e não enfraqueça o espírito, mas antes o eleve, o purifique, o desenvolva ao diálogo com o Absoluto e à contemplação do imenso mistério que nos rodeia e atrai»<sup>364</sup>. Anos mais tarde, na Carta aos Artistas, João Paulo II diz que beleza, assombro e entusiasmo andam juntos. «A beleza, que transmitireis às gerações futuras, seja tal que avive nelas o assombro. Diante da sacralidade da vida e do ser humano, diante das maravilhas do universo, o assombro é a única atitude condigna. De tal assombro poderá brotar aquele entusiasmo (...) a que me referi ao início. Os homens de hoje e de amanhã têm necessidade deste entusiasmo, para enfrentar e vencer os desafios cruciais que se prefiguram no horizonte. Com tal entusiasmo, a humanidade poderá, depois de cada extravio, levantar-se de novo e retomar o seu caminho. Precisamente neste sentido foi dito, com profunda intuição, que “a beleza salvará o mundo”»<sup>365</sup>.

Neste sentido, não deixa de apelar aos operadores de turismo: dado que são promotores do fenómeno turístico, importa formarem-se nos ideais cristãos para uma melhor evangelização; aos leigos: têm a missão de introduzir criativamente na vida da comunidade, respeitando cada sensibilidade cultural; aos sacerdotes e religiosos: lucidamente preparados e

---

<sup>362</sup> «A permanente presença de Cristo, a sua proximidade eucarística oferecem a estes laços uma dimensão particular de beleza e nobreza». JOÃO PAULO II, «Alocução da Audiência geral: A beleza da Alegria e a Beleza do Amor» (25.07.1979), in *L'Osservatore Romano*, n° 30 (22.07.1979), 1.

<sup>363</sup> «É necessária antes de tudo uma concepção de turismo à luz dos valores cristãos». JOÃO PAULO II, «Saudação ao povo de Courmayer: Expressar novas formas de turismo a fim de educar para o acolhimento» (07.09.1986), in *L'Osservatore Romano*, n° 37 (14.09.1986), 4.

<sup>364</sup> JOÃO PAULO II, «Saudação ao povo de Courmayer: Expressar novas formas de turismo a fim de educar para o acolhimento», (01.09.1986), in *L'Osservatore Romano*, n° 37 (14.09.1986), 4.

<sup>365</sup> JOÃO PAULO II, «Carta aos artistas» (04.04.1999), in *L'Osservatore Romano*, n° 18 (01.05.1999), 8.

com uma programação atenta e responsável sejam capazes de infundir nos turistas o sentido religioso e ético da vida; e uma catequese: proporcionar uma atenta e adequada presença dos sacerdotes e religiosos que se dedicam à assistência espiritual, à pregação e à administração do sacramento da reconciliação<sup>366</sup>. Sublinha-se assim uma educação, onde os responsáveis mais próximos deste fenómeno são desafiados a um generoso empenho na organização, responsabilidade e desenvolvimento moral, intelectual, ético e religioso<sup>367</sup>. Uma educação à viagem como ocasião de promoção da paz, encontro entre os povos, culturas, no respeito, justiça e liberdade que cada pessoa comporta<sup>368</sup>. Deste modo, «a pastoral do turismo deverá integra-se na pastoral ordinária e coordenar-se com os outros sectores, como a família, a escola, os jovens, a promoção social, a gestão dos bens culturais, o ecumenismo»<sup>369</sup>.

Dado que a Igreja é interpelada vivamente pelo fenómeno da mobilidade humana, observa-se que ela não aliena a missão de anunciar a salvação e a verdade que Deus proporciona a cada pessoa. Deste modo, a Igreja do “tempo presente” é chamada a discernir a realidade e a testemunhar a sua identidade missionária bem alicerçada na fé, pois quanto mais profunda, mais esta se torna incisiva na promoção da dignidade de cada pessoa<sup>370</sup>. O papa João Paulo II adverte ao longo do seu pontificado que há uma aprendizagem a fazer quanto ao modo da Igreja estar no mundo, testemunhando, proclamando a beleza interior<sup>371</sup>, espelho da verdade, e abrindo horizontes novos de futuro, de grandeza e dignidade humana, pois no

---

<sup>366</sup> Cf. JOÃO PAULO II, «Saudação ao povo de Courmayer: Expressar novas formas de turismo a fim de educar para o acolhimento», (01.09.1986), in *L'Osservatore Romano*, nº 37 (14.09.1986), 4.

<sup>367</sup> Cf. JOÃO PAULO II, «Telegramma per la Giornata Mondiale de Turismo» (08.07.1988), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla Pastoral del Turismo*, op. cit., 141.

<sup>368</sup> Cf. JOÃO PAULO II, «Telegramma per la Giornata Mondiale de Turismo» (01.07.1991), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 152.

<sup>369</sup> OPT, nº 18, 264.

<sup>370</sup> Cf. C MAZZA, op. cit., 19. Ver também JOÃO PAULO II, «Discorso ai Partecipanti al IV Congresso Mondiale sulla Pastorale del Turismo» (17.11.1990), in PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 148.

<sup>371</sup> Ao longo de todo o pontificado, João Paulo II não deixou de vincar a importância de cultivar a dimensão interior no tempo livre e repouso, tempo propício para redescobrir o primado da vida interior. Na realidade, nas suas últimas mensagens sublinha a importância do silêncio para escutar a voz de Deus, da Sagrada Escritura, fonte pura e perene da vida espiritual e do encontro entre o homem e a beleza da criação, mormente a natureza (ecoturismo). Cf. PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 109-199.

centro do fenómeno da mobilidade está a humanidade<sup>372</sup>, tão diversa, onde a Igreja tem a missão de criar condições para o diálogo e compreensão dessa riqueza que é a diferença<sup>373</sup>.

## 1.6. Bento XVI

Ano após ano, pontificado após pontificado, a Igreja percebe que o turismo, além de se apresentar como uma realidade transversal, comporta também uma complexidade de acordo com cada contexto cultural, social, económico, humano. Daí que urge pensar numa pastoral capaz de se harmonizar e corresponder aos reptos que o novo milénio lança.

Importa lembrar que o turismo tem um peso importantíssimo no que diz respeito ao sector da mobilidade humana. Paulatinamente, algumas regiões vão-se desenvolvendo graças ao contributo do turismo com a criação de trabalho e aumento da economia. Todavia, ao contrário daquilo que o Magistério ia advertindo nos anos antecedentes, o turismo é causa de alguns problemas sociais, culturais e ecológicos, onde a dignidade humana e a ética social não são tidas em conta.

Observa-se uma interessante e actual preocupação do pontificado de Bento XVI com a incidência do turismo na economia mundial, uma vez que este apresenta algumas posições decisivas, nomeadamente a construção, o comércio, os transportes, o entretenimento, a hospedagem, etc.; assim como a cultura, a natureza, o desporto e o património<sup>374</sup>.

---

<sup>372</sup> Cf. JOÃO PAULO II, «Homilia na Eucaristia do Jubileu dos Migrantes e Itinerantes» (02.06.2000), in *L'Osservatore Romano*, nº 24 (10.06.2000), 3.

<sup>373</sup> Cf. JOÃO PAULO II, «Discurso na Catedral de Baltimore» (08.10.1995), in *L'Osservatore Romano*, nº 42 (21.10.1995), 7.

<sup>374</sup> «A situação actual oferece singulares oportunidades para que os aspectos económicos do desenvolvimento, ou seja, os fluxos de dinheiro e o nascimento em sede local de significativas experiências empresariais, cheguem a combinar-se com os aspectos culturais, sendo o educativo o primeiro deles. Há casos onde isso ocorre, mas em muitos outros o turismo internacional é fenómeno deseducativo tanto para o turista como para as populações locais». *Caritas in Veritate*, 61.

Neste sentido, a primeira mensagem de Bento XVI para a Jornada Mundial do Turismo chama a atenção para a realidade do século XXI, onde se vai operando o sonho de um turismo sem fronteiras, capaz de proporcionar um futuro melhor para a humanidade, mas que para isso é fulcral ligar uma exigente ética ao turismo<sup>375</sup>. Alguns anos mais tarde escreverá: «existem, em todas as culturas, singulares e variadas convergências éticas, expressão de uma mesma natureza humana querida pelo Criador e que a sabedoria ética da humanidade chama lei natural. Esta lei moral universal é um fundamento firme de todo o diálogo cultural, religioso e político e permite que o multiforme pluralismo das várias culturas não se desvie da busca comum da verdade, do bem e de Deus. Por isso, a adesão a esta lei escrita nos corações é o pressuposto de qualquer colaboração social construtiva. Em todas as culturas existem pesos de que libertar-se, sombras a que subtrair-se. A fé cristã, que se encarna nas culturas transcendendo-as, pode ajudá-las a crescer na fraternização e solidariedade universais com benefício para o desenvolvimento comunitário e mundial»<sup>376</sup>.

Bento XVI adverte para a necessidade de uma lei moral capaz fundante que conduz à busca da verdade e ao crescimento da solidariedade<sup>377</sup> e bem comum. Por isso, afirma que o turismo é sem dúvida uma fonte de bem-estar, pois coloca em movimento a economia da nação e representa a voz principal do produto interno e da balança de pagamentos do Estado<sup>378</sup>. Acrescenta que o turismo é uma fonte de enriquecimento: para a família, para os jovens, para os com mais idade, para a arte, para os artistas, para a cultura e tecnologia. Não

---

<sup>375</sup> Cf. Cardeal Angelo SODANO, «Mensagem para a Jornada Mundial do Turismo» (16.07.2005), in *L'Osservatore Romano*, nº 31 (30.07.2005), 3.

<sup>376</sup> *Caritas in Veritate*, 59.

<sup>377</sup> «A Igreja é um povo peregrino nas comunidades, que se põem em movimento. Por isso, 'os crentes que queiram partilhar as tensões e inseguranças contemporâneas terão de redescobrir o espírito de peregrinação' na ponderação dos problemas, sem abandonar o companheiro de viagem, mas solidários com o destino dos homens. Nesta solidariedade com os seus valores, o (ser) cristão é o 'prolongamento analógico' dos valores que fazem a dignidade da pessoa». Manuel Costa SANTOS, «O homem peregrino», in *Actas do Simpósio Mariológico de N.ª S.ª da Penha*, 168-169.

<sup>378</sup> Cf. Card. Angelo SODANO, «Mensagem para o Dia Mundial do Turismo» (08.09.2006), in *L'Osservatore Romano*, nº 40 (07.10.2006), 6.

poderá ser unicamente um enriquecimento económico ou material<sup>379</sup>, mas, acima de tudo, um enriquecimento interior, do espírito de cada homem e mulher<sup>380</sup> quando são motivados a descobrir o novo, a conhecer a resposta sobre o sentido existência<sup>381</sup>. Desse modo, é fulcral insistir na formação e educação dos valores do turismo (paz, justiça, liberdade, beleza, vida, diálogo, etc.) de todos aqueles que estão implicados neste *novo areópago* (turismo e tempo livre), com o intuito que o turismo possa ser verdadeiramente causa e fonte de enriquecimento humano e espiritual.

Por fim, nestes tempos em que mais de 900 milhões de pessoas fazem deslocações internacionais, promovidas pelos modernos meios de comunicação e pela descida dos custos dá-se conta do cada vez mais interessante e desafiante fenómeno da aproximação de culturas. Neste ponto, Bento XVI reafirma a necessidade de saber viajar e acolher<sup>382</sup> a beleza, a verdade e a bondade cultural de cada realidade. A pastoral do turismo terá que continuar a promover uma educação e preparação dos cristãos, de modo a que esse encontro de culturas que pode acontecer nas viagens não seja uma oportunidade perdida, mas que sirva certamente como um enriquecimento pessoal, ajudando a conhecer o outro e ao próprio<sup>383</sup>, percorrendo o

---

<sup>379</sup> «Um exemplo da relevância deste problema temo-lo no fenómeno do turismo internacional, que pode constituir notável factor de desenvolvimento económico e de crescimento cultural, mas pode também transformar-se em ocasião de exploração e degradação moral». *Caritas in Veritate*, 61.

<sup>380</sup> O turismo terá que ter a porta aberta para as mulheres, ou seja, Bento XVI vinca a dignidade, o respeito e justiça que a mulher transporta no mundo do turismo. Neste sentido, continua a pedir a todos os responsáveis pelo turismo mais humanismo. Cf. PONTIFÍCIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 209.

<sup>381</sup> «Il turismo può esprimere (...) la fondamentale istanza della persona umana che è quella di crescere nella conoscenza e di sperimentare come l'uomo sia portatore multiplo di civiltà e di bene». BENTO XVI, «Messaggio per la Giornata Mondiale del Turismo» (27.11.2006), in PONTIFÍCIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio...*, 207.

<sup>382</sup> «É fulcral um acolhimento apropriado, «que tenha em conta o que é específico de cada grupo e de cada pessoa, as expectativas dos corações e as suas autênticas necessidades espirituais». CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, «O Santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo» (08.05.1999), in *L'Osservatore Romano*, nº 22 (29.05.1999), 7.

<sup>383</sup> «Por isso, é preciso pensar num turismo diverso, capaz de promover verdadeiro conhecimento recíproco, sem tirar espaço ao repouso e ao são divertimento: um turismo deste género há-de ser incrementado, graças também a uma ligação mais estreita com as experiências de cooperação internacional e de empresariado para o desenvolvimento». *Caritas in Veritate*, 61.

caminho da beleza, da verdade e da caridade, onde o Evangelho anda lado a lado com a cultura<sup>384</sup>.

Assim sendo, na Mensagem para dia Mundial do Turismo de 2011 elencam-se algumas propostas para melhor acolher os turistas e peregrinos e aproximá-los de Deus: «entre estas propostas concretas encontra-se a elaboração de percursos turísticos que possibilitem a visita aos lugares mais importantes do património religioso-cultural das dioceses. Ao mesmo tempo deve-se favorecer um alargado horário de abertura, bem como dispor de uma estrutura de acolhimento adequada. Nesta linha é importante a formação espiritual e cultural dos guias turísticos, enquanto que se poderia estudar a possibilidade de criar organizações de guias católicos. E juntamente com isso, a elaboração de “publicações locais em forma de folhetos turísticos, de páginas na internet ou de revistas especializadas no património, com o fim pedagógico de evidenciar a alma, a inspiração e a mensagem das obras e com uma análise científica dirigida à compreensão profunda da obra”»<sup>385</sup>.

Todavia, é com tristeza que assistimos a uma crise de encontro, verdade, de solidariedade e, como refere Bento XVI na encíclica *Caritas in Veritate*, «é doloroso constatar que isto acontece frequentemente com o aval dos governos locais, com o silêncio dos governos donde provêm os turistas e com a cumplicidade de muitos agentes do sector. Mesmo quando não se chega tão longe, o turismo internacional não raramente é vivido de modo

---

<sup>384</sup> Lembremo-nos da iniciativa de homenagem de 60 artistas a Bento XVI, por ocasião do 60º aniversário da sua ordenação sacerdotal, intitulada *O Esplendor da Verdade, a Beleza da Caridade*. O Presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, Cardeal Gianfranco Ravasi, declarou que os caminhos palmilhados pela arte e pela fé encontram-se cada vez mais distantes. «Os dois caminhos separaram-se. (...) Mas esses caminhos, embora sendo distantes – acrescentou o purpurado – têm uma meta comum: “O diálogo entre arte e fé é necessário, dado o parentesco existente entre essas duas diferentes expressões do espírito humano, que embora seguindo caminhos diferentes, tendem ambas ao eterno e infinito. E é por isso que é significativo que também a arte contemporânea, continue a repetir o desejo de poder, ainda, percorrer esses caminhos da altura do transcendente, do mistério». Cf. [www.radiovaticana.org/por/articolo.asp?c=497270](http://www.radiovaticana.org/por/articolo.asp?c=497270), (consultado a 10/02/2012).

<sup>385</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA, *Documento final da assembleia plenária «"Via pulchritudinis"». Caminho de evangelização e de diálogo»* (27-28.03.2006), in *L'Osservatore Romano*, nº 17 (29.03.2006), 8.

consumista e hedonista, como evasão e com modalidades de organização típicas dos países de proveniência, e assim não se favorece um verdadeiro encontro entre pessoas e culturas»<sup>386</sup>.

Assim sendo, a acção pastoral do turismo (Bispos, padres e agentes de pastoral) deverá revestir-se, cada vez mais, de muita «*humanitas*»<sup>387</sup>. A Igreja, sacramento universal de salvação, é interpelada pelo fenómeno social e cultural que o turismo representa, dando respostas válidas, actuais e fundadas em Cristo aos novos estilos de vida que daí provêm. Urge, cada vez mais, continuar a pensar e a executar uma nova *práxis* eclesial em vista à evangelização, santificação e da salvação «no tempo presente e no espaço vivente da história da humanidade»<sup>388</sup>. Como refere Horacio Burbridge, o turismo surge como um campo enorme de acção pastoral, ou seja, «pode ser, não só instrumento de paz e de fraternidade entre os povos, mas também meio que facilita a relação entre os crentes das distintas religiões e os não crentes. Chega a ser, de tal forma, meio de encontro ecuménico e de diálogo em espírito de caridade e de esperança»<sup>389</sup>.

Este tipo de pastoral tornar-se-á visível (e possível) na medida em que é capaz de ser anúncio e testemunho da fé, esperança e caridade naquele local turístico específico, com um método e uma acção que quer conhecer primeiramente a realidade, privilegiando a formação e a educação, para depois, sem improvisações, elaborar uma actividade/programa pastoral adequado à realidade, à comunidade, à pessoa, sempre fundado no Evangelho, na Palavra de Deus, Jesus Cristo.

Desde o Concílio Vaticano II até ao Pontificado de Bento XVI, percebe-se que a Igreja não se demitiu da sua missão de anunciar, santificar e evangelizar o “mundo do turismo”. Todavia, observa-se que muitas fronteiras (que deveriam ser respeitadas) foram ignoradas, ou seja, éticas, sociais, culturais e económicas. Por isso, é urgente e necessário um aumento da

---

<sup>386</sup> *Caritas in Veritate*, 61.

<sup>387</sup> Cf. H. A. BURBRIDGE, *El Turismo...*, 34.

<sup>388</sup> C. MAZZA, *op. cit.*, 18.

<sup>389</sup> H. A. BURBRIDGE, *El Turismo...*, 35.

atenção e acção da Igreja no que diz respeito ao turismo, contribuindo para se instaure um desenvolvimento da solidariedade, da paz, da dignidade humana, através de uma fraterna aproximação e um respeitador diálogo entre culturas. É nesta plataforma que a Igreja terá que continuar a estar presente, proporcionando e interpelando cada pessoa a saber viajar, visitar e a acolher melhor.

## **2. Uma oportunidade de evangelização**

«Ai de mim se não evangelizar» (1 Cor 9,18).

Atravessamos actualmente um mundo em profunda mudança, onde se cruzam pessoas de diferentes cores, culturas, línguas e credos. Estas buscam melhores condições de vida que as conduzem tão depressa para a cidade, como as fazem partir dos seus anteriores habitat's. Dado o crescente pluralismo cultural e religioso, aliado a uma onda de secularização e individualismo e a um crescente relativismo e indiferença, já não são os campanários das igrejas que marcam o ritmo da vida das pessoas. O Evangelho de Jesus Cristo é cada vez menos conhecido e para alguns cristãos já perdeu significado e encanto.

Defronte deste cenário é urgente uma Igreja presente na cidade dos homens, uma nova cultura de evangelização, que vá para além de uma elementar pastoral de manutenção. Urge uma evangelização activa e não estatal ou estática, que implica movimento e comunicação, tempo, formação, inteligência, entranhas, mãos e coração<sup>390</sup>. Como referiu o Santo Padre na Avenida dos Aliados, que nada «nos dispense de ir ao encontro dos outros. Temos de vencer a

---

<sup>390</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Como eu vos fiz, fazei vós também. Para um rosto missionário da Igreja em Portugal*, ed. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Moscavide, 2010, nº 3.



tentação de nos limitarmos ao que ainda temos, ou julgamos ter, de nosso e seguro: seria morrer a prazo, enquanto presença da Igreja no mundo, que, aliás, só pode ser missionária, no movimento expansivo do Espírito»<sup>391</sup>.

Importa, acima de tudo, que a actividade pastoral não corra o risco de acabar por se fechar em si mesma e seja capaz de ter as suas janelas abertas para que possa entrar luz<sup>392</sup>. Demoremos um pouco mais na janela. Como diz Miguel Torga: «Coragem, companheiros! Chegai à janela, e olhai em redor». Assim, a Igreja é desafiada a um olhar gratuito, santo, pobre e livre, isto é, capaz de abrir o coração, de olhar para o exterior sem deixar de se olhar.

Neste sentido, o documento *Orientações para a Pastoral do Turismo*, salienta que o turismo é um espaço amplo, complexo e aberto a muitas possibilidades evangelizadoras, embora vejamos um crescente desinteresse e indiferença pela religião e pelo lugar que a fé detém e ocupa. Por isso, importa perceber como é que a Igreja e a pastoral do turismo se poderão “intro-meter” nestes novos arcópagos de evangelização, pois como advertia S. Paulo à comunidade de Corinto: «ai de mim se não evangelizar» (1 Cor 9,18).

O turismo apresenta-se como um momento único de evangelização, onde Cristo surge como sinal, instrumento e sacramento da íntima união de Deus com a humanidade (cf. LG 1). Como refere Carlo Mazza, bispo de Florença, a Igreja é interpelada pelo turismo a evangelizar cada criatura, a reunir o Povo de Deus disperso no nome de Jesus Cristo, «convite do Pai para a salvação do mundo»<sup>393</sup>, mostrando àqueles que viajam o valor e o significado de uma vida com dignidade. Na realidade, a Igreja vive no mundo como sinal sensível e eficaz de Deus vivente.

---

<sup>391</sup> BENTO XVI, «Celebração Eucarística. Homilia do Santo Padre Bento XVI. Avenida dos Aliados, Porto» (14.05.2010), in *L'Osservatore Romano*, nº 20 (15.05.2010), 14.

<sup>392</sup> «As janelas exteriores são símbolo da abertura interior. Uma janela é uma sugestão. Em si mesma pode até não significar nada de especial. Especial é o que ela desencadeia, trazendo-nos e levando-nos para lá dos nossos pontos de vista, deslocando os nossos patamares, alargando o nosso campo de visão. “No diário de Paul Claudel há esta frase interessante: «A vida espiritual não é uma questão de portas, mas de janelas». A janela é outra coisa: é a quotidiana necessidade de abrir a vida, nem que seja por um segundo, e deixar entrar o imprevisível de Deus». Tolentino MENDONÇA, «A janela», in [http://www.snpcultura.org/paisagens\\_a\\_janela.html](http://www.snpcultura.org/paisagens_a_janela.html), (consultado a 01.23.2012).

<sup>393</sup> C. MAZZA, *op. cit.*, 17.

Para que tal ocorra importa pensar sempre em novos modos (ardor, método e expressão) de evangelizar, sem cair no erro de se alienarem os conteúdos da fé. Urge apresentar, testemunhar e viver a Palavra de Deus, Evangelho encarnado na história, no espaço e no tempo, em cada realidade e cultura. Urge uma evangelização capaz de dialogar com as alegrias e tristezas da humanidade, falar ao coração daquele que acolhe e é acolhido, visita e é visitado. Capaz de lhes testemunhar com fervor a possibilidade que uma viagem, alicerçada em Cristo, que poderá trazer para cada homem e mulher: tempo para repousar e enriquecer a dimensão espiritual, familiar, social, mediante um diálogo gerador de paz, «salvação e solidariedade»<sup>394</sup>.

Urge que a Igreja continue a promover um espírito cada vez mais missionário, fazendo com que todos possam testemunhar a fé em Jesus Cristo encontrado na Palavra e nos sacramentos no mundo (do turismo). Todos os cristãos têm esta missão de continuar a dar razões da sua fé, que se quer cada vez mais madura e profunda, assim como próxima da cultura hodierna e das diversas realidades de vida. Logo, a actividade pastoral da Igreja terá de olhar o fenómeno do turismo e compreender que não se expressa sempre de igual modo e, por isso, é fulcral conhecer a sua “identidade, qualidade e quantidade” para a elaboração fundada, orgânica, objectiva e duradoura de uma pastoral, que não é opcional, mas com uma missão clara e objectiva de anunciar e testemunhar a fé, a esperança e a caridade<sup>395</sup>.

Como anteriormente referido, a Igreja terá que continuar a investir numa estratégia eclesial que cada vez mais faz sentido: a inculturação da fé ou o processo de encarnação do anúncio de salvação no coração de cada pessoa e comunidade turística. Diante do contexto espaço-temporal do turismo, a Igreja edifica-se a partir do anúncio da Palavra (*kerigma*), da

---

<sup>394</sup> Cf. M. Costa SANTOS, «O homem peregrino», in *Actas do Simpósio Mariológico de N.ª S.ª da Penha*, 160-162 e 168-170.

<sup>395</sup> A pastoral do turismo vai ganhando consistência no modo como a Igreja é e está em relação com a realidade turística. A Igreja local é chamada a anunciar e a testemunhar a fé, a esperança e a caridade, não como uma opção pastoral, mas como uma missão objectiva, essencial e primeira. Cf. Riunione Europea sulla Pastorale del Turismo, «La Pastorale del Turismo oggi, a 40 anni dal Direttorio “Peregrinans in terra”» (29-30.04.2009), in <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=31086&lan=ita>, (consultado a 01.05.2011).

celebração do mistério da salvação (*liturgia*) e o ministério à vida humana (*diaconia*). Estes pilares são os que sustentam a razão, a forma e o objectivo da presença da Igreja no turismo<sup>396</sup>. Urge, portanto, cultivar uma capacidade para acolher aquele que viaja, com criatividade, sensibilidade e fraternidade, respeitando os limites culturais, religiosos e sociais de cada pessoa.

## 2.1. *Kerigma*: o anúncio da Palavra

Existe uma relação bem próxima entre o acontecimento da ressurreição e a missão das testemunhas do Ressuscitado: aqueles que foram feitos testemunhas são enviados com a missão de dar testemunho, isto é, de anunciar a «Boa Notícia»<sup>397</sup>, de evangelizar. Com efeito, não basta espalhar somente a Palavra, pois o testemunho é central: «o testemunho é missão e a missão requer testemunho»<sup>398</sup>. O primeiro testemunho a dar consiste em conformar a vida de todos os dias com a de Jesus Cristo, vida de fé e de adesão ao Deus vivo, animada pela esperança e pelo amor. Bento XVI refere que «temos de mostrar – e de viver também -, que a infinitude de que o homem precisa só pode vir de Deus»<sup>399</sup>. Na Carta Apostólica *Redemptoris Missio*, o Papa João Paulo II escreveu assim: «O que me anima mais a proclamar a urgência da evangelização missionária é que ela constitui o *primeiro* serviço que a Igreja pode prestar

---

<sup>396</sup> «Queste modalità esprimono la sostanza dell’impegno pastorale complessivo e definiscono le ragioni, le forme, gli obiettivi della presenza della Chiesa nel turismo, in un quadro di riferimento che si ispira alla missione e in uno stile di serena fraternità». C. MAZZA, *op. cit.*, 23.

<sup>397</sup> «Impegno preminente è la proclamazione della Buona Novella. [...] A questo la Chiesa è profondamente sensibile, ed è convinta di dover esprimere tale sensibilità nei modi conformi alla pienezza della sua vocazione. Ritene quindi suo dovere specifico e primario proclamare incessantemente la “lieta notizia”, con la testimonianza e con l’annuncio esplicito della Parola di Dio». PONTIFICIA COMMISSIONE PER LA PASTORALE DELLE MIGRAZIONI E DEL TURISMO, *Lettera...*, n° 9, 362.

<sup>398</sup> Enzo BIANCHI, Renato CORTI, *A Paróquia*, Paulinas, Prior Velho, 2006, 42.

<sup>399</sup> Bento XVI, *Luz do Mundo – O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos*, Lucerna, Cascais, 2010, 68

ao homem e à humanidade inteira, no mundo de hoje, que, apesar de conhecer realizações maravilhosas, parece ter perdido o sentido último das coisas e da sua própria existência»<sup>400</sup>.

É a partir da vida cristã da comunidade que se poderá dar testemunho *ad extra*, pois uma verdadeira vida cristã lança e suscita interrogações<sup>401</sup>. Através de uma experiência radical e inovadora de anúncio e escuta, a Igreja terá que se aproximar ainda mais das comunidades turísticas, dos que trabalham no mundo do turismo e que têm a missão de anunciar a Palavra de Deus a partir do seu testemunho, do seu acolhimento.

O encontro entre aqueles que viajam e os que acolhem surge como uma oportunidade única e valiosa do anúncio («-escuta»<sup>402</sup>) e catequese da Palavra de Deus. Portanto, para a pastoral do turismo é essencial investir num diálogo pessoal<sup>403</sup>, numa comunicação própria e especializada do programa do Evangelho e da fé, com método, objectividade e verdade no mundo do turismo, utilizando instrumentos adequados e pessoas «competentes e com formação»<sup>404</sup>, capazes de abrirem aquela «porta de entrada para a experiência religiosa»<sup>405</sup>,

---

<sup>400</sup> *Redemptoris Missio*, 2.

<sup>401</sup> Cf. E. Bianchi – R. Corti, *op. cit.*, 41-44.

<sup>402</sup> Cf. C. MAZZA, *op. cit.*, 23.

<sup>403</sup> Alcançando a pessoa e plasmando a comunidade pelo testemunho profundo dos valores evangélicos na sociedade e na cultura. Cf. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, 29 in AAS 93 (2001) 266-309.

<sup>404</sup> «Competência e formação são realidades que se compaginam com o delicado respeito [...] pelo ‘tesouro’ histórico que se visita. [...] Há toda uma diaconia de introdução ao tesouro dos lugares visitados que está a ser tida na devida conta pelas comunidades, mormente em escolas de teor profissional e em academias universitárias, nos países onde o sector turístico é relevante economicamente». José Silva LIMA, «Como pode o Turismo contribuir para o crescimento espiritual, para uma avaliação positiva do turismo e da sua pastoral», in Reunião Europeia da Pastoral do Turismo, Vaticano, 29-30 de Abril de 2009, 9.

<sup>405</sup> «Numa cultura cada vez mais marcada pelo primado do ter, pela obsessão da satisfação imediata, pela ilusão das compensações materiais, a busca do lucro, é surpreendente constatar não somente a permanência, mas o desenvolvimento de um interesse pelo belo. As formas de que se reveste este interesse parecem traduzir a aspiração que se mantém, e até mesmo se reforça, a um algo mais que encante a existência, abra-a e a conduza para além dela mesma. A Igreja teve intuição disto desde a origem e séculos de arte cristã dão disso uma ilustração magnífica: a obra de arte autêntica é potencialmente uma porta de entrada para a experiência religiosa. Reconhecer a importância da arte para inculturar o Evangelho, é reconhecer que o génio e a sensibilidade do homem são conaturais à verdade e à beleza do mistério divino. Ao mesmo tempo, o património cultural da Igreja testemunha uma fecunda integração entre cultura e fé. Ele constitui um recurso permanente para uma educação cultural e catequética, que une a verdade da fé à autêntica beleza da arte (cf. SC, 122-127). Frutos de uma comunidade cristã que viveu e vive intensamente sua fé na esperança e na caridade, estes bens culturais e culturais da Igreja estão aptos a inspirar a existência humana e cristã no alvorecer do Terceiro Milénio». CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA, «Para uma Pastoral da Cultura» (23.05.1999), in *L'Osservatore Romano* 24 (12.06.1999), 8.

para o «serviço do belo, do homem»<sup>406</sup>, do anúncio e da catequese<sup>407</sup>. Como refere José da Silva Lima «é possível anunciar o Evangelho, como sentido novo para as viagens, a descobrir no meio do vislumbre do belo e do grande»<sup>408</sup>.

## **2.2. Liturgia: a celebração do mistério**

Depois da Palavra anunciada, tem lugar o «cume e fonte de toda a Igreja» (SC 10): a Eucaristia. A comunidade cristã é ontologicamente eucarística, isto é, a eucaristia é a fonte e a natureza do mistério da comunhão é realização vivida da memória cristã. Por sua vez, a comunidade é constituída de forma estável, onde cada crente é chamado a viver e a ser testemunha diária e estável da comunidade a que pertence, ou seja, é chamado ao anúncio.

A liturgia comunitária terá de ser como que o ponto de partida para os cristãos se tornarem “corresponsáveis pelo Evangelho” e transformarem criativamente as suas vidas em serviço, anúncio e testemunho do evangelho. Como afirma o Cardeal Paul Poupard: «A vitalidade da comunidade cristã, unida pela mesma fé, reunida para celebrar a Eucaristia, dá o testemunho da fé vivida e da caridade de Cristo e constitui um lugar de educação religiosa profundamente humana. Sob formas variadas, de acordo com a idade e as capacidades dos fiéis, a paróquia fornece uma ilustração concreta, inculturada, da fé professada e celebrada pela comunidade crente. Esta primeira formação vivida na paróquia é decisiva, ela introduz na tradição, e lança os fundamentos de uma fé viva e de um profundo sentido de Igreja»<sup>409</sup>.

---

<sup>406</sup> Cf. C. MAZZA, *op. cit.*, 93-94.

<sup>407</sup> Com o seu vasto património cultural, a Igreja é chamada a abrir com qualidade e eficácia essa porta ao mundo do turismo e, a partir daí, comunicar, testemunhar e fazer catequese de uma forma nova e próxima. «Uma pastoral adaptada sabe promover e valorizar os lugares sagrados, santuários e peregrinações, as vigílias litúrgicas e as comemorações». CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA, «Para uma Pastoral da Cultura» (23.05.1999), in *L'Osservatore Romano* 24 (12.06.1999), 10.

<sup>408</sup> J. Silva LIMA, «Como pode o Turismo...», 11-12.

<sup>409</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA, «Para uma Pastoral da Cultura» (23.05.1999), in *L'Osservatore Romano* 24 (12.06.1999), 10.

Quer o Directório Geral *Peregrinans in Terra* para a Pastoral do Turismo, quer as Orientações para a Pastoral do Turismo, vincam aquilo que é realmente central: a celebração da Páscoa de Cristo, na Sua memória<sup>410</sup>. Como refere José da Silva Lima, «a ceia de Cristo é este lugar refundador, memorial actualizante da Sua dádiva. Para muitos, a celebração impressiona, o que significa que deixa marcas de uma forma de estar no mundo, a de Cristo, a dos cristãos. Trata-se, nestas celebrações dispersas por toda a terra, de um dos maiores e mais nobres contributos para a abertura ao espiritual, no natural envolvimento no mistério»<sup>411</sup>.

Contudo, a celebração dos “mistérios” da salvação reclamam preparação e actualização para cada comunidade turística e para a pessoa. Por isso, é fulcral que todos possam integrar, participar, celebrar criativamente<sup>412</sup> e mergulharem no vasto mistério<sup>413</sup>. Bento XVI sublinha este pensamento e vai ainda mais além: «trata-se, de algum modo, de podermos sair de nós próprios e mergulhar na imensidão. É por isso que é tão importante que a liturgia não seja, de algum modo, uma criação de cada um»<sup>414</sup>. Isto porque «uma liturgia dominical que tenha qualidade mistagógica é o mais fecundo magistério eclesial que todas as semanas pode dar forma à vida cristã do indivíduo e da comunidade»<sup>415</sup>. Carlo Mazza assevera que a liturgia é o retrato de uma comunidade cristã: é o seu bilhete de visita; o coração da sua fé e do seu testemunho; e a imagem da presença divina naquele lugar.

No contexto da pastoral do turismo, a comunidade paroquial surge «como lugar de iniciação cristã e de evangelização inculturada, onde os diversos grupos humanos encontram a sua unidade na celebração festiva de uma mesma fé e no engajamento apostólico do qual a

---

<sup>410</sup> Cf. DGPT, 3.

<sup>411</sup> J. Silva LIMA, J. Silva LIMA, «Como pode o Turismo...», 5.

<sup>412</sup> «Os responsáveis pela pastoral saberão encorajar a criação em todos os campos: ritos, música, cantos, artes decorativas, etc., e velarão pela sua boa qualidade cultural e religiosa». CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA, «Para uma Pastoral da Cultura» (23.05.1999), in *L'Osservatore Romano* 24 (12.06.1999), 10.

<sup>413</sup> «Tali celebrazioni si caratterizzano per uno stile, un tono, una qualità del tutto particolari nel turismo in quanto rivelano il mistero di Dio celebrato in un ambito di festa e di riposo, ma altresì in un contesto comunitario aperto dove sono presenti persone di diversa provenienza, di diversa cultura, di diversa sensibilità religiosa». C. MAZZA, *op. cit.*, 23.

<sup>414</sup> BENTO XVI, *Luz do Mundo...*, 107.

<sup>415</sup> E. BIANCHI – R. CORTI, *op. cit.*, 31.

liturgia eucarística é a alma. A paróquia constitui um lugar privilegiado de pastoral concreta da cultura centrada na escuta, no diálogo e na proximidade, graças a presbíteros e leigos religiosamente e culturalmente bem preparados»<sup>416</sup>.

### **2.3. Diaconia: o serviço do acolhimento**

Esta dimensão inscreve-se no cumprimento da missão de Jesus Cristo: «Eu não vim para ser servido, mas para servir» (Mc 10, 45). Abrir-se ao outro, diferente de mim, é dom e tarefa. É uma forma sempre nova de diaconia, «pois hoje, além do serviço das mesas dos mais pobres e dos mais desamparados, emerge e está patente o serviço das mesas dos turistas»<sup>417</sup>.

Assim sendo, em primeiro lugar emerge o repto de uma corresponsabilidade (fundadora) da Igreja local, isto é, o turismo pode acontecer como fenómeno que obriga a escutar a brisa mansa do Espírito, vento novo que ninguém sabe donde vem nem para onde vai (cf. Jo 3)<sup>418</sup>. Deste modo, as Igrejas locais, as comissões e departamentos têm os seus programas bem traçados no Directório Geral *Peregrinans in Terra* para a Pastoral do Turismo<sup>419</sup>, nas *Orientações para a Pastoral do Turismo*<sup>420</sup> e na carta *Igreja e Mobilidade Humana*<sup>421</sup>.

---

<sup>416</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA, «Para uma Pastoral da Cultura» (23.05.1999), in *L'Osservatore Romano* 24 (12.06.1999), 10.

<sup>417</sup> J. Silva LIMA, «Como pode o Turismo...», 12.

<sup>418</sup> Cf. C. MAZZA, *op. cit.*, 90.

<sup>419</sup> DGPT, 4 – 6.

<sup>420</sup> «La comunità cristiana locale, che ha nella parrocchia la sua espressione più diretta, è il luogo in cui si sviluppa la pastorale del turismo. Nella comunità locale, infatti, viene offerta al turista l'accoglienza cristiana che lo accompagna nella sua vita di credente e viene data ospitalità a ogni visitatore senza distinzione; in essa si educa il cristiano al viaggio o lo si forma all'attività lavorativa nel turismo. L'impegno della comunità predispone a stabilire vincoli di collaborazione per promuovere i valori umani e spirituali che il turismo può favorire». OPT, n°18, 264.

<sup>421</sup> «L'accoglienza è naturalmente chiamata ad esprimersi concretamente in speciali iniziative pastorali. Diciamo speciali nel senso che devono essere appropriate ai destinatari, rispondenti cioè alla loro mentalità, alla loro lingua, alla loro particolare situazione. Ma non si tratta, né potrebbe trattarsi, di iniziative chiuse in se stesse; coloro che vi si dedicano, lo fanno a titolo di delegati delle Chiese e delle comunità locali, le quali non sono in

Posto isto, não bastam boas intenções, é essencial competência, sensibilidade, profissionalismo e humanismo de todos os agentes implicados<sup>422</sup>. Na verdade, esta corresponsabilidade eclesial deverá suscitar uma práxis do envolvimento, do acolhimento e da participação activa, onde a igreja local paulatinamente desenvolve o sentido comunitário, assim como vai percebendo que detém também uma identidade e «responsabilidade laical»<sup>423</sup>.

Em segundo lugar, a comunidade terá que ser capaz de mostrar uma tal «gratuidade»<sup>424</sup>, ao ponto de albergar as diversas interrogações acerca das verdadeiras e profundas necessidades humanas, abrindo assim caminhos de comunhão e acolhimento. Para isso é fulcral que ela seja criativa e tenha imaginação no meio da humanidade, sendo solidária com todos. Importa que a actividade pastoral, fundada na caridade, saiba humanizar o ambiente em que vive a humanidade numa dinâmica reconciliadora e «comunitária»<sup>425</sup>.

Uma “Igreja ao serviço” do acolhimento é o testemunho claro e visível da presença de Cristo na realidade concreta deste fenómeno veloz e complexo que é a mobilidade humana<sup>426</sup>. Seja qual for o tipo de visita (turística, peregrinação), a comunidade local tem um papel fundamental no acolhimento e integração dos visitantes. Com efeito, nas *Orientações Pastorais para o Turismo* de 2001 afirma-se que o núcleo da pastoral do turismo é o acolhimento, mormente na celebração eucarística<sup>427</sup>, pois poder-se-á ver a identidade e

---

tal modo esonerate dalla loro responsabilità». PONTIFICIA COMMISSIONE PER LA PASTORALE DELLE MIGRAZIONI E DEL TURISMO, *Lettera...*, nº 25, 370.

<sup>422</sup> Isto porque, embora possam parecer abastados turistas e até auto-suficientes, dão também provas de indigência, de necessidade. Usam frequentemente linguagens mais analógicas e procuram o que está talvez mais além das pedras, dos vitrais e dos dos túmulos que visitam.

<sup>423</sup> Cf. C. MAZZA, *op. cit.*, 90.

<sup>424</sup> Cf. *Id.*, 82.

<sup>425</sup> «Grande possibilità non dice grande facilità. Le comunità di accoglienza sono certamente le unità umane e territoriali più esposte e più impegnate nella realizzazione di un turismo di promozione umana e cristiana. La comunità deve sentirsi responsabile di coloro che, sia pur temporaneamente, vengono a inserirsi in essa, per dar loro una coerente testimonianza di fede». *Id.*, 84.

<sup>426</sup> «È una Chiesa che sta sulle strade, cammina con gli uomini e le donne, sperimenta una missione del tutto singolare, incentrata sul primato della persona e sull’urgenza dell’anuncio della «buona notizia» del Regno di Dio». *Id.*, 24.

<sup>427</sup> «Accogliere i turisti, accompagnarli nella loro ricerca della bellezza e del riposo, deve essere motivato dal convincimento che “questo uomo è la prima strada che la Chiesa deve percorrere nel compimento della sua missione: egli è la prima e fondamentale via della Chiesa, via tracciata da Cristo stesso, via che immutabilmente passa attraverso il mistero dell’incarnazione e redenzione”. Nella celebrazione eucaristica, fulcro di ogni comunità ecclesiale, l’accoglienza offerta al visitatore trova la sua espressione più profonda. In essa la comunità



autenticidade de uma comunidade pelo modo como integra os visitantes na celebração comunitária<sup>428</sup>. Deste modo, observa-se que acolher é também agir, é fazer nascer (*pastoral da geração*<sup>429</sup>). A comunidade cristã deverá ter presente a sua natureza missionária e, por isso, um dos modos de ser da pastoral do acolhimento é testemunhando a fé, anunciando o Evangelho, partilhando caminhos de esperança<sup>430</sup>. De forma a evitar que se adultere o sentido do acolhimento e seja confundido com uma «tarefa de trocas, negócios de exploração»<sup>431</sup>. Por isso, vinca-se a preponderância de uma formação e maturidade não só do sujeito, mas também das comunidades donde este parte e é inserido<sup>432</sup>. A pastoral do turismo, integrada na pastoral

---

vive la propria unione con Cristo risorto, costruisce la sua unità con i fratelli e offre la testimonianza più esplicita che la comunione va ben oltre i legami di sangue e di cultura». OPT, n°19, 264.

<sup>428</sup> «[...] è opportuno introdurre nella celebrazione l'uso delle lingue dei turisti senza ostacolare la partecipazione della comunità locale o alterare il ritmo della celebrazione. Oltre a intervenire con monizioni o letture, sarà opportuno distribuire sussidi stampati, o prevedere un momento di preparazione, prima dell'inizio della celebrazione, per consentire ai turisti di partecipare pienamente». OPT, n°19, 264.

<sup>429</sup> A pastoral de geração não se apresenta como um paradigma pastoral novo que se inscreveria na esteira dos modelos mais antigos, tal como a pastoral tradicional, a pastoral de acolhimento, de proposta ou de iniciação... Ela baseia-se num estado de espírito que pode animar todos os modelos pastorais presentemente existentes. O seu objectivo é de permitir a Deus gerar à Sua própria vida, graças a uma forma de estar em relação e a uma maneira de agir, inspiradas no Evangelho. O essencial do Evangelho está aqui: todo o ser humano é chamado a partilhar a vida de Deus num diálogo de amizade com Ele. Este modo de pastoral desenvolve-se no meio comunitário e estabelece relações de proximidade. Pressupõe que a paróquia desenvolva células eclesiais à medida humana, mas não pretende fazer da paróquia um meio homogéneo. Não deixa de lado o aspecto organizacional e institucional, não rejeita os projectos pastorais. Mas elabora estruturas que parecem necessárias, segundo os lugares e as circunstâncias, colocando-as ao serviço de relações que pretende promover. Constitui equipas de trabalho e pretende entre elas estabelecer uma qualidade de relação inspirada no evangelho. Eficácia e rentabilidade são palavras-chave das sociedades ultramodernas. Esta perspectiva pode ser um obstáculo à fecundidade do evangelho. A palavra de Deus só dá frutos por contágio relacional. Esta pastoral toca a identidade das pessoas. Trata-se de uma relação triangular: há Outro presente. Cf. Philippe BACQ, «Vers une pastoral d'engendrement», in AA. VV., *Une nouvelle chance pour l'évangile. Vers une pastorale d'engendrement*, ed. Limen Vitae / Novalis / Les éditions de l'Atelier, Bruxelles 2004, 7-28.

<sup>430</sup> «Nel turismo, il cristiano, sia colui che fa parte di una comunità di accoglienza sia il turista stesso, viene sollecitato a testimoniare la propria fede e a riscoprire un'opportunità per la vocazione missionaria, che è la base dei suoi diritti e doveri come cristiano. Soprattutto nei luoghi a forte concentrazione turistica, la comunità cristiana deve prendere coscienza di essere "per sua natura missionaria" e annunciare il Vangelo con coraggio, generosità e rispetto, denunciando le ingiustizie e offrendo cammini di speranza, anche se il tempo di permanenza del turista sarà relativamente breve e la sua capacità di attenzione condizionata da varie circostanze». OPT, n°19, 265.

<sup>431</sup> Acolher não se trata de uma tarefa de troca, nem muito menos de um pretexto para negócios de exploração. Trata-se de reter a sua própria dignidade na dignidade que se confere ao outro que nos visita».

<sup>432</sup> «La Chiesa ritiene che i valori umani e cristiani non vengano compromessi dal turismo contemporaneo, bensì da una non adeguata maturazione spirituale, non soltanto del turista (o di coloro che servono nelle varie gamme dell'industria turistica), ma anche delle comunità da cui egli parte ed in cui egli si inserisce». DGPT, 2.

«ordinária»<sup>433</sup>, necessita de fortalecer esta rede comunitária de serviço entre os agentes da pastoral e dos operadores de turismo, para melhor acolher os turistas.

### 2.3.1. Santuários e Peregrinações

Por último, é oportuno abordar esta dimensão da pastoral do acolhimento no tocante aos santuários, peregrinações. Os santuários gozam de uma capacidade significativa de reunião de pessoas (turistas, peregrinos, visitantes) tão diversas no que diz respeito às motivações e formação religiosa, cultural, etc. Todavia, diante do já conhecido para alguns e da novidade para outros observa-se que homens e mulheres deste tempo descobrem-se «buscadores de Deus e peregrinos do Eterno»<sup>434</sup>. São lugares de peregrinação e de visitas bem diversas<sup>435</sup>. Eles são lugares de «metamorfose do quotidiano»<sup>436</sup>: de encontro fraternal, de conversão pessoal, de oração, de evangelização<sup>437</sup> e de festa. Muitos procuram neles um rasgo de esperança para uma cura física ou espiritual, anseiam pela mão salvadora de Jesus Cristo (Act 4, 112) e intercedem muitas das vezes a Maria e aos santos. Deste modo, os santuários são interpelados a acolher vidas tão díspares, requisitadas de modo tão simples, e ser canal transmissor de vida nova e de fé. A pastoral dos santuários terá que continuar a desenvolver uma pastoral de acolhimento renovada, ou seja, capaz de levar o crente a aprofundar a sua fé, a experienciar Jesus Cristo e fazer crescer na fé. Neste sentido, urge passar de uma pastoral

---

<sup>433</sup> Cf. C. MAZZA, *op. cit.*, 85.

<sup>434</sup> BENTO XVI, «Mensagem ao Congresso Mundial de Pastoral de peregrinações e santuários» (08.09.2010), in *L'Osservatore Romano* 40 (02.10.2010), 7.

<sup>435</sup> «O “santuário” não funciona somente, como espaço-à-parte do comum, mas (e principalmente) como “espaço de todos, sem privatizações possíveis” aberto a toda a espécie deromeiro; é lugar anónimo [...]». Cf. AAVV., *Peregrinação e Piedade Popular*, edição do Secretariado Geral do Episcopado de Lisboa, Cadernos de Pastoral 3, 1998, 88.

<sup>436</sup> Cf. *Id.*, 86.

<sup>437</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «Carta da Congregação para o Clero aos reitores de santuários», in *Sedoc*, vol. 44, nº 347 (Julho-Agosto 2011), 68.

sacramentalista para uma pastoral profética, onde a Palavra ocupe o lugar central<sup>438</sup>; de uma pastoral obsoleta para uma pastoral criativa, onde o peregrino e o visitante se sentem integrados e interpelados; de uma pastoral clerical para uma pastoral de todo o Povo de Deus, em que todos participam; de uma pastoral de promessas de curas imediatas para uma pastoral de compromisso; de uma pastoral de massas para uma pastoral de pequenos grupos, do “tu a tu”; da pastoral individualista e sensorial para uma pastoral comunitária, responsabilizante<sup>439</sup> e caritativa<sup>440</sup>. Uma pastoral do acolhimento que também se pode chamar caridade, capaz de albergar os passos dados e ainda por dar e propor novos trilhos, onde a Palavra de Deus é o guia. Sem esta centralidade da Palavra de Deus «não existirá qualquer possibilidade de evangelização autêntica e fecunda!»<sup>441</sup>. É neste ponto que é fulcral uma verdadeira conversão da pastoral e como João Paulo II afirma na *Novo Millennio Ineunte*: «É necessário que a escuta da Palavra se torne um encontro vital [...] que interpela, orienta e molda a nossa existência» (NMI 39). Neste sentido, José da Silva Lima adverte que «hoje, na peregrinação dos homens, uma outra forma de mostrar o Evangelho de Jesus integra o acolhimento empático no santuário, como prática ativa do amor que é o Centro da Boa Nova»<sup>442</sup>. Por isso, não chega receber (informando)<sup>443</sup>, mas requer atenção, «diálogo de vida e de coração»<sup>444</sup>, relação, respeito pela diferença que é tesouro<sup>445</sup>, não de manipulação, mas de entrega de amor<sup>446</sup>. Descerrar-se àquele que visita é mudar de paradigma – para um novo – que ensina a partilhar num mesmo espaço diferentes identidades, ou seja, que ensina a viver com os outros,

---

<sup>438</sup> «A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela». *Verbum Domini*, 3.

<sup>439</sup> Cf. AAVV., *Peregrinação e Piedade Popular*, op. cit., 81.

<sup>440</sup> Cf. *Id.*, 70.

<sup>441</sup> E. BIANCHI – R. CORTI, op. cit., 33.

<sup>442</sup> José da Silva LIMA, *Entre Rezas e Romarias. Piedade Popular e Prática Pastoral*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011, 98.

<sup>443</sup> «L'accoglienza qui offerta non può limitarsi a un'informazione storica o artistica per quanto accurata, ma deve anche dar risalto alla loro identità e finalità religiosa». OPT, n° 21, 266.

<sup>444</sup> «Le Chiese locali potranno contribuire a rendere questo incontro realmente fruttuoso, coinvolgendo il turista nel “dialogo di vita e di cuore” che esse sono chiamate a promuovere». OPT, n° 21, 266.

<sup>445</sup> «I santuari, pertanto, devono offrire un'accoglienza adeguata a questi visitatori, che li aiuti a riconoscere il senso del loro cammino e a comprendere la meta alla quale sono chiamati». OPT, n° 21, 266.

<sup>446</sup> Cf. J. da Silva LIMA, *Entre Rezas...*, 98.

a «edificar com eles um espaço comum e estar abertos à riqueza da sua diferença»<sup>447</sup>. Cada Santuário deverá ser como que um espaço de encontro<sup>448</sup>, de caridade<sup>449</sup> e misericórdia<sup>450</sup> e de beleza<sup>451</sup>.

Posto isto, importará um acolhimento capaz de «escutar»<sup>452</sup> e de fazer caminho, seja qual for a duração, seja com quem for; um acolhimento que leve à reflexão (à interrogação) por causa do rosto visível da caridade do santuário, ou seja, sentindo-se acolhido por Deus porque é acolhido pelos irmãos; um acolhimento fundado no espírito de abertura e fraternidade que poderá ter o nome de «pastoral da amabilidade»<sup>453</sup>.

Na busca de melhor recolher cada peregrino é fundamental, primeiramente: elaborar estudos estatísticos e sociológicos sobre a tipologia e motivação dos peregrinos; promover o voluntariado para o acolhimento; promover a formação de todos os agentes implicados na vida do santuário (formação humana, doutrinal, espiritual e pastoral); preparação dos

---

<sup>447</sup> *Id.*, 98.

<sup>448</sup> «Los santuarios aparecen a nuestros ojos, como lugares privilegiados, surgidos de la iniciativa de Dios, donde es posible una renovación de la vida e de la fe [...] Dios mismo muestra al hombre el camino de la conversión, que pasará necesariamente, en algún o algunos momentos, por la celebración sacramental de este encuentro». R. P. Josep-Enric PARELLADA, «Quelle pastorale d'accueil dans les Sanctuaires pour encourager les pèlerins au Sacrement de la Pénitence ou Réconciliation?» (11.09.2007), in *People on the Move*, nº 107 (suppl.) (10-13.08.2008), 106.

<sup>449</sup> «A caridade é o cimo da perfeição. É a estrada quotidiana dos cristãos nas suas comunidades; é o testamento visível que cada um pode deixar aos que ocuparão o espaço em tempos vindouros». J. Silva LIMA, «Como pode o Turismo...», 14-15.

<sup>450</sup> Os santuários surgem como estações intermediárias, onde os peregrinos e agentes da pastoral são convidados aproximarem-se do sacramento da Reconciliação e, por sua vez, a olharem-se ao espelho da Palavra de Deus, para aí se encontrarem e encontrar-se com Deus. «A misericórdia não tem pátria, mas passa por todas as pátrias; a misericórdia não tem casa, mas está em todas aquelas que ouvem a voz e deixam entrar a salvação». J. da Silva LIMA, *Entre Rezas...*, 125.

<sup>451</sup> «A beleza é uma porta para o mistério de Deus, uma beleza que no santuário se deve concretizar em várias dimensões: beleza do espaço litúrgico, da liturgia, da caridade e das relações humanas. [...] É essencial que o santuário redescubra a *Via Pulchritudinis* como via de conhecimento de Deus, e com esse fim, estimule a relação entre património artístico-cultural e evangelização». BENTO XVI, «Mensagem ao Congresso Mundial de Pastoral de peregrinações e santuários» (08.09.2010), in *L'Osservatore Romano* 40 (02.10.2010), 7.

<sup>452</sup> «Ao mesmo tempo, nunca se insistirá demasiado no facto de que os santuários hão-de ser faróis de caridade, incessantemente dedicados aos mais desfavorecidos mediante obras concretas de solidariedade e misericórdia e uma constante disponibilidade para escutar». CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, «O Santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo» (08.05. 1999), in *L'Osservatore Romano*, nº 22 (29.05.1999), 7.

<sup>453</sup> Cf. BENTO XVI, «Mensagem ao Congresso Mundial de Pastoral de peregrinações e santuários» (08.09.2010), in *L'Osservatore Romano* 40 (02.10.2010), 7.

sacerdotes que exercem o ministério da Palavra e da Reconciliação<sup>454</sup>; definir com clareza o carisma próprio do Santuário, o qual deve informar todo o espírito e sentido da vida e do trabalho do voluntário. Além disso, uma pastoral do acolhimento nos santuários não poderá descurar: «a dignidade das celebrações litúrgicas e das manifestações de piedade popular, o ambiente de respeito e recolhimento, a ordem e a segurança, o cuidado do recinto, a correcta sinalização, uma arquitectura apropriada e sem barreiras, o apoio de materiais impressos e das novas tecnologias, a criação de espaços físicos adequados e acolhedores para cada categoria de pessoas e para cada uso específico (capelas de adoração e de reconciliação, pontos de informação, museu, etc.), ou o evitar a percepção de comercialização no espaço sagrado»<sup>455</sup>. E, por fim, perceber a riqueza da elaboração de um plano pastoral anual para um acolhimento e evangelização mais eficaz, claro e criativo, capaz de dialogar com todos e em qualquer plataforma, isto é, compreendendo a relevância da cooperação com todos os agentes implicados, coordenando o trabalho que se desenvolve nos vários âmbitos: sintonia do santuário com a pastoral diocesana, inserindo-se numa necessária pastoral de conjunto e a colaboração dos santuários com as paróquias, os reitores, os agentes pastorais, as associações de peregrinações, as agências e guias turísticos e os entes civis<sup>456</sup>.

Em suma, poder-se-á enunciar uma última diaconia, a do discernimento, a do pedagogo, não tanto a do juízo precipitado, mas a do tom de fraternidade. O Santo Padre Bento XVI na Mensagem aos participantes no II Congresso Mundial de Pastoral de Peregrinações e Santuários apela a um «acolhimento dos peregrinos, dando o justo destaque, nomeadamente, à dignidade e beleza do santuário, imagem da “tenda de Deus com os homens” (Ap 21, 3); aos

---

<sup>454</sup> Um dos resultados mais valiosos do santuário é o perdão de Deus acolhido no sacramento da Reconciliação. Logo, «há que favorecer o acesso dos fiéis ao sacramento da Reconciliação, consentindo-lhes participar dignamente na celebração eucarística, de tal modo que esta possa ser o centro e o cume de toda a acção pastoral dos santuários». BENTO XVI, «Mensagem ao Congresso Mundial de Pastoral de peregrinações e santuários» (08.09.2010), in *L'Osservatore Romano* 40 (02.10.2010), 7. «O Santuário é, igualmente, um lugar da permanente actualização da misericórdia de Deus». CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Carta da Congregação para o Clero aos reitores de santuários», in *Sedoc* vol. 44, nº 347 (Julho-Agosto 2011), 65.

<sup>455</sup> BENTO XVI, «Mensagem ao Congresso Mundial de Pastoral de peregrinações e santuários» (08.09.2010), in *L'Osservatore Romano* 40 (02.10.2010), 7.

<sup>456</sup> Cf. OPT, nº 33-35, 272-275. Ver também DGPT, 1 – 6.

momentos e espaços de oração, tanto pessoais como comunitários; à atenção às práticas de piedade»<sup>457</sup>.

Numa abertura do coração no acolhimento o discernir emerge como possibilidade de reconfigurar vidas, de dialogar com questões desfocadas, apontando para o peregrino um renovado trilho da fé: Jesus Cristo, o qual ensina ao crente peregrino que o regresso à sua comunidade também faz parte da peregrinação<sup>458</sup>.

### 2.3.2. Turismo religioso

Presentemente, o turismo assume um peso incontornável que já ultrapassa, anualmente, um bilião de pessoas, que a Igreja não desconsidera na sua acção evangelizadora. Como já apresentado, o turismo religioso é como que uma “construção cultural” da Igreja católica, voltada para uma aproximação e conversão religiosa da pessoa. A Igreja deve prestar uma maior atenção especialmente ao chamado turismo religioso, ou seja, voltado a destinos pretendidos pela tradição eclesial, como podem ser edifícios de culto, museus diocesanos, pinturas, objectos sagrados, e outros, a fim de que seja respeitado o sentido original do lugar e das coisas. Importa não cair num tipo de turismo (religioso) que se fixa num mercantilismo, onde não há comunicação, apenas espectáculo e ilusão, onde reina uma estética sem códigos e

---

<sup>457</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, «O Santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo» (08.05.1999), in *L'Osservatore Romano*, nº 22 (29.05.1999), 7.

<sup>458</sup> «Se o caminho, a permanência no santuário e o regresso à vida do dia-a-dia formam um todo, a espiritualidade do regresso, bem como os critérios pastorais que esta possa implicar, têm que estar em sintonia com os dois momentos que o precedem. O retorno não é um simples voltar atrás. A experiência que o peregrino viveu de algum modo mudou-o. Isto marcará o seu retorno ao dia-a-dia. O crente aprende que o regresso também faz parte da peregrinação. É desejável que o próprio santuário ofereça ocasiões para ritualizar o retorno de modo cristão, configurando-o como um envio do peregrino a viver cristãmente a sua vida. No momento de empreender o regresso, será importante que se convide o peregrino a incorporar-se numa comunidade cristã concreta ou a aumentar os vínculos com essa, segundo os casos. Além disso, deve-se incentivá-lo a ser testemunha do que viveu no meio do mundo. O reencontro com o seu pároco ou com o agente de pastoral que organizou a peregrinação pode ser uma ocasião para o peregrino de abrir caminhos para uma nova vida eclesial e de fé. É importante oferecer propostas concretas de lugares, tempos e pessoas que os possam acompanhar no seu regresso à vida do dia-a-dia». BENTO XVI, «Mensagem ao Congresso Mundial de Pastoral de peregrinações e santuários» (08.09.2010), in *L'Osservatore Romano* 40 (02.10.2010), 7.

símbolos (“um coleccionismo de sensações”<sup>459</sup>), onde a cultura é consumida pela fome da moda. Por sua vez, um acolhimento verdadeiro e concreto é chave de acesso a um novo modo de sobreplantar tais perigos destruidores da dignidade humana, da ética e dos valores do turismo (humanismo, repouso, relação, re-criação, descoberta, fé, cultura, etc.)<sup>460</sup>.

Deste modo, a Comissão Episcopal da Mobilidade Humana, tendo em conta a realidade do turismo no nosso país, organizou um encontro com os secretariados diocesanos da pastoral da mobilidade humana, sob o tema *Turismo: oportunidades de evangelização*, onde deixou as seguintes recomendações: «criar, nas dioceses com maior movimento do turismo de lazer e cultural, um grupo dinamizador para a sensibilização e formação das pessoas e instituições da Igreja, em colaboração com a sociedade civil, envolvidas no acolhimento aos turistas; fomentar a informação, usando também as novas tecnologias, das estruturas de acolhimento e seus horários de funcionamento; facilitar a celebração da fé, recorrendo às línguas mais conhecidas dos turistas; manter as igrejas e serviços de acolhimento abertos por mais tempo e em horários convenientes para os visitantes, recorrendo ao voluntariado das comunidades locais, sobretudo das pessoas com conhecimento de outras línguas, preparando-as para esta função; elaborar, em colaboração com as regiões de turismo, roteiros de turismo religioso e cultural na área das dioceses, com inclusão de propostas evangelizadoras»<sup>461</sup>. Na mesma linha, o Conselho Pontifício para a Cultura acrescenta ainda algumas pertinentes propostas: introduzir a pastoral do turismo e do tempo livre e a catequese através da arte, entre as actividades específicas habituais das dioceses; conceber itinerários devocionais numa diocese ou região, percorrendo a rede dos lugares da fé que constituem o seu património espiritual e cultural; tornar as igrejas abertas e acolhedoras, pondo em destaque elementos por vezes modestos mas significativos; prever uma pastoral dos edifícios religiosos mais frequentados,

---

<sup>459</sup> Cf. C. MAZZA, *op. cit.*, 112.

<sup>460</sup> Cf. *Id.*, 79-80.

<sup>461</sup> COMISSÃO EPISCOPAL DA MOBILIDADE HUMANA (CEMH), Encontro da Comissão Episcopal da Mobilidade Humana e secretariados diocesanos da pastoral da mobilidade humana, «Turismo: oportunidades de evangelização» (5-8.07.2010), in <http://www.portal.ecclesia.pt/ocpm/noticia.asp?noticiaid=33465> (consultado a 23.11.2011). Sobre estas propostas ver ainda C. MAZZA, *op. cit.*, 96-97.

para fazer com que os visitantes se beneficiem da mensagem da qual eles são portadores e editar publicações simples e claras, elaboradas com o auxílio dos organismos competentes; criar organizações de guias católicos, capazes de fornecer aos turistas um serviço cultural de qualidade animado por um testemunho de fé. Iniciativas desse tipo podem também contribuir na criação de postos de trabalho, mesmo temporários, para os jovens ou menos jovens sem emprego; criar e desenvolver museus de Arte Sacra e de Antropologia Religiosa, que privilegiem a qualidade dos objectos expostos e a apresentação pedagógica viva, aliando o interesse pela fé e pela história, evitando assim que os museus se tornem depósitos de objectos mortos; suscitar a formação e a multiplicação de acervos e de bibliotecas, especializados no património cultural, cristão e profano; [...] encorajar as livrarias católicas e mesmo criá-las nas paróquias e nos santuários para onde acorrem peregrinos, com responsáveis qualificados, capazes de aconselhar utilmente os interessados<sup>462</sup>.

Concluindo, um dos grandes reptos lançados ao longo dos tempos nos documentos do Magistério sobre o turismo e modo de ser da pastoral assenta numa «vivência cristã do turismo»<sup>463</sup>; para isso é preponderante a formação e preparação de todos os implicados neste fenómeno do turismo, onde, porventura, o turista e o peregrino visitam os mesmos santuários e, tantas vezes, cruzam-se na partida e no regresso das suas peregrinações; continuar a recriar um pastoral da amabilidade bem discernida, fundada na Palavra de Deus, na Liturgia e no serviço do acolhimento, capaz de albergar a diferença, pura filigrana, que cada pessoa comporta. É certo que os grandes lugares turísticos são uma grande oportunidade de evangelização, estão recheados do religioso e não se passa por estes, não se contemplam os seus ícones, nem se aprende história, sem uma interpelação interior, que pode suscitar conversões nunca pensadas, que transformam vidas. Por isso, é fulcral reconhecer o lugar central do homem e da mulher dentro e fora deste fenómeno. A Igreja tem aqui um papel e

---

<sup>462</sup> Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA, «Para uma Pastoral da Cultura» (23.05.1999), in *L'Osservatore Romano* 24 (12.06.1999), 10.

<sup>463</sup> OPT, nº 21, 266.



missão decisivos e jamais poderá renunciar a fazer caminho e a viajar com a humanidade pelo mundo do turismo. Sempre atenta, fiel e acompanhando os “sinais dos tempos”, deverá testemunhar a presença do mistério de Deus e propor com mais eloquência, criatividade e asserção linhas pastorais orientadoras sólidas e actuais, para que o turismo esteja ao serviço da humanidade.

Que nestes tempos velozes, a pastoral do turismo (assim como a dos santuários e peregrinações) possa ser evento de relação e revelação dos rostos humanos entre si e com Deus, o rosto de salvação<sup>464</sup>.

---

<sup>464</sup> Cf. C. MAZZA, *op. cit.*, 111-117.

## CONCLUSÃO

Gosto de observar aquela “áspera” escultura de Alberto Giacometti com o nome de *Walking Man* e nela ver o turista e o peregrino que faz caminho, gastos pela busca de resposta e de sentido para o chão e o amanhã da vida que pisa. Aquela peça de arte parece transpirar dureza e incerteza e, ao mesmo tempo, eleva-se como um estandarte de esperança, de simplicidade e inquietação para aquele que vê partir, faz caminho, acolhe e envia.

Desde o séc. XVIII, período da Revolução Industrial, passando pelo séc. XX, os princípios do turismo desenvolvem-se, ganhando forma, peso e amplitude na vida social. Assim, falar de turismo, no século XXI, implica reconhecer a sua imensa actualidade e real expansão numa sociedade, aparentemente, mais próxima, mais móvel, mais (des)encontrada, mas também enriquecida pelo fenómeno da globalização. É certo que a nível cultural e social, mormente a música, o desporto, o cinema, as tecnologias de informação e o turismo contribuíram assaz para uma nova forma de encontro, numa determinada época. Contudo, a globalização tem favorecido uma certa indiferença, um materialismo prático, o relativismo religioso e moral, o ser humano é valorizado apenas com critérios materiais, económicos e hedonistas.

Assim, importa olhar com solicitude para o fenómeno do turismo, para que este possa estabelecer um diálogo sadio com as várias dimensões que o tecem, mormente: o tempo imperativo: o trabalho; o tempo de graça: o lazer; e o diálogo necessário com a dignidade que cada ser humano comporta, sublinhando a necessidade aprender uma ecologia interior e exterior que salva e capaz de inaugurar uma nova ética, isto é, um novo modo de relação com os outros e com a natureza, com a criação de Deus.

Nesta linha, a globalização e a ascensão da mobilidade das pessoas tem colocado à Igreja grandes desafios. Ela tem em mãos a grande missão, não de impedir algo<sup>465</sup>, mas de

---

<sup>465</sup> «A missão da Igreja não é impedir a transformação da cultura mas de assegurar a transmissão da fé em Cristo, no coração das culturas em plena mutação». Card. P. POUPARD, *op. cit.*, 41.

guiar, de falar novas linguagens, trespassar certas fronteiras e zonas de conforto e aí religar, lembrar e aproximar as pessoas (entre si) de Deus<sup>466</sup>.

Concluimos que, actualmente, o ser humano tende a descobrir e a querer (re)encontrar-se com a cultura e a religião, mormente no que concerne aos costumes e estilos de vida que o passar dos anos dificilmente vai apagando. Os patrimónios históricos e arquitectónicos (santuários), o património religioso, designadamente as peregrinações e as festas religiosas, são os alvos que os turistas apontam com maior incidência. O turismo cultural e religioso demonstra com maior clarividência dinamismo na sua engrenagem, apresentando, logo a seguir ao turismo de negócios, aquele com maior desenvolvimento. Nesta linha, desperta uma nova mobilidade religiosa e turística de indivíduos que procuram o imaterial e o simbólico (no vasto e esquecido património arquitectónico e imaterial religioso). No final do século XX, o turismo religioso registou um desenvolvimento extraordinário. Segundo a *World Religious Travel Association* (WRTA), as viagens direccionadas para os locais sagrados das diversas crenças tendem a aumentar e as receitas geradas podem rondar actualmente 18 mil milhões de euros em todo o mundo. Neste sentido, importa promover esta plataforma, criando condições para melhor acolher, propor a fé e a Palavra de Deus: criar um departamento que possa coordenar iniciativas eclesiais locais, para melhor compreender o património (cultural e religioso) da Igreja; promover actividades de arte local que possam servir de instrumento para a catequese e a educação dos visitantes; dar a conhecer e a experienciar a piedade popular, mediante itinerários devocionais; organizar guias católicos com uma séria formação cristã e artística; utilizar os sítios da Internet para promover actividades e (in)formar os turistas.

O fenómeno do turismo religioso desponta profundamente enraizado no contexto das peregrinações (e romarias), onde cada homem e mulher caminha em direcção a um centro (de si), a um santuário, deixando-se transfigurar, abrindo-se à novidade e à alteridade que as suas

---

<sup>466</sup> «A civilização moderna, não de certo por essência, mas porque se encontra muito comprometida com as realidades terrestres, pode muitas vezes tornar mais difícil a aproximação de Deus». GS, 19.

vidas anseiam. Para o peregrino a deslocação é um *fim* (aproximação espiritual do sagrado); para o turista religioso é um *meio* (experiência de novas realidades e lugares, mesmo sagrados). De facto, a fé religiosa é o enorme motor espiritual que promove o desenvolvimento do turismo religioso, assim como impulsiona muitos peregrinos a caminhar até a um lugar sagrado: o santuário.

Continuemos a aprender a celebrar planeada e festivamente esta oportunidade de encontro, a cultivar uma liturgia da relação como «dialógica vital»<sup>467</sup>, em que o diálogo surge tenda de encontro, de comunhão e de partilha de ideias, corações, sentimentos, procuras, diferenças à mesma mesa e com os bens que são de todos, testemunhando uma estima mútua que desperte a «solidariedade fraterna e a fraternidade solidária»<sup>468</sup>.

É neste átrio de tanto encontro de diferenças, de tantas pessoas com uma história, com um rosto, com um nome, com uma motivação que a Igreja é chamada também a estar, a peregrinar, ao lado, ou melhor, a ser lado acompanhando com humanidade deste fenómeno do turismo (peregrinações e santuários), mediante uma pastoral que saiba acolher, gerar, servir e enviar.

No decurso deste caminho percorrido fomos percebendo que o turismo e a peregrinação têm alguns pontos em comum: o caminho do lazer e do sagrado é impulsionado por um impulso antropológico. «A experiência de saída de si, o desejo de outras paisagens, a busca de alteridade são traços reconhecíveis tanto num como noutro»<sup>469</sup>. O trilho da peregrinação conserva o seu carácter penitencial, mas também é envolvido pela celebração consciente e necessária dum tempo festivo. Nesta dinâmica (interactiva) vê-se que a peregrinação e a festa religiosa são mais do que uma expressão penitencial e, por isso emerge como uma necessária

---

<sup>467</sup> O encontro recíproco em que “as pessoas visam o ser-em-si uma da outra”, constitui a comunidade. A pessoa é pessoa enquanto se transcende na direcção da comunidade, e a comunidade é comunidade enquanto se baseia na liberdade das pessoas. Cf. Martin BUBER, *Comunidade, Do Diálogo e do Dialógico*, Ed. Perspectiva, S. Paulo 1982, 65-68. 66.

<sup>468</sup> José da Silva LIMA, *A Peregrinação. Percursos...*, 139.

<sup>469</sup> J. Tolentino MENDONÇA, *O Hipopótamo de Deus e Outros Textos. Cristianismo e Cultura*, op. cit., 131.

ação agradável, um tempo festivo comunitário. Como refere Isabel Maria Alçada Cardoso, «a festa tem a linguagem do nós porque é comunicativa e tem o específico da alternativa, do contraste, até do excesso»<sup>470</sup>.

Por sua vez, a viagem e a peregrinação constituem um instrumento privilegiado da construção da identidade, isto é, para ambos, a visita a um espaço cultural, que é artístico, é como que uma demanda (por vezes, inesperada) de uma espiritualidade perdida. Nesta procura, o olhar do turista e do peregrino percorre o caminho interior e exterior, desejando encontrar como que um jardim para repousar, uma casa para habitar, um átrio para dialogar, um centro<sup>471</sup>. Enfim, um santuário (in)definido apto para integrar e acolher qualquer um, protegendo a sua intimidade, capaz de ser expressão de uma comunidade que partilha. Mas, acima de tudo, como lugar de recordação (*munumentum*), de «memória de gerações»<sup>472</sup> e de interpelação, onde o peregrino e o turista, no espaço e no tempo podem tocar e serem tocados (mediante uma relação e diálogo). Aquela experiência é oportunidade de formação de identidade, de abertura à fé, de transcendência e de presenciar o «véu rasgado pelas mãos de Deus»<sup>473</sup>, que interroga o sentido da existência, do trabalhar, do tempo livre, da dignidade, da criação. Nesta pergunta sobre si, descobre-se como «uma resposta irrespondível»<sup>474</sup>, pois esta «rota simbólica»<sup>475</sup> tem em si um chão de mistério, de encontro e desencontro, de assombramento e desejo, de elevação e descida, entre a humanidade e o Deus *absconditus*.

Por sua vez, é claro que Desde Abraão, passando por Moisés, até chegar a Jesus Cristo, percebemos que Deus aponta um caminho, ou melhor, desenha um caminho de salvação, de encontro e de comunhão para cada homem e mulher. Mas neste jogo ou rede de relações, a Páscoa de Jesus Cristo convida o turista e o peregrino a uma mudança de paradigma, a uma

---

<sup>470</sup> Isabel M. A. CARDOSO, *op. cit.*, 40-41.

<sup>471</sup> «“Vou preparar-vos um lugar”. O que é um lugar senão a presença de uma fonte e o sentimento obscuro de nele termos encontrado um “centro”?». J. A. MOURÃO, *A palavra...*, 147. Ver também J. da Silva LIMA, *A Peregrinação. Percursos...*, 124-125.

<sup>472</sup> J. da Silva LIMA, «Santuários...», 346.

<sup>473</sup> D. A. COUTO, «Jesus...», 141.

<sup>474</sup> Cf. Karl RAHNER, *O desafio...*, 18-19.

<sup>475</sup> Cf. José da Silva LIMA, *A Peregrinação. Percursos...*, 121-128.

viagem para si sem retorno, mas capaz de o inserir numa nova dinâmica Pascal. Passo a passo, quer o turista quer o peregrino acolhem o mistério desenhado no encontro, na verdade e na vida, experimentando que Jesus Cristo é o caminho até ao Pai.

Ao longo destes últimos 5 decénios, a Igreja tem sido interpelada pelo turismo. Percorrendo alguns documentos do Magistério destacamos a atenção e solicitude da Igreja na busca de novas formas de pastoral, de dialogar e se relacionar com o mundo contemporâneo. Isto porque «o peregrino ou o turista necessitam de pontes de apoio, de notas adequadas, que lhes promovam lucidez, detectando obstáculos, desmontando embalagens que camuflam a realidade, desmitificando lugares e produtos que aviltem a pessoa e ponham em risco a sua dignidade»<sup>476</sup>. Deste modo, a Igreja encara os novos areópagos e sinais dos tempos como uma oportunidade única de evangelização, mediante a inculturação da fé ou o processo de encarnação do anúncio de salvação no coração de cada pessoa e comunidade turística<sup>477</sup>.

Um dos grandes desafios lançados ao longo dos tempos nos documentos do Magistério sobre o turismo e modo de ser da pastoral assenta numa “vivência cristã do turismo”. Para tal, é necessário continuar a criar novos itinerários nas mentalidades, ou seja, uma formação e educação mais cuidada e pensada, de todos os agentes implicados no turismo, nas peregrinações e santuários, para que a sua acção e pastoral seja anúncio e testemunho da fé, esperança, humanidade e solidariedade no local turístico específico. Sem improvisações, mas com um método e uma acção que integre a realidade para, entretanto, elaborar uma actividade/programa pastoral adequado à realidade, à comunidade, à pessoa, sempre fundado no Evangelho, na Palavra de Deus, Jesus Cristo. Mas num tempo em que dialogar e comunicar o Evangelho de Jesus Cristo apresenta alguns obstáculos, importa apontar

---

<sup>476</sup> J. da Silva LIMA, *A Peregrinação. Percursos...*, 130.

<sup>477</sup> «Inculturar a fé e evangelizar as culturas através de relações interpessoais permite a todo e cada um perceber a Igreja como a sua casa própria e sentir-se aí em casa». Card. P. POUPARD, *op.cit.*, 68.

caminhos que «conduz[am] a Ele e aos mistérios da fé, em função da cultura, para uma evangelização renovada»<sup>478</sup>.

Nesta linha, a pastoral do turismo, integrada na pastoral ordinária, necessita de fortalecer esta rede comunitária de serviço entre os agentes da pastoral e dos operadores de turismo. Urge ter em conta um programa pastoral pensado<sup>479</sup>, concreto, dinâmico, inteligente, que possa responder às novas exigências pastorais com paciência e uma saudável «lentidão»<sup>480</sup>, evitando cair no frequente «desperdício de soluções pragmáticas e no esquecimento da diferença»<sup>481</sup>. Assim, importa cultivar uma pastoral da amabilidade bem discernida, fundada na Palavra de Deus, na Liturgia e no serviço do acolhimento, onde toda a comunidade está gratuita, responsável e discretamente<sup>482</sup> implicada, evangelizando e sendo evangelizada no encontro com turista ou o peregrino.

Portanto, o caminho aqui apresentado pretendeu mostrar e interrogar a possibilidade de um renovado modo de viver como Cristo o turismo, no santuário ou em peregrinação; e compreender que é fulcral, urgente traçar um plano vivencial e formativo de todos os implicados no fenómeno do turismo, assim como das peregrinações e santuários.

Ao elaborar este sintético estudo, aprendi que a grande actualidade e desafio da pastoral do turismo, das peregrinações e dos santuários - embora com as suas particularidades - passará por exercer com lucidez e verdade o “poder de Deus”, ou seja, não correr o risco de ficar por um discurso moralista, “*deve-se fazer assim, não se deve fazer assim*”, mas procurar exercer o poder do serviço, da humildade, da caridade, do acolhimento, que surgem como um pórtico de um encontro que deixará as suas marcas.

---

<sup>478</sup> Card. P. POUPARD, *op. cit.*, 64.

<sup>479</sup> *Novo Millennio Ineunte*, 43.

<sup>480</sup> «Na matemática existencial, esta experiência [a velocidade e o esquecimento] assume a forma de duas equações elementares: o grau de lentidão é directamente proporcional à intensidade da memória; o grau da velocidade é directamente à intensidade do esquecimento». Milan KUNDERA, *A Lentidão*, Edições Asa, Letras do Mundo, Porto, 1995, 31.

<sup>481</sup> J. da Silva LIMA, *A Peregrinação. Percursos...*, 131.

<sup>482</sup> «Este serviço pastoral é discreto [...] tem longo alcance, tratando-se de um missão impossível num só dia». *Id.*, 131.



Comecemos por uma atenta e devota saudação (escrita ou oral) que toque a alma, que toque o nome, que reconheça e respeite a pessoa, o seu valor e não somente o preço que representa; por um olhar que possa exprimir o amor sem palavras, o afecto silencioso e possa ser nascente e poço no deserto da vida do outro.

Todavia, urge reconhecer que só quando a palavra se torna acto é que há milagre, isto é, que este “poder” desafia a liberdade da pastoral a colocar-se de joelhos, o viver ajoelhado diante do estrangeiro, do peregrino e do turista, que precisa de alguém que lhe possa tratar dos pés, das feridas, do seu dom. Que este acto possa ser palavra evangelizadora, possa abrir um novo espaço «entre os seres em que nos pomos a existir na liberdade dando a liberdade ao outro para que ele seja sujeito: é o espaço da gratuidade, o espaço de Deus»<sup>483</sup>.

Por fim, acredito que a missão da Igreja passará por promover e propor o sacramento da justiça, isto é, de levar com humanidade a beleza da misericórdia à vida, porventura, fragmentada de cada homem e mulher: inserindo-os numa renovada dinâmica reconciliadora; ajudando-os a integrar as feridas; e a passar com criatividade para uma vida nova marcada pela páscoa de Jesus Cristo ressuscitado. Na verdade, «a ressurreição é a transfiguração universal antecipada ou antes decisivamente começada numa existência pessoal que passa, não da morte à vida, mas a uma vida nova, não mais misturada pela morte mas pela eternidade, e capaz de assumir a morte, de fazer dela uma “passagem”, isto é, uma “páscoa”»<sup>484</sup>.

Não seria justo terminar este trabalho sem lembrar todos aqueles que comigo fizeram caminho e ajudaram a caminhar. Quero agradecer a Deus, que anima e guia o interesse crescente pela reflexão pastoral e teológica. Aos pais e irmão, à Faculdade de Teologia, ao Doutor José Lima, ao Doutor José Paulo Abreu, ao Dr. Tinoco, ao Dr. Costa Santos, à Equipa

---

<sup>483</sup> J. A. MOURÃO, *A Palavra...*, 114.

<sup>484</sup> *Id.*, 97.

Formadora do Seminário Conciliar de Braga e aos amigos, e a todos que perguntavam: “como está a tese?”.

Esta dissertação pretende ser um passo mais adiante de uma caminhada de reflexão e acção a empreender sobre o fenómeno crescente do turismo, das peregrinações e santuários. Interessa olhar com determinação e humildade para a crescente mobilidade das pessoas, da constante busca de algo, de sentido, de paz, de calma, de um acolhimento, etc., e, por isso, urge propor caminhos (eventos) possíveis e reais, com dignidade e humanidades, capazes de serem verdadeiras plataformas de encontro e solidariedade.

Diante desta estrada ainda em aberto, a missão, o lugar e a identidade da Igreja é o de ser evento de re(ve)lação dos rostos humanos entre si e com Deus, o verdadeiro rosto de salvação.

## BIBLIOGRAFIA

## Fontes primárias

BENEDICTUS PP. XVI, Litterae Encyclicae «Deus caritas est» (25 Decembri 2005), in AAS 98 (2006) 217-252.

- Litterae Encyclicae «Caritas in Veritate» (29 Junii 2009), in AAS 101 (2009), 641-709.

- Adhortatio apostolica postsynodalis «Verbum Domini» (30.09.2010, in AAS (2020), 683-684.

- «Celebração Eucarística. Homilia do Santo Padre Bento XVI. Avenida dos Aliados, Porto» (14.05.2010), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, nº 20 (15.05.2010), 14.

- *Luz do Mundo – O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos*, Lucerna, Cascais, 2010.

- «Mensagem ao Congresso Mundial de Pastoral de peregrinações e santuários» (08.09.2010), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, nº 40 (02.10.2010), 7.

- *Jesus de Nazaré. Parte II - Da Entrada de Jerusalém até à Ressurreição*, Pricipia editora, Cascais, 2011.

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO (25.01.1983), cânon 1230, in AAS 75II (1983).

COMISSÃO NACIONAL DA PASTORAL DO DOMINGO, *Pastoral do Domingo. Jesus Cristo. Pão partido para um mundo novo*, edição do secretariado do Congresso Eucarístico Internacional, 9, Lisboa, 1980.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA - COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOCTRINA DA FÉ, DO ANÚNCIO E DA CATEQUESE, *Carta aos que procuram Deus*, edição da Conferência Episcopal Portuguesa, Moscavide, 2010.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Como eu vos fiz, fazei vós também. Para um rosto missionário da Igreja em Portugal*, ed. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Moscavide, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «Carta da Congregação para o Clero aos reitores de santuários», in *Sedoc* vol. 44, nº 347 (Julho-Agosto 2011), 62-70.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA, «Para uma Pastoral da Cultura» (23.05.1999), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 24 (12.06.1999), 5-13.

- *Documento final da assembleia plenária «"Via pulchritudinis". Caminho de evangelização e de diálogo»* (27-28.03.2006), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, nº 17 (29.03.2006), 6-13.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, «*O Santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo*» (08.05. 1999), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, nº 22 (29.05.1999), 7-16.

- «Le pèlerinage dans le grand Jubilé de l'an 2000» (11-04-1998), in *La Documentation Catholique* 13 (05.07.1998) 604-618.

- «Fifth European Congress of Pilgrimages and Shrines: Pilgrimages and Shrines, Paths of Peace, Spaces of Mercy» (11.09.2007), in *People on the Move*, nº 107 (suppl.) (10-13.08.2008).

IOANNES PAULUS PP. II, Litterae Encyclicae «*Laborem Exercens*» (14 Septembris 1981), in *AAS* 73 (1981) 577-647.

- Litterae Encyclicae «*Sollicitudo Rei Socialis*» (30 Decembris 1987), in *AAS* 80 (1988), 513-586.

- Litterae Encyclicae «*Redemptoris Missio*» (7 Decembris 1990), in *AAS* 83 (1991), 249-340.

- ADHORTATIO APOSTOLICA POSTSYNODALIS «PASTORES DABO VOBIS» (25 AUGUSTI 1992), IN AAS 84 (1992), 657-804.
  
- Epistula Apostolica «Novo Millennio Ineunte», in AAS 93 (2001), 266-309.
  
- «Discurso aos Participantes no II Congresso Mundial da Pastoral do Turismo» (10.11.1979), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 46 (18.11.1979), 7.
  
- «Saudação ao povo de Courmayer: Expressar novas formas de turismo a fim de educar para o acolhimento» (07.09.1986), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 37 (14.09.1986), 4.
  
- «Tecnologia e Natureza: dois desafios para o turismo no alvorecer do século XXI» (29.07.2000), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 33 (12.08.2000), 5.
  
- «Discurso na Catedral de Baltimore» (08.10.1995), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 42 (21.10.1995), 7.
  
- «Mensagem para a Jornada Mundial da Paz (08.12.1995), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 50 (16.12.1995), 1.
  
- «Carta aos artistas» (04.04.1999), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 18 (01.05.1999), 4-8.
  
- «Homilia na Eucaristia do Jubileu dos Migrantes e Itinerantes» (02.06.2000), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 24 (10.06.2000), 3.
  
- «Ecoturismo, chave do desenvolvimento sustentável» (27.09.2002), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 40 (05.10.2002), 1.
  
- «Alocução da Audiência geral: A beleza da Alegria e a Beleza do Amor» (25.07.1979), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 30 (22.07.1979), 1.

PAULUS PP. VI, «Messaggio ai Partecipanti al I Simposio Internazionale sulla Pastorale del Turismo», in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 194 (24.08.1963), 2.

- «Ai Fedeli nella Preghiera dell'Angelus» (08.08.1971), *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 33 (15.08.1971), 2.

- «Ai Fedeli nella Preghiera dell'Angelus» (18.06.1972), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 26 (25.06.1972), 9.

- «Ai Fedeli nella Preghiera dell'Angelus» (30.07.1972), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 32 (06.08.1972), 2.

- «Ai Fedeli nella Preghiera dell'Angelus» (30.07.1978), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 32 (06.08.1978), 1.

- Carta da Pontifícia Comissão para a Pastoral das Migrações e Turismo, «A Igreja e a Mobilidade Humana», in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, n° 22 (443), (28.05.1978), 7-9.

- «Discorso ai Partipanti al I Convegno Italiano dei Sacerdoti delle Località Turistiche su "Turismo e Pastorale"», in AAS 55 (1963), 232-238.

PONTIFICIA COMMISSIONE PER LA PASTORALE DELLE MIGRAZIONI E DEL TURISMO, *Lettera alle Conferenze Episcopali «Chiesa e Mobilità Umana»* (04.05.1978), in AAS 70 (1978), 357-378.

PONTIFICIO CONSIGLIO DELLA PASTORALE PER I MIGRANTI E GLI ITINERANTI, *Magistero Pontificio e Documenti della Santa Sede sulla Pastoral del Turismo*, Liberia Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2009.

- «Orientamenti per la Pastorale del Turismo» (29.06.2001), Liberia Editrice Vaticana, prima edizione, Città del Vaticano, Maggio 2009, 254-276.

SACRA CONGREGATIO PRO CLERIS, Directorium Generale «Peregrinans in Terra», pro Ministerio Pastoral quoad Turismum (27.03.1969), in AAS 61 (10.06.1969), 361-384.

SACROSSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Pastoralis «Gaudium et Spes» (7 Decembri 1965), in AAS 58 (1966), 1025-1115.

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA - COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Do tempo livre à libertação do tempo*, Cadernos do Sicómoro / 1, Moscavide, Junho de 2008.

SODANO, Cardeal Angelo, «Mensagem para a Jornada Mundial do Turismo» (16.07.2005), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 31 (30.07.2005), 3.

- «Mensagem para o Dia Mundial do Turismo» (08.09.2006), in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, 40 (07.10.2006), 6.

### **Fontes secundárias**

ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE FÁTIMA, *O Presente do Homem – o Futuro de Deus. O lugar dos Santuários na relação com o Sagrado*, Congresso de Fátima (10-12 de Outubro de 2003), coordenação Faculdade de Teologia – UCP, Fátima, 2004.

ACTAS DO SIMPÓSIO MARIOLÓGICO DE N.ª S.ª DA PENHA, UCP, Braga, 1994.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO CULTURAL E RELIGIOSO: OPORTUNIDADE E DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI, Ed. Turel, Abril 2008.

AA.VV., *Compêndio de Turismo*, Coleção Ciência e Técnica, Instituto Piaget, Lisboa, 2007.



AAVV., *Peregrinação e Piedade Popular*, edição do Secretariado Geral do Episcopado de Lisboa, Cadernos de Pastoral 3, 1998.

AA. VV., *Une nouvelle chance pour l'évangile. Vers une pastorale d'engendrement*, ed. Lumen Vitae / Novalis / Les éditions de l'Atelier, Bruxelles, 2004.

ABREU, José Paulo, «O século XX ou...As Muralhas Devassadas», conferência proferida no Instituto Superior de Teologia e Ciências Humanas de Viana do Castelo a 19 de Fevereiro de 2003.

ABUMANSSUR, Edin Sued (org.), *Turismo religioso. Ensaio Antropológico sobre Religião e Turismo*, Coleção Turismo, Papirus Editora, São Paulo, 1998.

ALEXANDRE, José Alberto Afonso, *O Turismo em Portugal - Evolução e Distribuição*, Universidade de Aveiro (Departamento de Ambiente e Ordenamento), 15 de Fevereiro de 2001, 1-2.

ANDRESEN, Sophia M. Breyner, *Contos Exemplares*, ed. Portugália, Lisboa, s. d.

BASTARD, Joan, *Corresponsabilidade e Participação na Paróquia. O Conselho Pastoral Paroquial*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007.

BEAUCHAMP, Paul, *La récit, la lettre et le corps*, ed. Cerf, Paris, 1992.

BIANCHI, Enzo, *Les mots de la vie intérieure*, Cerf, Paris, 2001.

- *Para uma Ética Partilhada*, Pedra Angular, tradução Artur Morão, Lisboa, 2009.

BIANCHI, Enzo - CORTI, Renato, *A Paróquia*, Paulinas, Prior Velho, 2006.

BOUYER, Louis, *L'Eglise de Dieu. Corps du Christ et Temple de l'Esprit*, Cerf, Paris 1970.

BOYER, Marc, *História do Turismo de Massa*, Editora Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), Bauru (São Paulo), 2003.

BRAVO, Antonio, *Ministros de la Nueva Alianza*, Ediciones Sígueme, colección Nueva Alianza (202), Salamanca, 2007.

BUBER, Martin, *Comunidade, Do Diálogo e do Dialógico*, Ed. Perspectiva, S. Paulo, 1982.

BURBRIDGE, Horacio A., *El Turismo a la Luz de los Documentos Sociales de la Iglesia*, Argentina, 2001.

BURRUEZO, Pedro (coord.), *Ecología y Espiritualidade*, ediciones Obelisco, Barcelona, 2008.

CARDOSO, Isabel Maria Alçada, *Domingo, Dia da Ressurreição. Uma abordagem a partir da literatura cristã anterior a Constantino*, Paulus, Lisboa, 2012.

COUTO, D. António, *Pentateuco. Caminho da Vida agraciada*, UCP, Lisboa, 2003.

CREPALDI, Giampaolo - TOGNI, Paolo, *Ecologia ambiental e ecologia humana. Políticas do ambiente e a Doutrina Social da Igreja*, Diel, Lisboa, 2009.

DIDACHÉ E DOCTRINA APOSTOLORUM, Philokalia Colecção de textos Patrísticos (nº5), Faculdade de Teologia - UCP, Lisboa, 2004.

DUQUE, João Manuel, *O Excesso de Dom. Sobre a identidade do cristianismo*, edição Alcalá, Philotheia (nº2), Maio 2004.

DUQUE, Olga Fernandes - DUQUE, João Manuel, *Educar para a Diferença*, Alcalá, Braga, 2005.

EIGEN, Manfred - WINKLER, Ruthild, *O Jogo. As leis naturais que regulam o acaso*, Gradiva, Ciência Aberta (28), Lisboa, 1989.

ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Edição «livros do Brasil», Lisboa, s.d.

EUVÉ, François, *Penser la Création comme Jeu*, Cogitatio Fidei (219), Cerf, Paris 2000.

EXUPERY, A. Saint, *Sentido para a Vida*, ed. Aster, Lisboa, s. d.

FLECHA, José-Román, *Moral de la Sexualidade. La Vida en el Amor*, Ediciones Sigueme, colección Lux Mundi (nº 82), Salamanca, 2005.

- *Moral Social, La vida en comunidad*, Ediciones Sígueme, vol. 84, Salamanca, 2007.

FLORISTÁN, Cassiano (dir.), *Nuevo Diccionario de Pastoral*, San Pablo, Madrid, 2002.

FORTUNA, Carlos, *Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de Sociologia*, Celta Editora, Oeiras, 2001.

FRAGUAS, Antonio, *Romarías e Santuarios*, editorial Galaxia, 2ª edición, Biblioteca básica da cultura galega (nº20), Vigo, 1989.

FROMM, Erich, *A Arte de Amar*, Pergaminho, Cascais 2002.

GIL, José - CATROGA, Fernando, *O Ensaísmo Trágico de Eduardo Lourenço*, Relógio d'Água, Lisboa 1996.

GEVAERT, Joseph, *El Problema del Hombre. Introducción a la Antropología Filosófica*, ediciones Sigueme, colección Lux Mundi, nº41, Salamanca, 2005.

GUARDINI, Romano, *O Senhor. Meditações sobre a pessoa e vida de Jesus Cristo*, Livraria Morais Editora, 2ª edição, Lisboa, 1966.

- *El Espíritu de la Liturgia*, Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 2000.

GARMUS, Ludovico, *Romeiros de Ontem e de Hoje. Peregrinação e Romaria na Bíblia*, editora Vozes, Estudos Bíblicos (28), Rio de Janeiro, 1990.

GRÜN, Anselm, *Caminar. Hacia una Teología del Peregrinar*, San Pablo, Madrid, 2007.

- *La Sabiduría del Peregrino*, editorial Sal Terrae, colección «ST Breve» (73), Santander, 2009.

HERVIEU-LÉGER, Danièle, *O peregrino e o Convertido*, religião aberta (3), Gradiva, Lisboa, 2005.

HOBBSAWM, Eric, *A Era dos Extremos*, Ed. Presença, Lisboa, 1996.

JACQUARD, Albert, *Acuso a Economia Triunfante*, Publicações Europa América, Mira-Sintra, 1996.

LANDES, David S., *A Riqueza e a Pobreza das Nações. Por que são umas Nações tão ricas e outras tão pobres*, Publicações Gradiva, 1ª edição, Lisboa, 2001.

LIMA, José da Silva, *A Peregrinação. Percursos e Palavra*, Estudos Gerais-Série Universitária, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2007.

- «Como pode o Turismo contribuir para o crescimento espiritual, para uma avaliação positiva do turismo e da sua pastoral», CONFERÊNCIA PROFERIDA NA *Reunião Europeia da Pastoral do Turismo*, Vaticano, 29-30 de Abril de 2009.

- *Entre Rezas e Romarias. Piedade Popular e Prática Pastoral*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011.

KASPER, Walter, *El Dios JesusCristo*, ediciones Sígueme, 7ª edición, Verdade e Imagem (89) Salamanca, 2005.

- *Jesús, El Cristo*, ediciones Sígueme, 12ª edición colección Verdade e Imagen (45), Salamanca, 2006.

MARTINEZ, Julio L., *Ciudadania, Migraciones y Religión: Un Diálogo Ético desde da Fé Cristiana*, San Pablo, Madrid, 2007.

MARTINI, Carlo Maria, *Estou à Porta*, edições Paulistas, Lisboa, 1993.

MARCEL, Gabriel, *Homo Viator. Prolegómenos a uma metafísica de la esperança*, Hermeneia, 63, Edições Sígueme, Salamanca, 2005.

MARTO, António – RAVASI, Gianfranco – RUPNIK, Marko Ivan, *O Evangelho da Beleza*, Paulinas, Prior Velho, 2012.

MAZZA, Carlo (ed.), *Sulle strade dell'anima. Per un turismo dal volto umano*, San Paolo, Milano, 2004.

MENDONÇA, José Tolentino, *O Hipopótamo de Deus e Outros Textos. Cristianismo e Cultura*, 2ª edição (Novembro), Assírio & Alvim, Lisboa, 2010.

MOLTMANN, Jürgen, *O homem mistério a desvendar*, Paulistas, Apelação, 1976.

- *El camino de Jesuscristo*, Sígueme, Salamanca, 1993.

MORIN, Edgar - BOCCHI, Gianluca - CERUTI, Mauro, *Os problemas do fim do século*, Ed. Notícias, Lisboa, 1991.

MOURÃO, José Augusto, *A Palavra e o Espelho*, Paulinas, Lisboa, 2000.

- *Quem Vigia o Vento não semeia*, Pedra Angular, Lisboa, 2011.

NAMORA, Fernando, *A Nave de Pedra. Cadernos de um escritor*, Ed. Bertrand, Amadora 1975.

NOUWEN, Henri J. M., *O Curador Ferido. O ministério na sociedade contemporânea*, Paulinas, 2ª edição, Prior-Velho, Outubro 2010.

PEREIRA, Pedro, *Peregrinos: Um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*, Instituto Piaget, colecção Crença e Razão (42), Lisboa, 2003.

PEREIRA, Varico da Costa, *Turismo Cultural e religioso em Braga e Santiago de Compostela: Proposta de criação de um produto conjunto*, (Relatórios), Xunta de Galicia, 2008.

POUPARD, Cardeal Paul, *Onde está o teu Deus? A fé cristã e a indiferença religiosa*, (Documento final da Assembleia Plenária do Conselho Pontifício da Cultura), Militia Sanctae Mariae, colecção Nova et Vetera (1), Braga, 2007.

QUESNEL, Michel, *Jesus, o Homem e o Filho de Deus*, Gradiva, colecção Religião Aberta, Lisboa, 2005, 168.

RAHNER, Karl, *O desafio de ser cristão*, Vozes, Petrópolis, 1978.

RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Pricipia editora, Cascais, 2005.

- *O Caminho Pascal*, Lucerna, Cascais, 2006.

REY, Bernard, *Esse Jesus chamado Cristo. Deus assume um Rosto*, Ed. Paulistas, Lisboa 1990.

*Relatos de um Peregrino Russo ao seu Pai Espiritual*, (Tradução Maria Teresa Ferreira), Paulinas, Prior Velho, 2007.

ROUSSEL, Romain, *Les pèlerinages a travers les siècles*, Payot, Paris, 1954.

SANTOS, Maria da Graça, *Espiritualidade, Turismo e Território - Estudo geográfico de Fátima*, Editora Príncipeia, 1ª Edição, Estoril, 2006.

SECCAL, Rafael Esteve, *Turismo y Religión. Aproximación a la historia del turismo religioso*, Universidade de Málaga, Estudios y Ensayos (65), Málaga, 2002.

SELADOC, Equipo (coord.), *Religiosidade Popular*, Ediciones Sígueme, materiales (13), Salamanca, 1976.

SILVA, Manuel Fernando Sousa e, *Direito Sacramental I. Sacramentos da Iniciação Cristã e Sacramentos*, Universidade Católica Portuguesa Editora, Coleção Estudos Teológicos (36), Lisboa, 2004.

SILVA, Vicente Ferreira da, «Os Pastores do Ser», in *Dialéctica das Consciências e outros ensaios*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Estudos Gerais. Série Universitária, Lisboa 2002.

SONNET, Jean-Pierre, *Il Canto del Viaggio. Camminare com la Bibbia in mano*, Edizioni Qiqajon, Sympathetika, Magnano (Biella), 2009.

TAMAYAO-ACOSTA, Juan (dir.), *10 palabras clave sobre Globalizacion*, Editorial Verbo Divino, Pamplona, 2002.

TONINI, Norberto, *Etica e Turismo. La Sfida Possibile*, San Paolo edizioni, col. Problemi dibattiti, Milano, 2010.

TORGA, Miguel, *Diário XII*, ed. do autor, Coimbra, 1977.

VECOLI, Fabrizio - KHÂN, Gabriele Mandel, *Dicionário das Religiões. Peregrinações I*, nº 15, edição Público, Lisboa, 2011.

WEIL, Simone, *A Gravidade e a Graça - Mística do Trabalho*, Relógio d'Água, Lisboa, 2004.

YANGAS, Javier A., *Ecología en perspectiva salvífica*, Universidad de Deusto, Cuadernos de Teología Deusto (23), Bilbao, 2000.

## Bibliografia complementar

ALVES, M. Isidro, «Raízes Bíblicas do Homem Peregrino», in *Theologica* (separata) 2ª série, Vol. XXXI, Fasc. 1 (1996), 189-200.

BORRAS, A., «Appartenance à l'Église ou itinérance ecclésiale», in *Lumen Vitae* 2 (1993), 163-184.

COSTA, Carlos, «Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo», in *Análise Social*, 175 (2005), 275-296.

COSTA, Miguel Dias, «Implicações ético-políticas da globalização como Ideologia», in *Brotéria* 159 (2004), 441-452.

COUTO, D. António, «Jesus, Santuário de Deus para o Homem», in *Bíblica* 16 (2007), 133-141.

DIAS, D. ANTONINO, «Os Santuários, lugares de evangelização», in *Bíblica* 16 (2007), 63-80.

FALCÃO, José António, «O património religioso, sinal de identidade e recurso ao serviço do desenvolvimento» in *Boletim de Pastoral Litúrgica* 104 (2001), 135-139.

LIMA, José da Silva, «As festas e o homem», in *Communio* 1 (1987), 35-46.

MARTINS, António, «A Festa. O Amen da Criação», in *Communio* 1 (1999), 17-30.

MOURÃO, José Augusto, «A conversão: a viagem-imóvel», in *Humanística e Teologia* 15 (1994), 303-327.

PARELLADA, Josep-Enric, «Quelle pastorale d'accueil dans les Sanctuaires pour encourager les pèlerins au Sacrement de la Pénitence ou Réconciliation?» (11.09.2007), in *People on the Move*, nº 107 (suppl.) (10-13.08.2008), 105-111.



PENTEADO, Pedro, «A construção da memória nos centros da peregrinação», in *Communio* 4 (1997), 329-344.

PEREIRA, Fernando Micael, «A Peregrinação, fenómeno humano e religioso», in *Communio* 4 (1997), 316-328.

PEREIRA, F. J. Micael, «Tempo de graça», in *Communio* 1 (1999), 5-16.

RAVASI, Gianfranco, «Abraão e o povo de Deus peregrino», in *Communio* 4 (1997), 293-302.

RIES, Julien, «O Universo das peregrinações», in *Communio* 4 (1997), 310-315.

SANTOS, Manuel Costa, «A teologia face à cultura», in *Cenáculo*, 2ª série, XXV, 98 (1985-86), 240-265.

STUBENRAUNCH, Bertram, «Aldeia Global e Igreja Universal», in *Communio* 4 (2000), 317-332.

STILWELL, Peter, «Globalização e Testemunho Profético da Igreja», in *Communio* 4 (2000), 311-316.

## Webgrafia

<http://www.cristoeacidade.pt>.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo\\_sexual](http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo_sexual).

<http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=31086&lan=ita>

<http://www.digital.ipcprintservices.com/publication/?i=41641>

<http://www.turismoymercado.com>.

<http://www.ujaen.es/huesped/rae>.

<http://www.jornalolince.com.br/2008/fev/ agora/ turismo.php>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo\\_religioso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo_religioso)

[http://portoguaia.no.sapo.pt/diversos\\_tipos\\_de\\_turismo.htm](http://portoguaia.no.sapo.pt/diversos_tipos_de_turismo.htm)

<http://www.destinoportugal.com.pt/Turismo%20Religioso.htm>

<http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>.

<http://www.radiovaticana.org/por/articolo.asp?c=497270>,

[http://www.snpcultura.org/paisagens\\_a\\_janela.html](http://www.snpcultura.org/paisagens_a_janela.html)

<http://www.portal.ecclesia.pt/ocpm/noticia.asp?noticiaid=33465>

## ÍNDICE

Introdução .....	4
------------------	---

## **I Capítulo - O Tempo do Turismo**

1. As raízes do turismo .....	11
2. Turismo e globalização .....	14
3. Definição de turismo .....	18

## **II Capítulo - Turismo Religioso: da Peregrinação ao Santuário**

1. A peregrinação .....	20
1.1. Conceito e características da peregrinação .....	22
1.2. Na origem: a peregrinação .....	24
1.3. A festa aliada à/da peregrinação .....	27
2. O despertar do turismo religioso .....	31
2.1. Conceito(s) de turismo religioso: uma ou várias faces? .....	33
2.2. Turista peregrino ou peregrino turista? .....	39
3. O santuário .....	42
3.1 (In)definição de santuário .....	43
3.2 O espaço e o tempo do santuário .....	45

## **III Capítulo - A Teologia do Turismo**

1. Um sentido para este caminhar... ..	50
2. Tempo imperativo: o trabalho .....	53
3. Tempo de graça: o lazer .....	55
4. O turismo e a dignidade da pessoa .....	61

5. O turismo e a ecologia .....	68
6. Deus aponta o Caminho .....	76
6.1. Deus joga com Abraão .....	77
6.2. ‘A saída sem retorno’ .....	80
6.3. «Eu sou o Caminho» .....	83

#### IV Capítulo - A Pastoral do Turismo

1. A Igreja e o Turismo .....	89
1.1. Pio XII .....	90
1.2. João XXIII .....	91
1.3. Paulo VI .....	92
1.4. Concílio Vaticano II .....	94
1.5. João Paulo II .....	95
1.6. Bento XVI .....	99
2. Uma oportunidade de evangelização .....	104
2.1. Kerigma: o anúncio da Palavra .....	107
2.2. Liturgia: a celebração do mistério .....	109
2.3. Diaconia: o serviço do acolhimento .....	111
2.3.1. Santuários e Peregrinações .....	114
2.3.2. Turismo Religioso .....	118
Conclusão .....	122
Bibliografia .....	131